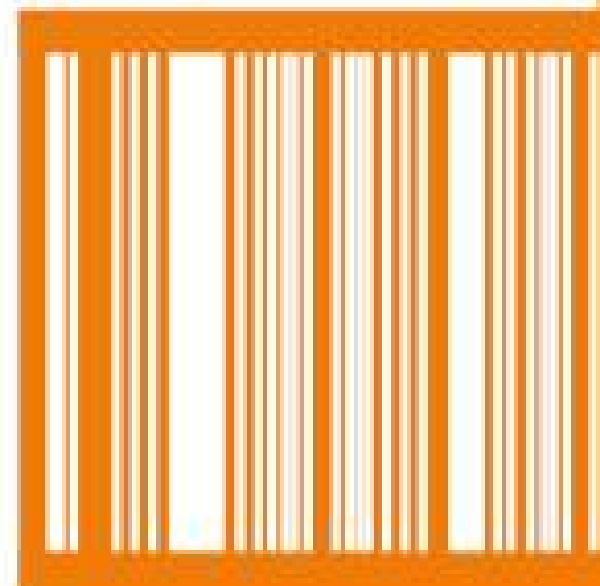




m

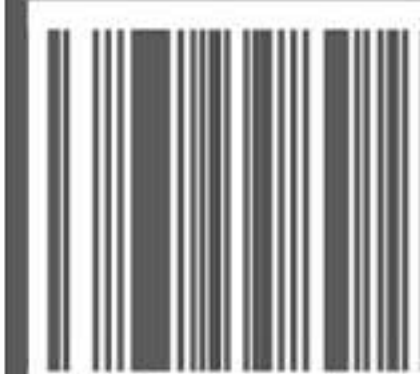


mulher,
código de
conduta

UM MANIFESTO FEMINISTA



m



**mulher,
código de
conduta**

UM MANIFESTO FEMINISTA

**DE DESTERRITORIZAÇÃO CULTURAL DA
MULHER OBJETIFICADA, IMPRESSO EM 9 CARDS**

UFRJ | Centro de Letras e Artes (CLA)
Escola de Belas Artes (EBA)
Departamento de Comunicação Visual | BAV

Projeto e monografia de graduação em Comunicação Visual Design | 2018.1

Orientanda: Andressa Viana de Salles Liebermann Pinto
Orientadora: Elizabeth Jacob

agradecimentos

Agradeço à minha família, aos que estão por aqui e aos que estão em outras vibrações — pais, avós, tios e primos — e às famílias de outras famílias (e que de algum jeito também se tornaram parte da minha família) que sempre me receberam tão bem, me deram carinho, cuidado, apoio, base e estrutura para que eu pudesse escolher os meus próprios caminhos.

Agradeço à amiga Hanna Carolina Martins de Oliveira por iluminar, com tanta facilidade e bom humor, todos dias (principalmente os mais sombrios) e dar sentido a cada momento. Agradeço por tanto companheirismo, carinho, amor e paciência ao acompanhar bem de perto essa trajetória, ajudando e incentivando quando eu mesma já não acreditava mais em mim.

Agradeço à grande amiga de toda uma vida que me ajudou a crescer em muitos sentidos durante, não só a minha jornada acadêmica, mas também por todos os dias que vieram antes de depois disso. À essa figura de incríveis habilidades, principalmente a capacidade de ser mais do que ela própria, estendendo sua generosidade em prol daqueles que ama, a professora, mestre, doutoranda e educadora Alice Moraes, muito obrigada.

Agradeço à amiga, feminista, ativista e intelectual Michelle Trancoso por todas as horas que compartilhou, além do seu vasto conhecimento, suas experiências de vida. Por tantos pequenos, grande e vários pedidos de socorro,

obrigada Michelle, por muito mais que apenas esclarecimentos.

Um muitíssimo obrigada aos amigos Amanda Pinheiro, Ana Carolina Nascimento, Mariana Loyo, Tássia Carvalho, Gabriela Araújo, Nathália Ronfini, Paula Norato, Kime Rodrigues, Guilherme Rodrigues, Thadeu Cupello, Bárbara Lima, Joana Ferreira, Natália Alexandre, Rafael Carone, Frini Georgakopoulos e a tantos outros que me ouviram falar repetidamente sobre o meu projeto e que contribuíram de alguma maneira para sua conclusão e desdobramentos.

Ao amigo Luã, obrigada por me levar carinho e felicidade (importantes combustíveis para seguir adiante) sempre que foi ao meu encontro, pessoal ou virtualmente.

Agradeço aos professores Raquel Ponte, Carlos Azambuja e Daniel Moura por todo conhecimento, informação, cultura, estudo e esclarecimento compartilhados. Obrigada ainda pela atenção, generosidade e disponibilidade em diferentes etapas do processo.

Muito obrigada à Escola de Belas Artes e ao curso de Comunicação Visual da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO por me abraçar. E a todas as suas adjacências — o corpo docente, os funcionários, alunos, ex-alunos e todos que deixaram sua marca, fazem e fizeram da EBA um fervor de cria-

tividade, cultura e conhecimento — obrigada por impactar a minha história e me fazer sentir em casa.

Um super obrigada à amiga e incrível orientadora Elizabeth Jacob, sem a qual esse projeto não teria a mesma cara, o mesmo peso ou um décimo do significado. Obrigada por enxergar, acreditar e confiar no potencial que eu ainda tento ver em mim. Obrigada por todas as conversas, em qualquer hora do dia (e da madrugada), e por dividir comigo sua imensa sabedoria, enorme bagagem e experiência, as mais variadas referências, suas extraordinárias competências e por fazer tudo isso de um jeito tão maravilhoso, leve, alegre, gentil, afetuoso, maternal e com muita grandeza.

Agradecimento especial às mulheres, grandes protagonistas desse enredo. Somos resistência!

A todas, todes e todos, muito obrigada. Foi um prazer!

Obrigada

família
amores
todes
amigos
igga
ufrj
todas
professores
orientadora
todos
eba

resumo

PINTO, Andressa Viana de Salles Liebermann. **MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: Um manifesto feminista de desterritorialização cultural da mulher objetificada, impresso em 9 cards.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual – Design) Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Livro-objeto com 9 cards ilustrados que têm o intuito de alertar e denunciar o modo como nos relacionamos com a imagem que se criou em torno da figura feminina na sociedade. O objetivo do projeto gráfico é despertar a conscientização a respeito das mais diversas situações desagradáveis, abuso, dominação, repressão, perseguição, intolerância e tantos outros tipos de violência que as mulheres precisam vencer diariamente. As ilustrações de caráter feminista ora criticam comportamentos opressores, violentos e machistas e ora destacam a força e legitimidade da desterritorialização cultural da mulher objetificada. O produto final tem como proposta a produção de um material lúdico que funciona de maneira interativa e que extrapola a barreira do livro convencional. Os cards podem ser usados individualmente, no entanto sua leitura só se faz completa em conjunto, muito embora a essência da substância reverbere as dimensões do impresso.

Palavras-chave: feminismo, ilustração, livro-objeto, mulher, resistência feminina.

abstract

PINTO, Andressa Viana de Salles Liebermann. **WOMAN, CODE OF CONDUCT: A feminist manifest about the cultural deterritorialization of objectified women, printed in 9 cards.** Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A book-object with 9 illustrated cards that aim to alert and denounce the way we relate to the image that has been created around the female figure in society. The goal of this graphic project is to raise awareness of the more diverse unpleasant situations, abuse, domination, repression, persecution, intolerance and so many other types of violence that women must overcome daily. The feminist illustrations criticize oppressive, violent and sexist behaviors against women but also highlight the strength and legitimacy of the cultural deterritorialization of the objectified woman. The final product has the proposal of producing interactive play material that goes beyond the conventional book barrier. Cards can be used individually, however their reading is only complete together, although the essence of the substance reverberates the print dimensions.

Keywords: book-object, female resistance, feminism, illustration, woman.

1. introdução

2. justificativa

3. objetivo

4. objeto de estudo

1.1 LEITURA NO BRASIL

1.2 FAIXA ETÁRIA

1.3 LIVRO ILUSTRADO –
O QUE É?

1.4 CLASSIFICAÇÃO DOS
LIVROS ILUSTRADOS

1.5 PARA ADULTOS

5. o que é livro-objeto?

6. objeto de estudo

1.1 TEMÁTICA

1.2 FEMINISMO EM FOCO

1.3 A PESQUISA

1.4 O DESENVOLVIMENTO
DO PRODUTO

1.5 OS CARDS

1.6 A CAIXA

1.7 A LUVA

7. conclusão

8. bibliografia

introdução

Trabalho geralmente é assim: as pessoas de **texto** falam pelos cotovelos e brigam com quem **diagrama**. Quem administra não pode se calar e levanta a voz até contra quem está ao telefone. Quem toma decisões discute com todos. A pessoa em **silêncio** geralmente é o **ilustrador**.

ilustrador
texto
silêncio
diagrama
drama
revelam
ilustrador
silêncio
diagrama
comédia

ponto
de prazer
vis camera
ta texto

ilustrador

Nem todo ilustrador é tímido e introspectivo, mas todos têm dentro de si uma **câmera** registrando o que acontece ao seu redor. Quando o **drama** e a **comédia** de estar vivo se **revelam**, a pessoa que silenciosamente **registra** cada nuance e movimento geralmente é o ilustrador.

câmera

revelam silêncio

Isso até o momento em que você tem o **prazer** e a sorte de encontrar um **ilustrador** de folga, geralmente num bar. Dê um pouco de corda e ele deixa de ser uma **câmera** para se tornar um **projedor**. Revelam-se **histórias** do **ponto de vista** de quem vive de medir de cima a baixo o ser humano - e nesse momento, aí de quem quiser fazê-lo se calar. (...)

”

histórias

Bebel Abreu e André Valente
Editores

texto
ilustrador
projedor

histórias

Trecho retirado da coleção
Com a Palavra, Os Ilustradores, 2014

Mandacaru - editora

QUANDO TUDO ERA FOLHA

Tudo começa pelo gosto de desenhar. Gosto de desenhar, desde a infância, pela experimentação da liberdade de criar formas. Desenhar me permitia ser ou fazer aquilo que eu não conseguia na “vida real”. Além disso, ainda que as linhas extrapolassem as áreas do papel, podendo alcançar outros olhares e outras críticas que não as minhas, o contato inicial com o desenho era, e continua sendo, absolutamente solitário. Trata-se de um momento introspectivo de aprofundamento de questões internas, vontades e decisões individuais, ou seja, um momento íntimo de reflexão, ainda que inconsciente, sem julgamentos e interferências externas. Por outro lado, por mais pessoal que seja esse ato de introversão — quase que como um estágio de meditação - esse jornada interior não anula as influências de referências externas diversas das quais me aproprio, seja no campo das artes visuais, no campo musical e/ou literário.

A relação com a folha em branco sempre me atraiu, apesar de também me assustar. Tantas possibilidades para um espaço em branco torna difícil a tarefa de saber por onde começar, mesmo assim, o papel é um confidente que guarda intenções por vezes inalcançáveis, ainda que revele formas e informações. O papel aceita sem julgamento todo e qualquer anseio de desabafo e criação. Depois de violado, cabe a mim a decisão de expor, guardar ou dar cabo de todas as intenções, sejam elas mal representadas ou não.

Durante um longo período da graduação, me dediquei ao conhecimento e prática de ensaios imagéticos no campo da fotografia, deixando o desenho

e a ilustração um pouco de lado, muito embora fossem áreas das quais, a princípio, eu me sentia mais íntima. Assim, este foi um momento de experimentação e autoconhecimento dentro do Design Gráfico. No entanto, vez ou outra eu me questionava sobre o distanciamento daquilo que por anos havia sido a melhor companhia em muitas ocasiões. Já passava da hora de sair da zona de conforto, me desafiar, enfrentar o medo de fracassar dentro daquilo que sempre me pareceu mais familiar. Estudantes da área, nos vemos diante desse estranho momento de inibição. Se antes éramos muito acostumados a enxergar e desenvolver as perspectivas do traço melhor do que a maioria, e isso nos parecia especialmente particular, de repente estamos inseridos num ambiente em que todos entendem tanto quanto ou bem mais e isso intimida. O desenho me remete aos dias de infância, é a minha Terra do Nunca. As palavras, o meu espelho mágico. E a possibilidade de criar um projeto que unisse os dois campos, desenho e palavra, é sem dúvida, meu país das maravilhas, cercado de fenomenologias, obstáculos e confusões. É a observação dos anseios do mundo exterior com a peculiaridade do universo interior.

A escolha do manifesto ilustrado, como veículo de alerta e intervenção, determina o início de um resgate a essa identidade reprimida. O tema de análise, que será incorporado ao produto final, também atravessa um momento de libertação de antigos valores. Intercomunicar os dois propósitos se mostra um exercício de autoconhecimento e investigação experimental sobre o processo gráfico e criativo de concepção da ilustração, que dialoga inerente e articuladamente com a tipografia. É hora de se deixar permitir.

justificativa

Ainda que muitos assuntos como empoderamento, feminismo, questões de gênero e liberdade sexual venham sendo discutidas com bastante ênfase e mais clareza, quebrando alguns tabus, as estatísticas de violências contra as mulheres seguem em números alarmantes.

Segundo o site hojeemdia.com.br, de acordo com um estudo feito pelo Datafolha, 503 mulheres são vítimas de agressões físicas, verbais ou psicológicas a cada hora no Brasil; dentre as mulheres que sofrem violência, 61% dos casos, o agressor é conhecido; em 43% das violências aconteceram na própria casa e 10,4% foram assediadas fisicamente no transporte público. A pesquisa aponta que a maior parte das agressões relatadas aconteceu com mulheres negras (32%) e pardas (31%), e os números que relatam violências com mulheres brancas, contabilizam 25%. Isso, fora os tantos outros números assustadores que revelam, em pleno 2018, que a mulher é humilhada, ridicularizada, torturada, magoada, molestada e completamente desrespeitada. Como desenvolver uma mensagem de alerta a esse tipo de comportamento? Como elaborar um material de denúncia? E como não fazer desse instrumento um veículo que destaque apenas momentos de dor e sofrimento?

A busca por respostas para as três perguntas traz a reflexão sobre a responsabilidade da função social do designer gráfico.

“Designers e profissionais de criação têm uma responsabilidade e são capazes de provocar mudanças reais no mundo, através de um bom design.”

[Victor Papanek]

No estudo *Bases Comuns do Design: uma discussão sobre o impacto e papel social do design*, os autores discorrem sobre a análise e pesquisa em áreas que não são de interesse da indústria e que viabilizam o bem-estar por meio de suas propostas. Apontam ainda que o engajamento, em diferentes áreas, na busca pelo uso consciente das possibilidades do design, funcionam como combustível para compor um ambiente de responsabilidade ética e social. No caso da proposta de projeto em questão, além de buscar uma forma mais lúdica de comunicar, o intuito é fazer com que a informação chegue de maneira interativa e eficiente. É de suma importância comunicar e recomunicar exaustivamente um assunto tão delicado, como o lugar da mulher na sociedade, as diferentes ações a que são submetidas diariamente e como o feminismo contribui para conquista de espaço e reconhecimento. Comunicar nesse caso tem um caráter de denúncia e alerta. É um compromisso público com a manutenção da dignidade e a luta por direitos iguais.

objetivo

O intuito do trabalho pretendido é a proposta inicial da elaboração de um livro-objeto que serve de consulta para a desconstrução dessa cultura machista, tendenciosa, limitadora e ditatorial acerca da imposição de um suposto padrão de conduta feminina, além de expor e advertir comportamentos dominadores, absolutistas, autoritários, depreciativos, pejorativos, prepotentes e ditatoriais, por fim, qualquer situação de violência em que a mulher é o indivíduo subjugado, constrangido e dominado. Confesso aqui o desejo de vomitar tudo que nos foi e (ainda é) jogado goela abaixo, mas de um jeito colorido, sem regras ou pudores, relacionando tipografia, imagem e a ocupação das duas linguagens, extrapolando a superfície proposta.

A intenção é fazer uso de recursos imagéticos, para despertar a reflexão e o questionamento consciente sobre a realidade feminina e de como nos relacionamos com as mulheres da nossa sociedade. A proposta do produto final é a produção de um material lúdico e interativo que tem como finalidade alertar os perigos gritantes e silenciosos de uma sociedade machista, além de tentar estimular um pouco de conscientização a respeito dos comportamentos cotidianos de um país que tem, segundo balanço da Folha de São Paulo (30/10/2017), 12 assassinatos de mulheres e 135 estupros por dia.

objeto de estudo

1.1 LEITURA NO BRASIL

Pesquisas apontam que a leitura é hábito de um pouco mais da metade da população brasileira. Divulgado em maio de 2016, pelo Instituto Pró-livro, o estudo revela que 56% da população tem o costume de ler. Entre os 5 mil entrevistados, de todas as regiões do país, 42% disseram ter o hábito de ler a bíblia; 22% leem livros religiosos, contos e romances; 16% são habituados com livros didáticos e 15% são pessoas que leem livro infantil.

Os gráficos retirados do livro *Retratos da Leitura no Brasil* de 2016, 4ª edição, publicado pela editora Sextante, revelam o quadro de gêneros que mais atraem os leitores e qual o perfil desse leitorado.

1.2 FAIXA ETÁRIA

A utilização de faixas etárias para designar os leitores de um determinado gênero de livro é um recurso que auxilia o trabalho de ordenação e categori-

zação da leitura literária. Muitas vezes esse encaixe no catálogo é feito pelo editor que analisa aspectos do livro tais como conteúdo, tipologia, formato, ilustração e a própria concepção do livro. Esses aspectos vão de acordo com as concepções e julgamentos de infância, juventude, leitura e literatura, do próprio editor, para se criar um aparato que acompanha, conduz e caracteriza os livros escolares. Tal indicação de idade foi uma forma de orientação e gerenciamento dos mediadores (família, escola, etc) para se ajustar à exigência do mercado escolar, como aponta o artigo da Publishnews “*Livro Tem Idade?*”.

Apesar de servir de guia para muitos mediadores que não estão tão familiarizados com o universo da leitura, seus códigos e possibilidades, essa classificação acaba por promover uma colocação arbitrária que restringe a extensão e a dimensão dos livros. A ensaísta, crítica literária, pesquisadora, professora, mestra e doutora Nelly Novaes Coelho (1922 – 2017) e sua proposta alternativa de catalogação por nível leitor, ao invés de faixa etária, em *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira* (1995), já foram de encontro à essa resistência de distribuição que atende apenas as normas do mercado escolar.

Gêneros que costuma ler

(%)

	2011	2015
Bíblia	42	42
Religiosos	30	22
Contos	23	22
Romance	31	22
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	32	16
Infantis	22	15
História em quadrinhos, gibis ou RPG	19	13
Poesia	20	12
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11	11
Ciências	-	10
Culinária, Artesanato, “Como Fazer”	7	10
Técnicos ou universitários, para formação profissional	-	10
Saúde e dietas	-	8
Biografias	11	8
Autoajuda	12	8
Artes	6	7
Juvenis	11	7
Educação ou pedagogia	-	6
Viagens e esportes	-	5
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	-	5
Enciclopédias e dicionários	9	4
Direito	-	3
Esoterismo ou ocultismo	2	2
Outros	1	-
Não sabe/Não respondeu	-	5
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO	-	2,8

Base: Leitores 2011 (2.506) / 2015 (2.798)

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

A proposta sugere o agrupamento, levando em consideração a diversidade dos níveis dos leitores, entre os leitores de uma mesma idade tendo em mente suas diferenças culturais, econômicas e de escolaridade.

Os dados a seguir mostram respectivamente por faixa etária e por escolaridade, os gêneros que os entrevistados mais costumam ler. Esse panorama aponta pluralidades e afinidades em subconjuntos, se considerada as condições, os fatores e o ambiente em que está inserido cada participante. Indica ainda a relevância de ponderamento a respeito de um novo arranjo de agrupamentos, que seria fundamental levar em conta outros fatores além dos que já são observados.

Gêneros que costuma ler: por faixa etária

(%)	2015	TOTAL	FAIXA ETÁRIA								
			5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
Base: Leitores		2798	307	204	321	403	254	474	332	439	66
Bíblia	42		32	31	24	39	39	49	56	52	63
Religiosos	22		14	6	12	17	25	27	30	35	34
Contos	22		37	40	31	23	21	12	14	13	11
Romance	22		8	20	33	33	25	20	18	19	16
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	16		23	27	21	23	18	15	10	6	0
Infantis	15		41	22	9	8	18	15	11	6	4
História em quadrinhos, gibis ou RPG	13		29	21	15	11	12	10	9	6	3
Poesia	12		14	27	19	14	10	8	7	8	7
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11		6	8	11	14	11	11	12	11	6
Ciências	10		22	21	15	8	9	6	8	5	3
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	10		6	3	3	9	12	12	13	17	3
Técnicos ou universitários, para formação profissional	10		0	0	3	19	17	16	10	7	0
Saúde e dietas	8		3	3	5	8	10	11	10	13	5
Biografias	8		5	6	12	12	10	7	8	7	3
Autoajuda	8		1	1	3	6	12	12	13	10	3
Artes	7		16	11	8	8	6	3	5	5	0
Juvenis	7		7	20	14	9	3	4	5	2	2
Educação ou pedagogia	6		5	5	4	9	5	9	7	2	0
Viagens e esportes	5		3	6	5	7	4	5	6	4	1
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	5		6	9	6	7	7	5	2	3	4
Enciclopédias e dicionários	4		4	3	4	6	2	4	5	1	1
Direito	3		1	1	2	6	5	4	2	3	1
Esoterismo ou ocultismo	2		0	0	0	1	1	1	4	4	0
Não sabe/Não respondeu	5		10	4	9	5	4	5	4	4	4
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO		2,8	3,1	3,0	2,8	3,1	2,9	2,8	2,8	2,5	1,8

Base baixa

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

Gêneros que costuma ler: por escolaridade

(%)	2015	TOTAL	ESCOLARIDADE			
			Fundamental I (1º ao 5º ano)	Fundamental II (6º ao 9º ano)	Ensino Médio	Ensino Superior
Base: Leitores		2.798	591	734	938	535
Bíblia		42	48	40	43	36
Religiosos		22	23	17	26	22
Contos		22	22	25	20	21
Romance		22	8	19	29	29
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso		16	13	14	14	28
Infantis		15	24	14	11	15
História em quadrinhos, gibis ou RPG		13	15	14	12	11
Poesia		12	9	14	13	11
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais		11	4	6	12	23
Ciências		10	13	12	7	12
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"		10	7	6	13	13
Técnicos ou universitários, para formação profissional		10	0	2	9	32
Saúde e dietas		8	5	6	10	13
Biografias		8	3	6	11	12
Autoajuda		8	2	3	9	17
Artes		7	10	7	5	6
Juvenis		7	4	10	6	7
Educação ou pedagogia		6	3	4	4	15
Viagens e esportes		5	2	4	6	8
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)		5	3	4	5	10
Enciclopédias e dicionários		4	2	3	4	6
Direito		3	0	1	3	10
Esoterismo ou ocultismo		2	0	1	2	4
Não sabe/Não respondeu		5	8	5	5	3
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO		2,8	2,4	2,4	2,9	3,7

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

Retratos da Leitura no Brasil 4, 2016

p. 216

Para a autora francesa Sophie Van der Linden (1973), em *Para Ler o Livro Ilustrado* (2011, Cosac Naif), o livro ilustrado não é um gênero apenas próprio do público infantil. Ele pode adotar em sua essência algumas tendências e características de um determinado segmento, mas sem constituir por si só um único gênero.

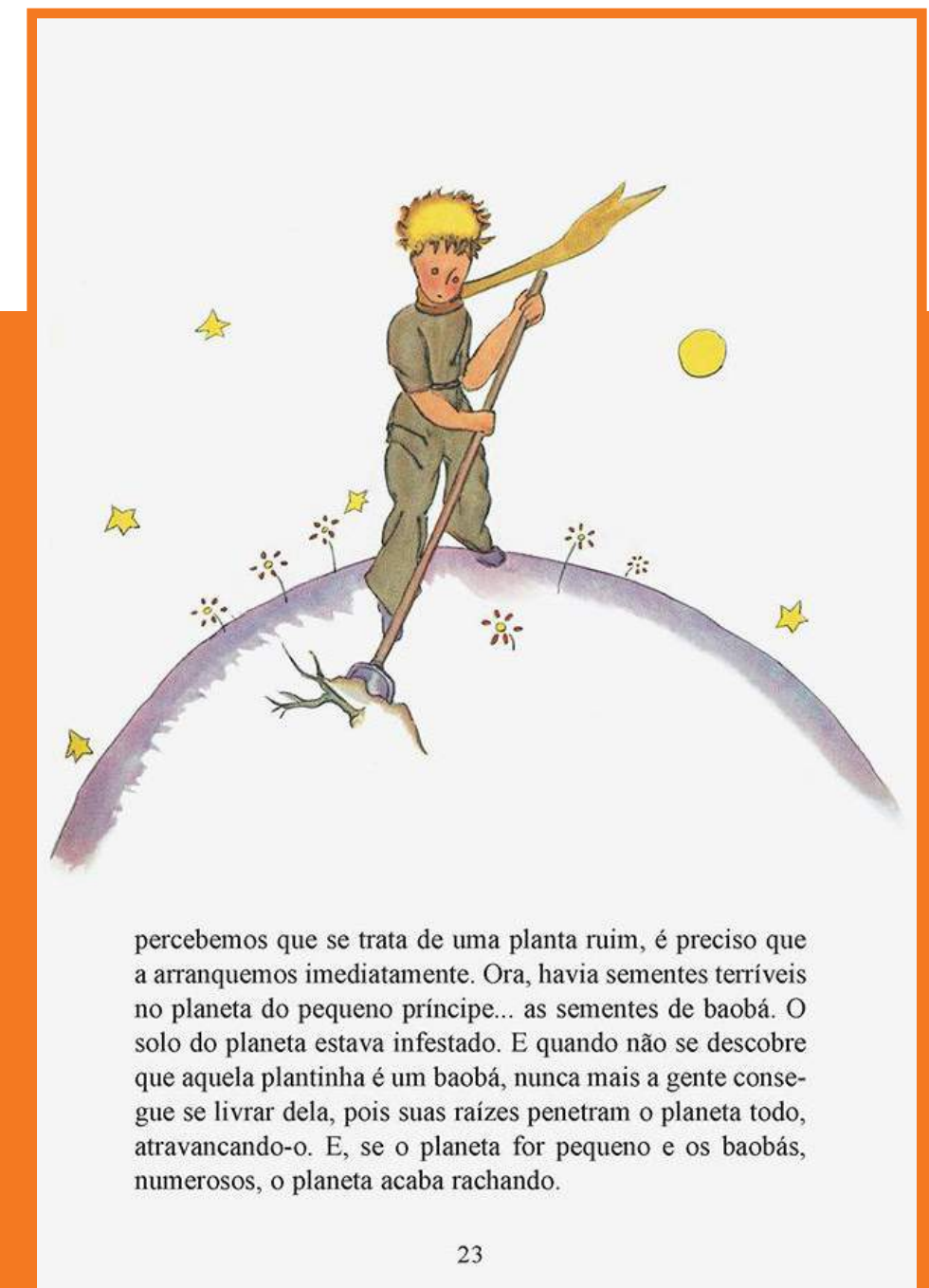
Os livros, sejam estes ilustrados ou não, sempre encontrarão leitores sensíveis em qualquer faixa etária. O mercado está cheio de sagas destinadas a um determinado público, mas que acabam abraçando leitores de diversas idades. O Pequeno Príncipe e as Aventuras de Alice no País das Maravilhas são exemplos de livros ilustrados que fazem esse trânsito entre gerações, independente de terem sido concebidos inicialmente como literatura infanto-juvenil e apesar da ideia de ilustrações em livros estar mais ligada a esse determinado público. As questões filosóficas e psicológicas que são abordadas nas respectivas histórias, contribuem para esse fluxo. Muitos leitores adultos têm se encantado com os livros ilustrados e essa inclinação tende a crescer à medida que os livros aprimoram seus recursos. O livro ilustrado vem permeando um caminho de desenvolvimento criativo afirmando o seu espaço, ultrapassando limites de materialidade, estilo ou técnica e sofisticando suas linguagens textual e imagética.



O Pequeno Príncipe, 2015

Antoine de Saint-Exupéry -
autor e ilustrador

Agir - editora



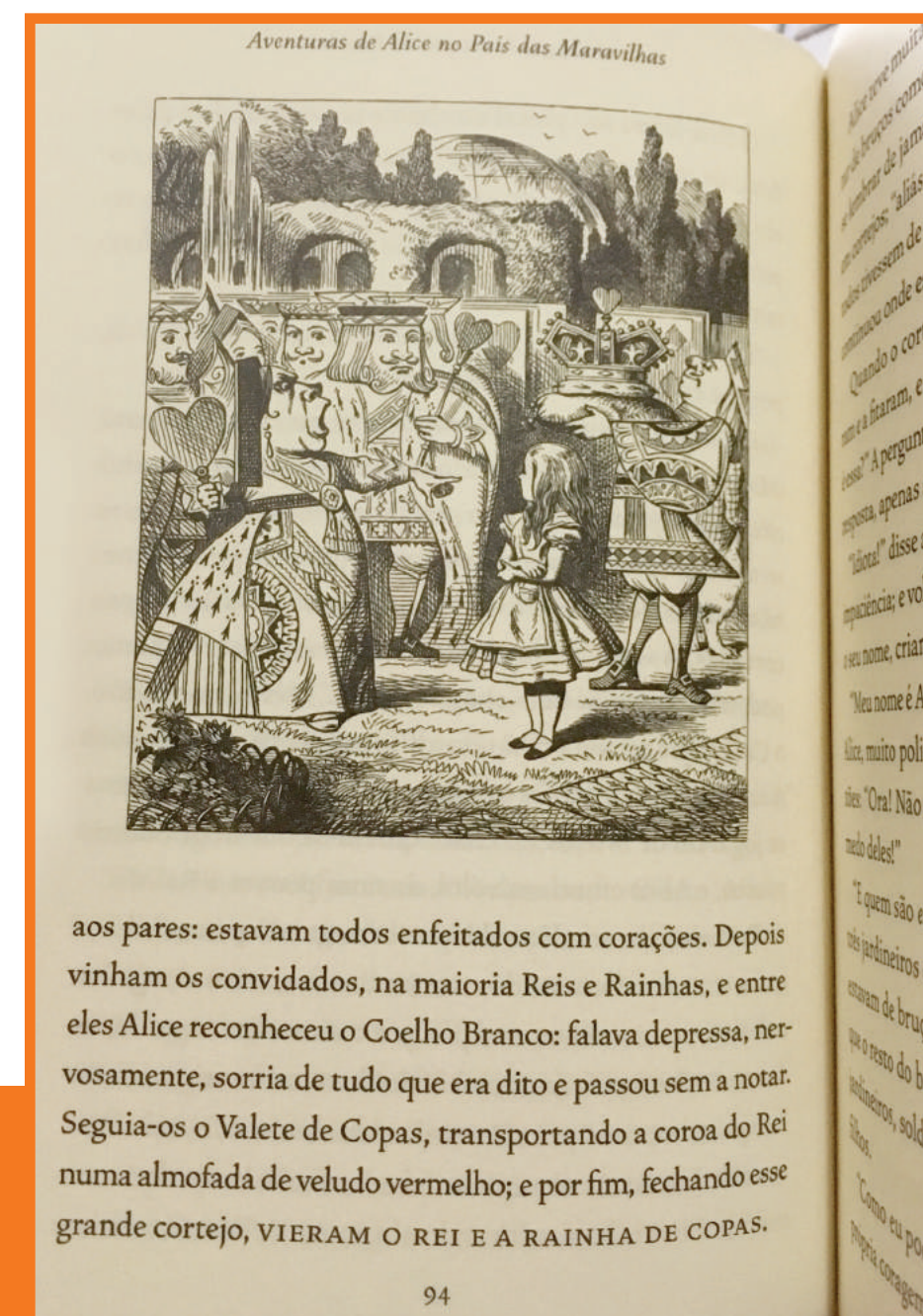


*Alice no País das Maravilhas
& Através do Espelho e O
Que Alice Encontrou Por Lá,*
2010

John Tenniel - ilustrador

Lewis Carroll - autor

Zahar - editora



LIVRO COM ILUSTRAÇÃO

1.3 LIVRO ILUSTRADO - O QUE É?

O livro ilustrado não possui um termo fixo em muitos países. Sua designação vai de acordo com o tipo de uso e estilo. O "álbum" ou "livre d'images" como é mais conhecido na França, está atrelado à concepção de "caderno ou arquivo pessoal destinado a acolher desenhos, fotos, autógrafos, coleções diversas", relata Linden (2011, p.23). Constituem ainda o quadro de nomenclaturas "álbum ilustrado" em Portugal, em espanhol "álbum" e "picturebook", "picture book" e "picture-book" na língua inglesa. No Brasil as terminologias são empregadas sem muita regra. "Livro ilustrado", "livro infantil contemporâneo", "livro de imagem", "livro com ilustração", "livro para criança" e "picturebook", são usualmente confundidos entre si.

As linguagens compreendidas no universo do livro ilustrado são as de texto e imagem. As duas devem dialogar de forma articulada e não redundante à narrativa. Sua leitura é também a contemplação do uso de formatos, enquadramentos, associação de representações, além da compreensão conjunta do potencial semiótico e semântico do visual e do textual.

1.4 CLASSIFICAÇÃO DOS LIVROS ILUSTRADOS

A classificação dos subgrupos de livros ilustrados e suas particularidades, a seguir, seguem os moldes de agrupamentos organizados no livro *Para Ler o Livro Ilustrado* (Sophie Van der Linden, 2011), a fim de apontar a melhor identificação de cada especificidade.

LIVROS COM ILUSTRAÇÃO

O texto sustenta a narrativa, é espacialmente predominante, autônomo e segue acompanhado de ilustrações.

PRIMEIRAS LEITURAS

Possui capítulos curtos e é voltado aos leitores em processo de formação. O layout se aproxima ao das histórias ilustradas.

LIVROS ILUSTRADOS

A imagem é espacialmente predominante. Sem ela a narrativa perde o sentido. Já o texto pode estar ausente sem que isso interfira no curso de entendimento.

HISTÓRIAS EM QUADRINHO

Narrativa sequenciada, com disposição compartimentada e justaposta, normalmente dividida em quadros e balões de fala. Fazem uso de imagens estáticas separadas que concluem um relato, conceito, informação ou história quando lidas em cadeia.

LIVROS POP-UP

Apresentam esquemas e dispositivos de esconderijos, abas, dobras, encaixes etc. que permitem desdobramentos e maleabilidades em três dimensões.

LIVROS BRINQUEDOS

Tidos como livro-objeto, dispõe de aparatos ou estão associados a elementos em três dimensões como pelúcia, figuras de plástico e outros, que promovem sensações e entretenimentos com o usuário.

LIVROS INTERATIVOS

São livros que revelam-se como suporte de inúmeras atividades (pintura, construções, recortes, colagens...) e podem apresentar materiais necessários para atividades manuais.

IMAGINATIVOS

Possuem engenharia material e aplicabilidade particular, inerente e intrínseca. Destinam-se ao aprendizado da linguagem através do reconhecimento de imagens correspondentes.

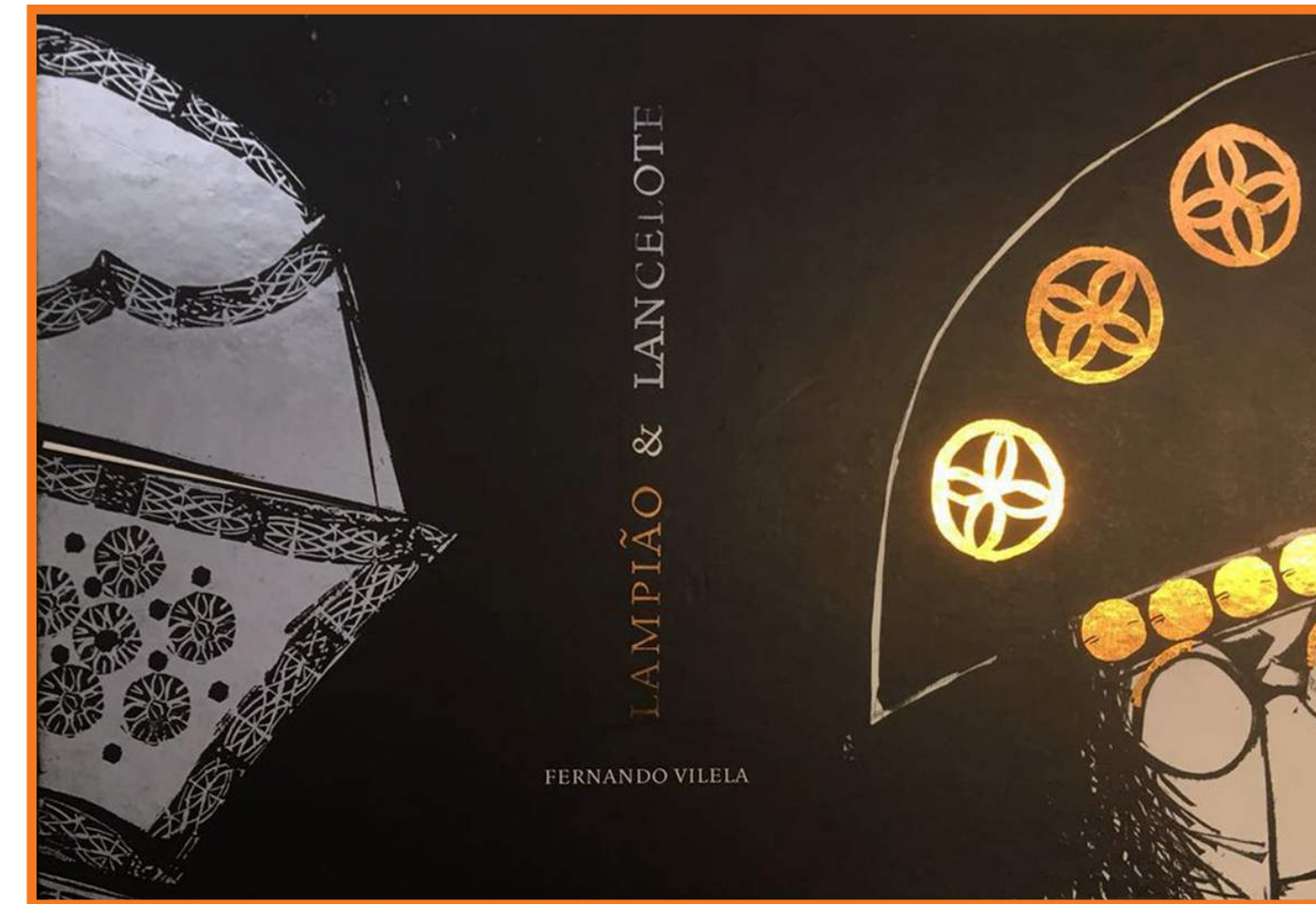
LIVRO-IMAGEM

Qualificação brasileira para livros com histórias contadas somente por imagens.

1.5 "PARA ADULTOS"

Sophie Van der Linden (p. 31), diz não haver dúvidas sobre o surgimento de uma editora de livros ilustrados "para adultos" e que esta adotará outros circuitos de criação, produção e mediação que não os do livro ilustrado infantil. Isso se deve ao crescente número de designers gráficos e ilustradores que optam por se aventurar nesse universo devido a grande diversidade de estilos plásticos, novos horizontes artísticos, qualidades formais e liberdade que ele oferece.

O livro *Lampião & Lancelote* é um exemplo da versatilidade de estilo plástico. A história que conta o encontro de dois universos paralelos, o medieval e o do cangaço, traz em sua narrativa textual e imagética a flexibilidade de arranjo dos elementos gráficos. A combinação de registros literários, como a rima e o improvisado do cordel, carimbados em prosa e verso, somados à cultura medieval, se harmonizam com as ilustrações em xilogravura para tecer uma batalha que extrapola as margens do papel.



Lampião & Lancelote, 2009

Fernando Vilela - ilustrador e autor

Cosac Naify - editora

O projeto ainda faz uso do recursos de páginas de flip, que se abrem para além das dimensões do livro , bem como o recorte da ilustração para o sangramento da área impressa ultrapassando a borda da página, sem que isso interfira de maneira negativa na ilustração. Muito pelo contrário. A escolha do enquadramento colabora para o aumento de apropriação e capacidade criativa.



Lampião & Lancelote, 2009

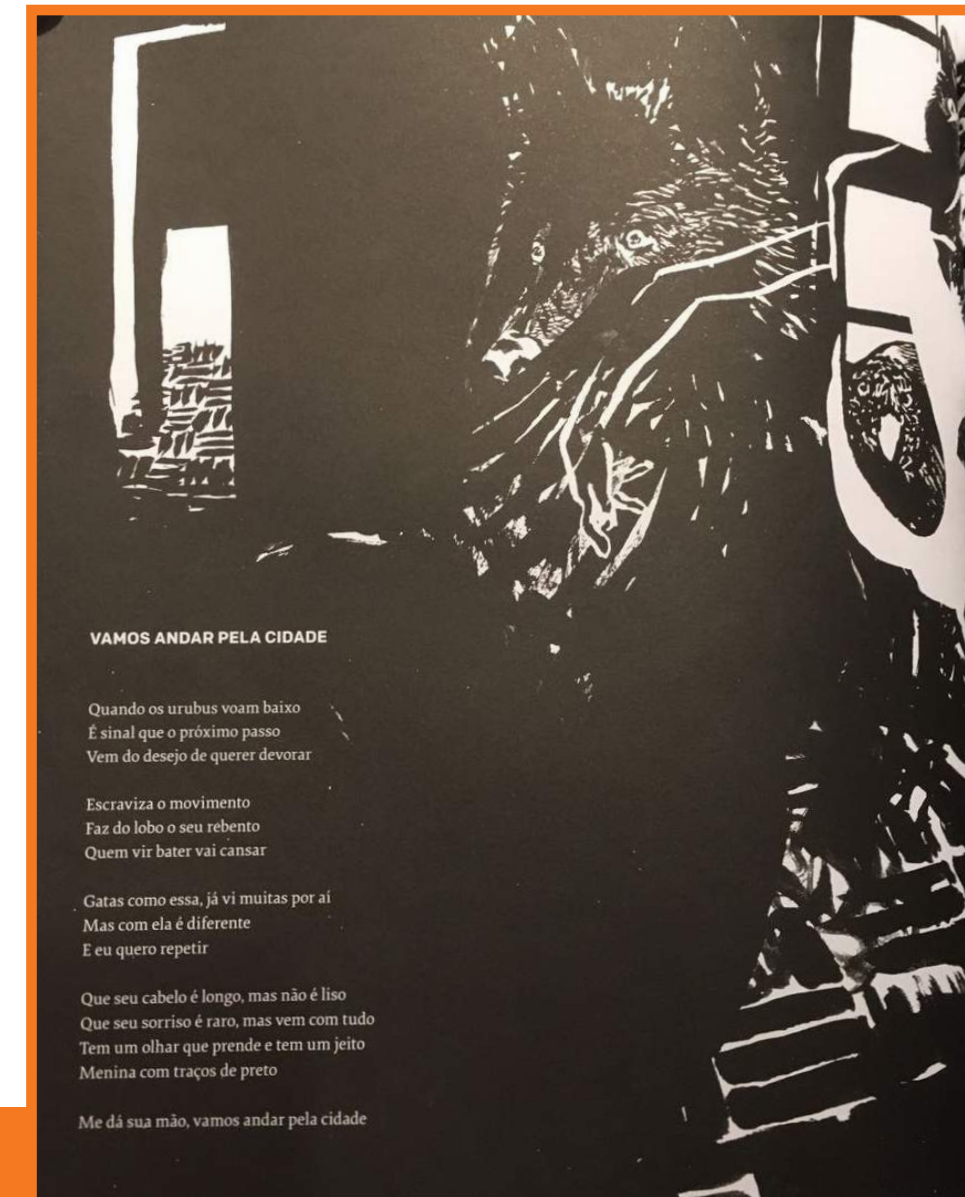
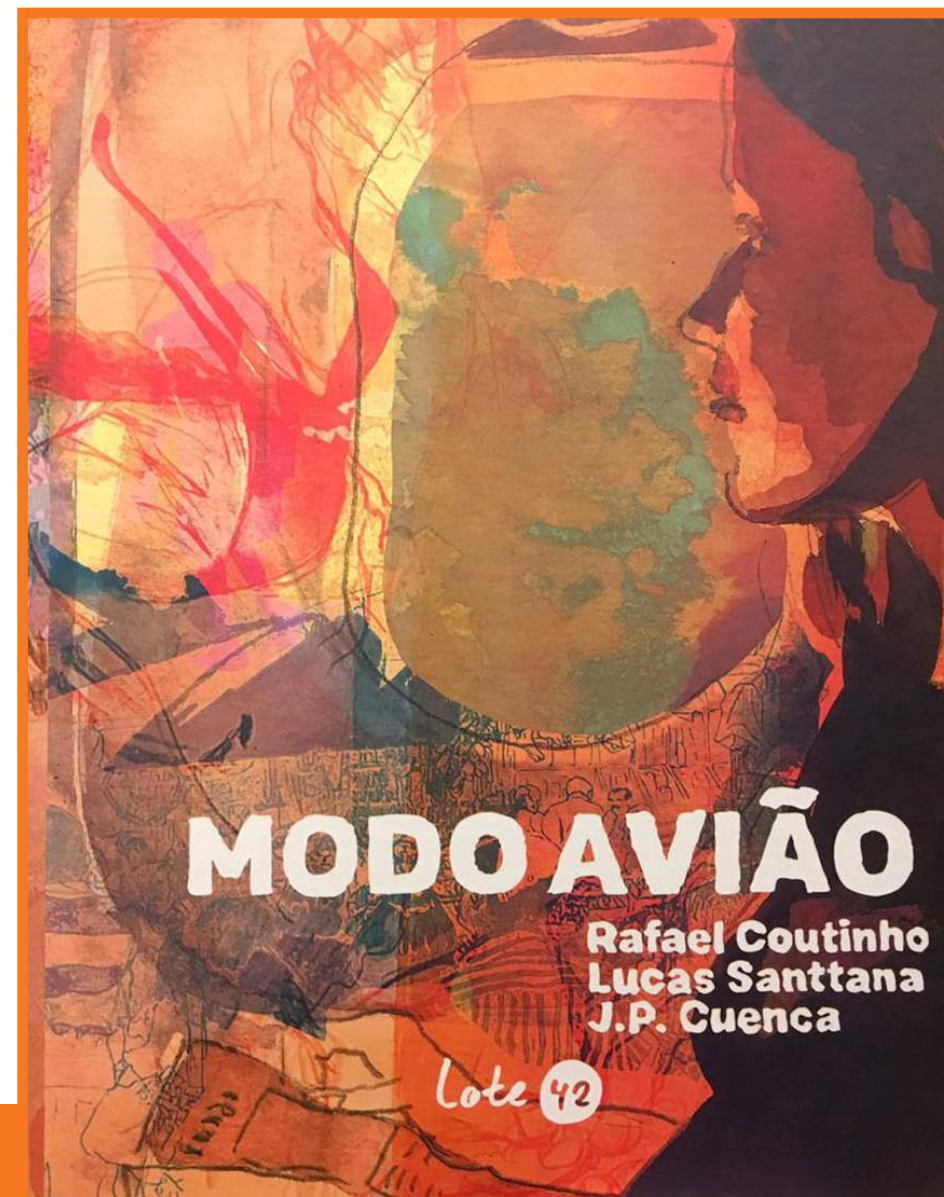
Fernando Vilela - ilustrador e autor

Cosac Naify - editora



Outro exemplo analisado durante a etapa de pesquisa foi o livro *Modo Avião*, com desenho de Rafael Coutinho, poesia de Lucas Santtana e prosa J.P. Cuenca, lançado pela Lote 42 em 2017.

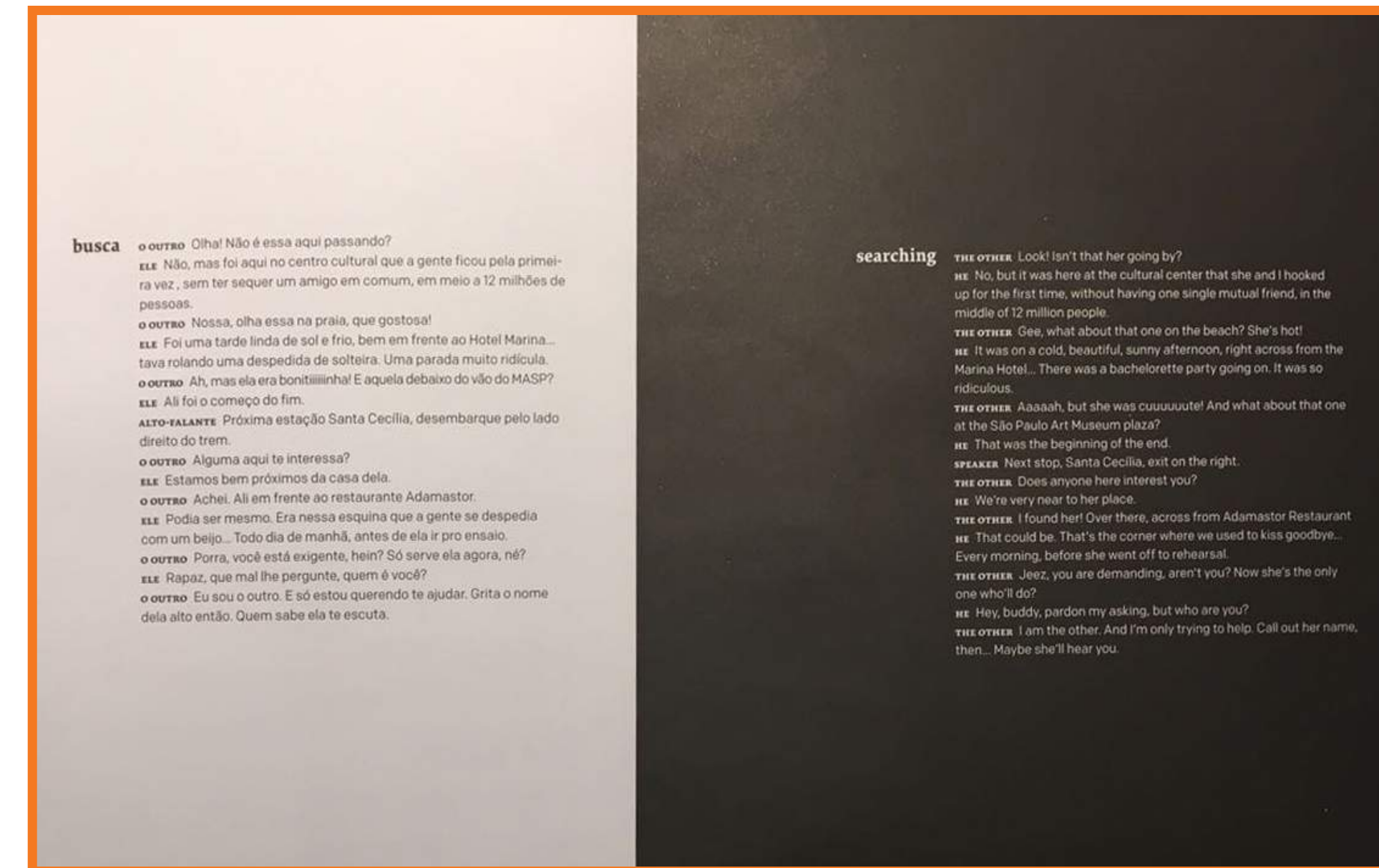
A publicação de 88 páginas compreende ilustrações de até um metro de largura que também apresentam sistema de flip como recurso gráfico de expansão. A narrativa do projeto alterna em alguns momentos a predominância espacial do texto, com a presença preponderante da imagem.



MODO AVIÃO, 2017

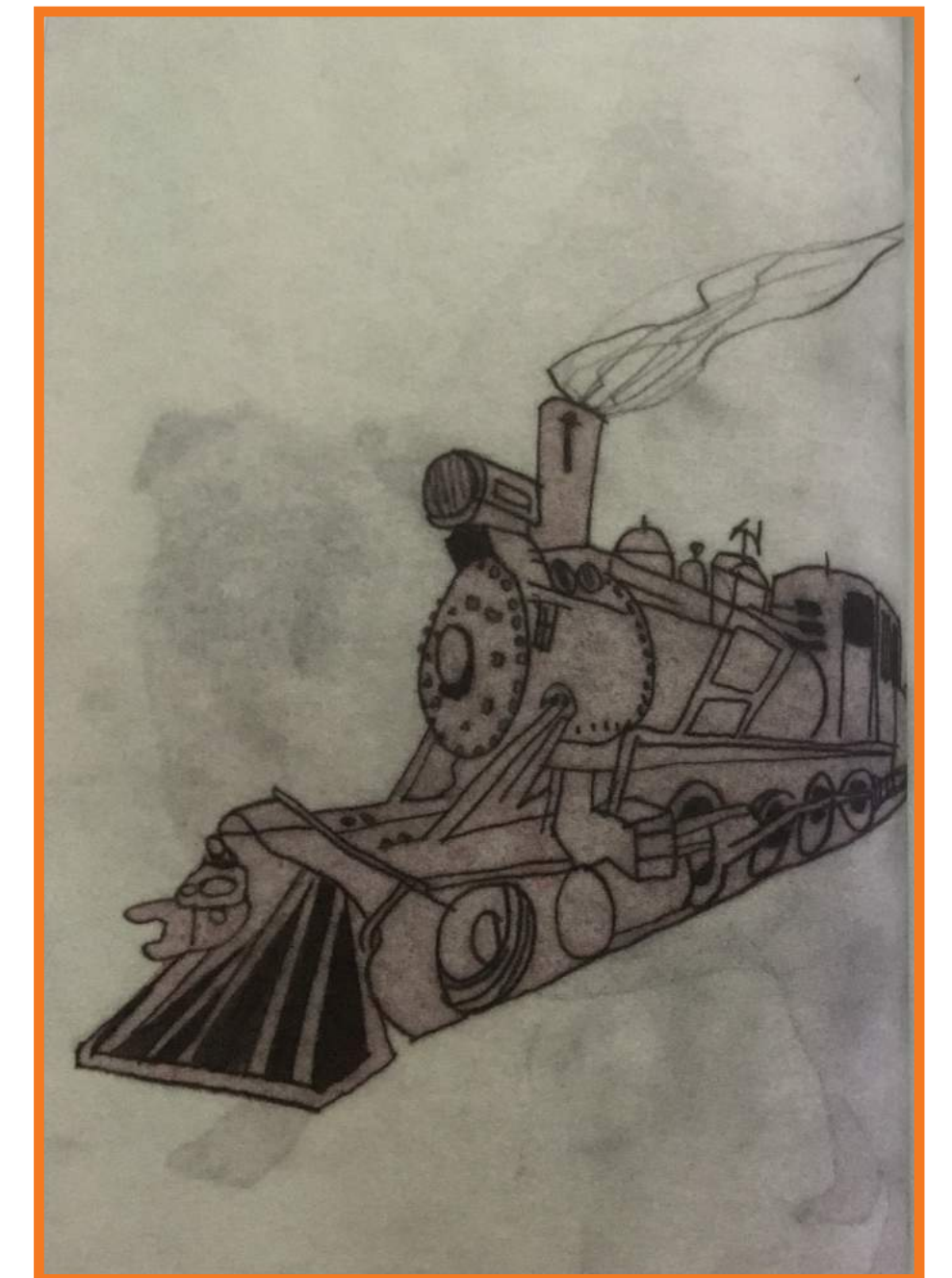
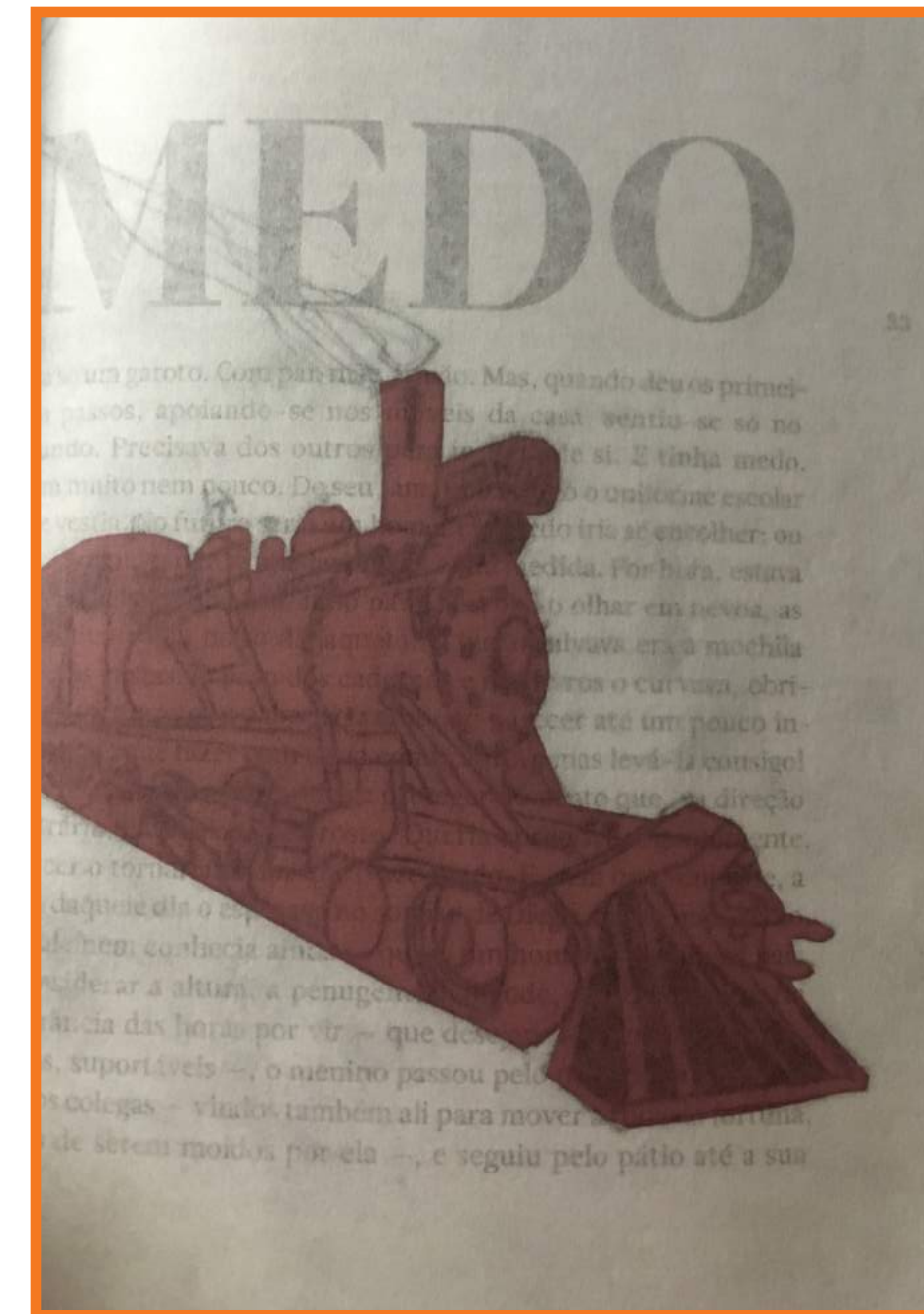
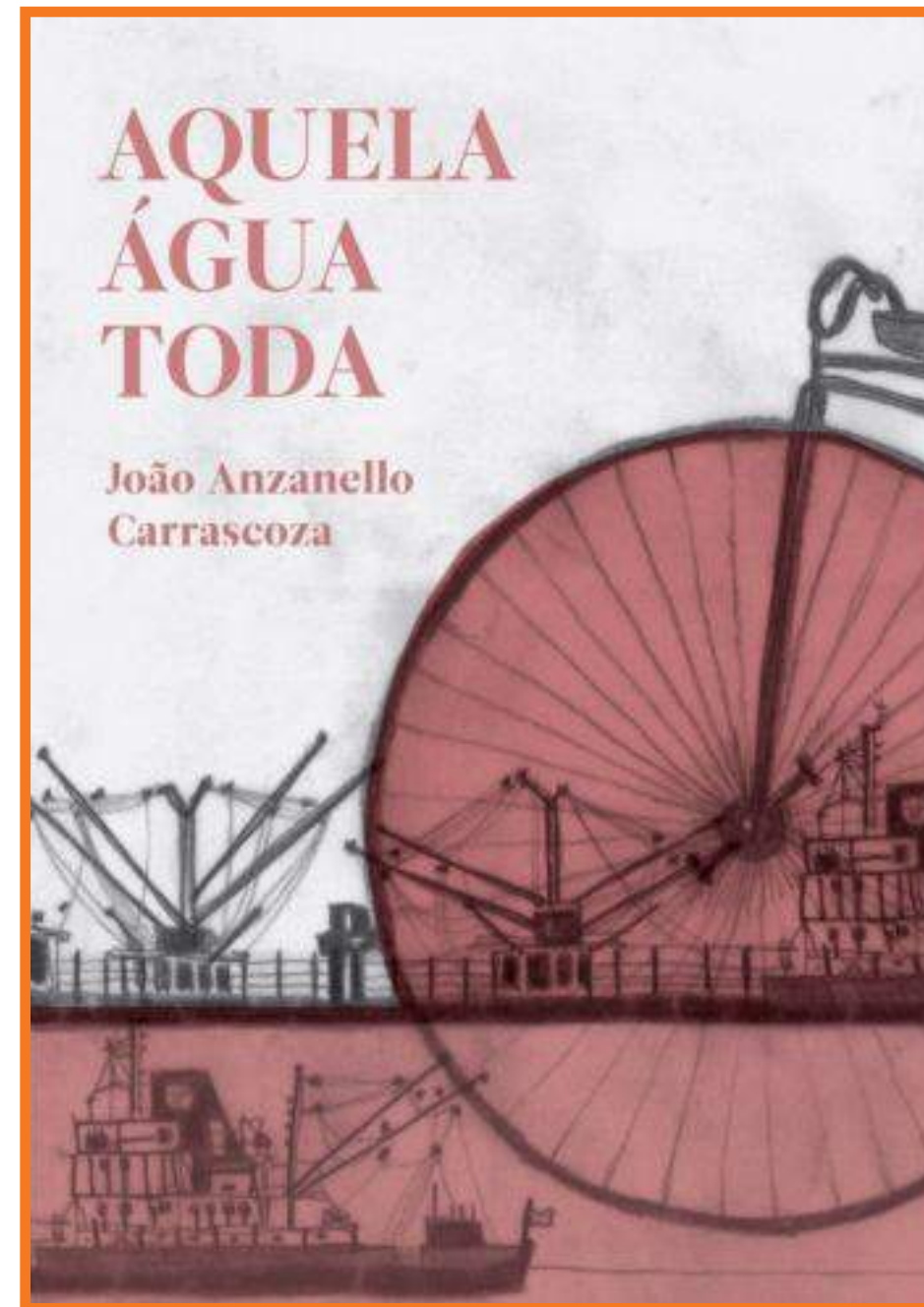
Rafael Coutinho - ilustrador
Lucas Santtana e J.P. Cuenca - autores

Lote 42 - editora



Explorando diferentes materiais na composição do livro, temos o projeto *Aquela Água Toda* de João Anzanello Carrascoza, com ilustrações de Leya Mira Brander, publicado pela editora Cosac Naify em 2012.

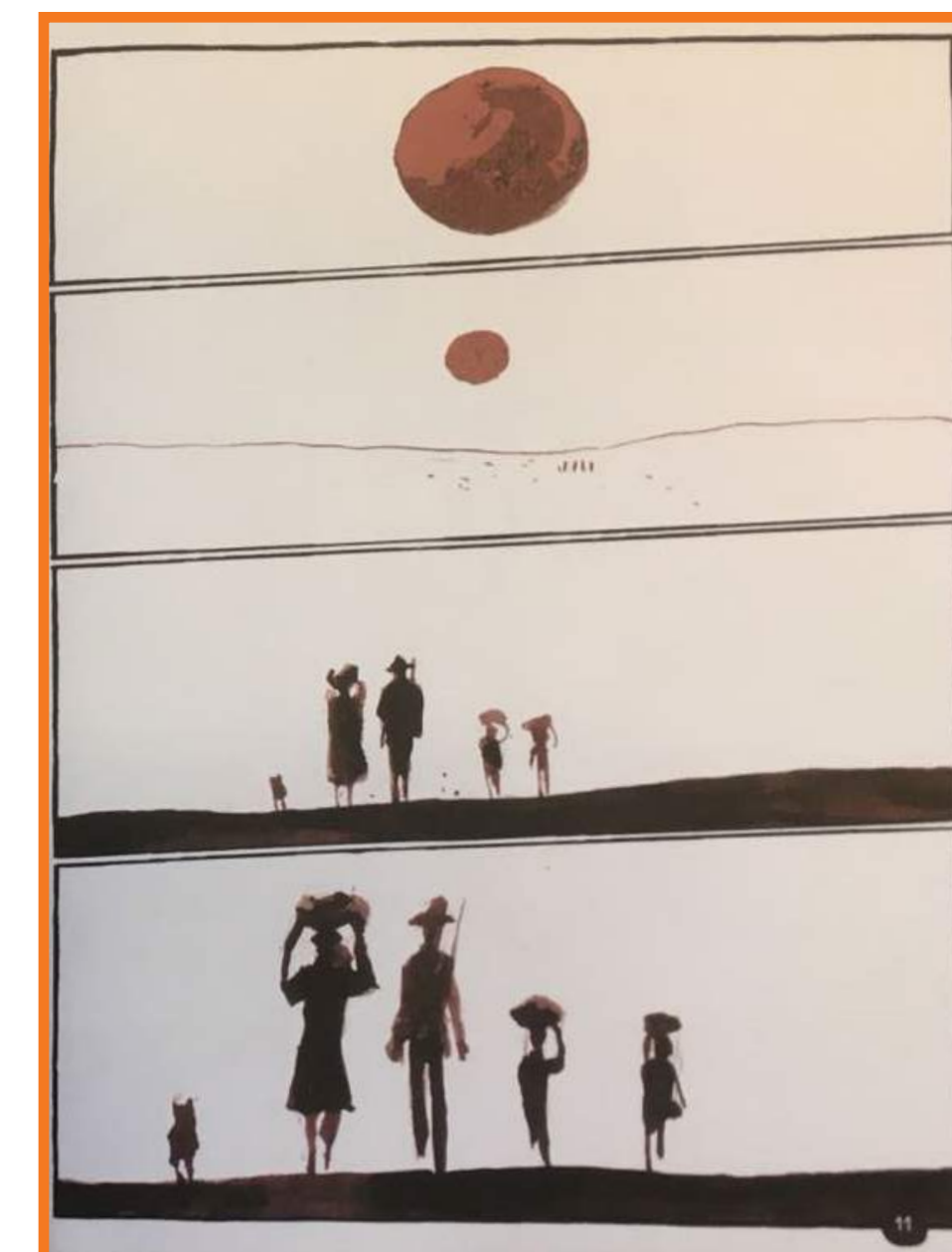
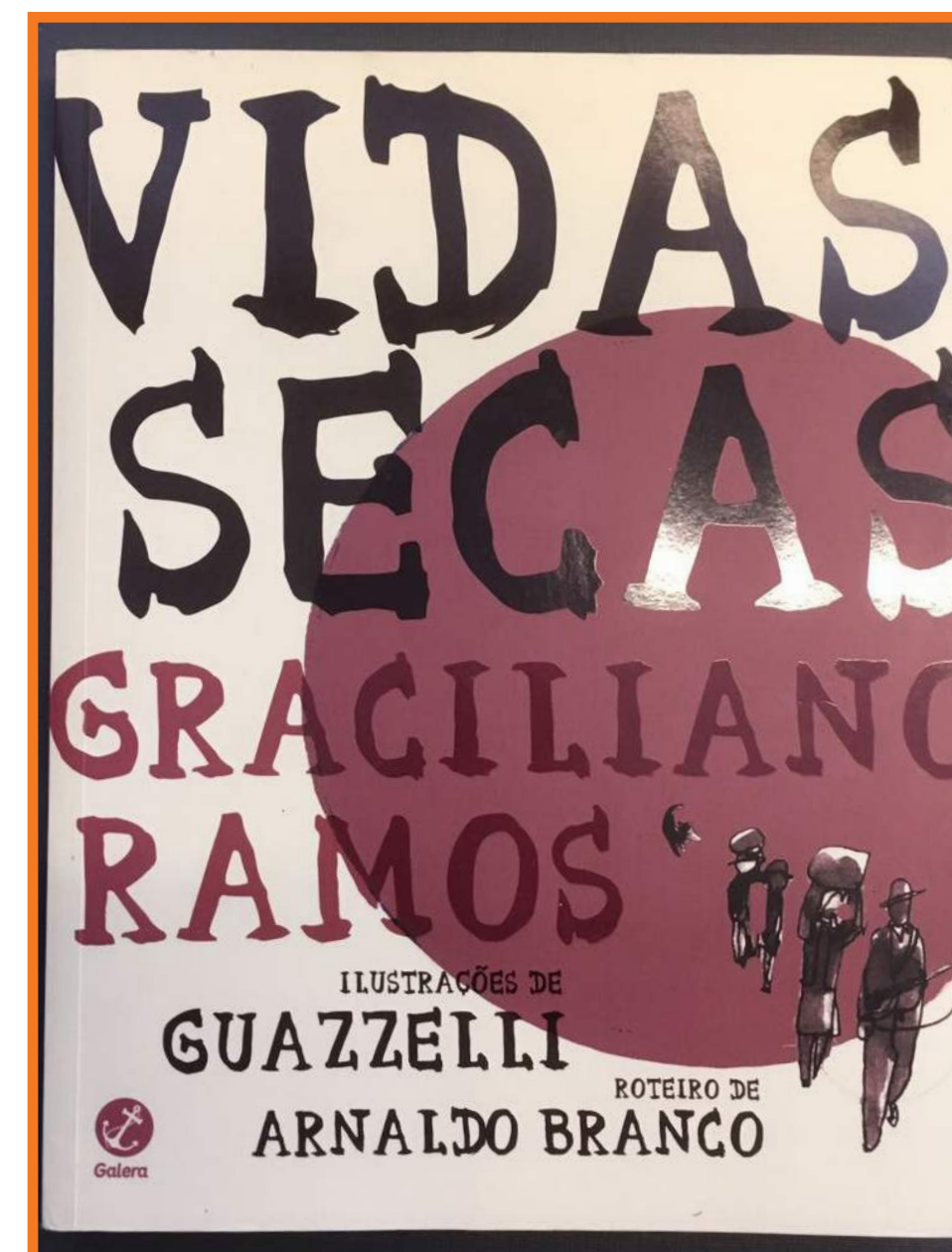
O exemplar exibe uma sobrecapa e 16 páginas ilustradas impressas em papel manteiga. A propriedade do material permite a visualização através dele, portanto efeitos podem ser criados com desenhos feitos na frente e no verso do papel.



Percorrendo exemplos de liberdade e flexibilidade, encontram-se a maneira de expressar a percepção do tempo das histórias em quadrinhos. O autor tem autonomia para revelar e omitir frames. Esse intervalo na sequência da narrativa revela um lapso de tempo situado entre as ilustrações e possibilita que o leitor complete o vazio a fim de interpretar o conteúdo.

Caminhando junto com as histórias em quadrinhos, estão os “graphic novels”, ou “romance gráfico” em português. As nuances em torno das duas composições é por vezes bastante confusa. Na adaptação do clássico de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, o projeto que conta com o traço premiado do quadrinista Eloar Guazzelli e roteiro de Arnaldo Branco, possui enredo completo em volume único e mais de 100 páginas.

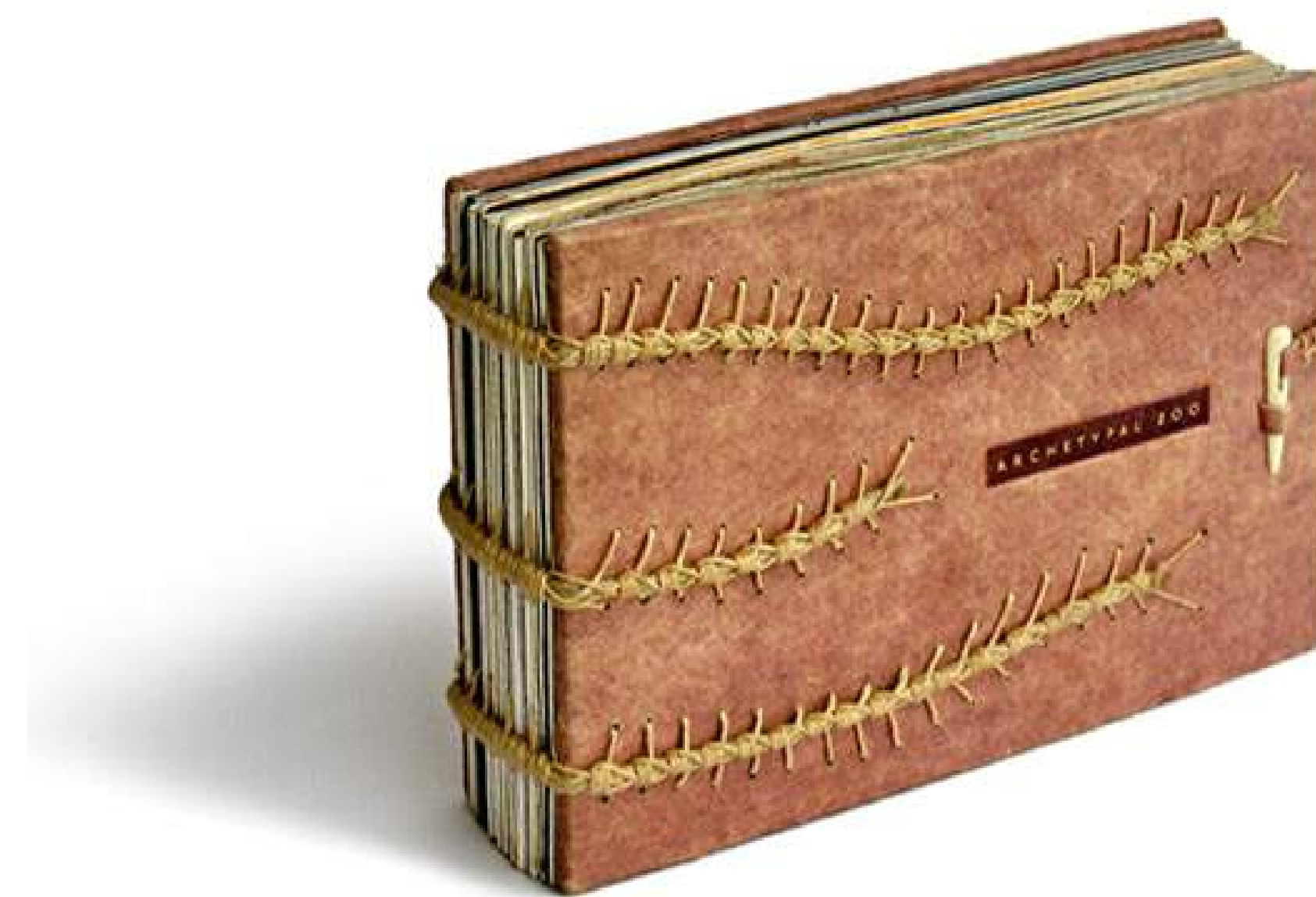
Em entrevista ao site Correio Braziliense, postada no dia 19/08/2015, Eloar Guazzelli revela particularidades da plasticidade do traço que ajudam a compor a narrativa visual. Guazzelli afirma que a escolha de determinada técnica entra em função dela. A opção de fazer uma narrativa que ele próprio chama de crua é um tratamento que remete ao sofrimento dos personagens. As ilustrações em tons escuros colaboram para dar contornos dramáticos à obra.



o que é livro-objeto?

Livro-objeto ou livro brinquedo, como classifica a literatura de Sophie Van der Linden, são utensílios que extrapolam o propósito do livro convencional. É um instrumento que não se limita às próprias dimensões, ele incorpora e se apropria de artifícios que permitem uma leitura particular, personalizada e até mesmo não linear através da experiência e interatividade com a peça. O que não significa que essa categoria seja designada apenas ao público infantojuvenil. Muito embora seja mais comum no universo de crianças e jovens, o livro-objeto também se faz presente nas prateleiras destinadas aos adultos. O que faz a divisão dessa distribuição de faixa etária é, como já foi visto anteriormente, a identificação do teor dos assuntos e o agrupamento da classificação da organização catalográfica.

Um exemplo de livro-objeto é o projeto *Archetypal Zoo* (2003 - 2004), produto da tese de mestrado do designer gráfico e ilustrador Renato Alarcão. O livro que apresenta, entre outras técnicas, a gravura em metal sobre papel preto, conta uma narrativa visual da raça humana e como desenvolvemos o sistema de crenças e mitos. Longe da produção convencional e massiva do mercado editorial, o *Archetypal Zoo* busca sua identidade na produção sensorial e imagética inerente às Artes Plásticas e o diálogo com a percepção humana.

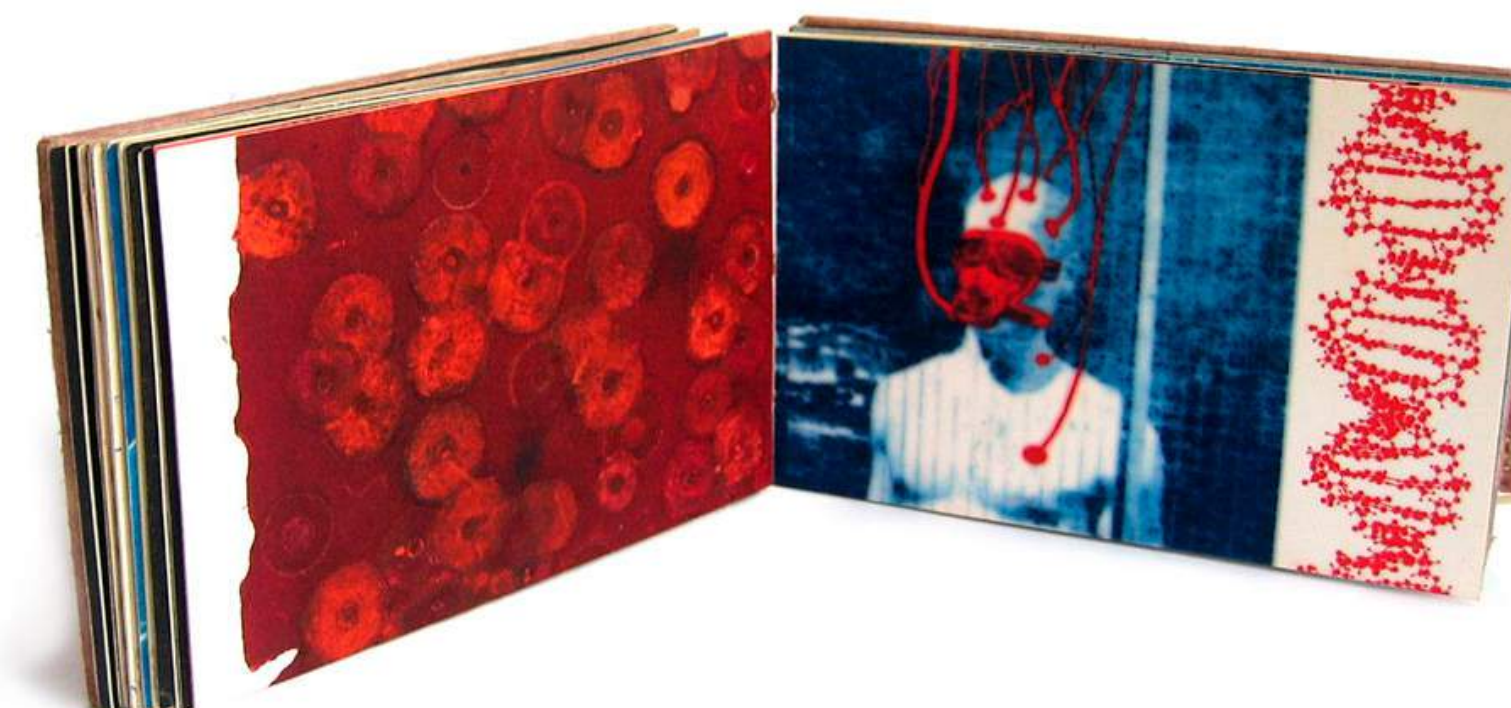


ARCHETYPAL ZOO, 2003-2004

Renato Alarcão- ilustrador e autor

(Fotografia de Rosa Guimarães, retirada do endereço

https://www.flickr.com/photos/zoopress_studio/2048514854/in/photostream/)



ARCHETYPAL ZOO, 2003-2004

Renato Alarcão- ilustrador e autor

(Fotografis retiradas do endereço

<https://ralarcao.com.br/portfolio/archetypal-zoo>)

Lulux (2015), projeto do designer gráfico Gustavo Piqueira, lançado pela editora Lote 42 é mais um exemplo de livro-objeto que faz uso do rompimento dos limites tradicionais. O livro conta com 34 peças que remontam um jogo de jantar: 6 jogos americanos, 8 porta-copos e 20 guardanapos. Os objetos guardam uma sequência numérica que auxilia a narrativa e revelam, além de citações de personalidades como Walt Disney, textos e reflexões do protagonista Lux Moreira, que quer transformar a vida após o término de um relacionamento amoroso.



LULUX, 2015

Gustavo Piqueira - autores

Lote 42 - editora

(Fotos retiradas de <http://www.revistak7.com.br/2015/12/livro-objeto-ou-objeto-livro.html>)

o projeto

1.1 TEMÁTICA

A temática trabalhada no projeto *MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA* procura ilustrar de maneira lúdica e interativa a capacidade e o direito que qualquer mulher tem de exercer o papel que quiser dentro da sociedade, além de expor com um contorno de ironia, os maus tratos físicos e psicológicos a que somos submetidas diariamente. Entende-se como público alvo, principalmente, todos que se identificam com o gênero feminino. Mas a expectativa é que o alcance atinja de maneira crítica e reflexiva outros indivíduos da sociedade. A perspectiva ideal seria a possibilidade de uma conscientização onde a tolerância e a igualdade não conseguem chegar.

1.2 FEMINISMO EM FOCO

“Pela maior parte da história,
‘anônimo’ foi uma **mulher**”

[Virginia Woolf]

“Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra **‘feminista’**? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?” Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as **mulheres** não foram **excluídas** ao longo dos séculos.

[Chimamanda Ngozi Adichie,
escritora nigeriana]

A falta de conhecimento sobre tudo que envolve o feminismo contribui para as mais diversas reações de repúdio quando o assunto entra em pauta. Comentários do tipo “*elas querem dominar tudo, não gostam dos homens*” são consequências de associações e suposições equivocadas a respeito do feminismo ser o contrário do machismo.

O presente projeto se propõe a pincelar o ambiente que abraça o cotidiano feminino e as particularidades quanto ao que é ser mulher. Para isso, três

grandes nomes do universo feminista e suas reflexões estão sendo usadas como referência: **Simone de Beauvoir** (1908 – 1986) — escritora, filósofa, ativista e teórica social francesa, um dos maiores símbolos do movimento filosófico, político e feminista do século XX; **Judith Butler** (1956) - renomada filósofa estadunidense, reconhecida por estudos sobre gênero e uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo; **Chimamanda Ngozi Adichie** (1977) - escritora nigeriana responsável por levar destaque à literatura africana e uma das vozes mais importantes, da atualidade, na luta por igualdade de raça e gêneros.

Abrindo caminho para o tema, a leitura de *Segundo Sexo: fatos e mitos*, de Simone de Beauvoir (*publicado originalmente em 1949*), apresentou importantes reflexões para o estudo. A autora afirma que todos concordam que há fêmeas na espécie humana, no entanto uns dizem que apesar da presença do útero, algumas fêmeas não seriam mulheres pois não há nenhuma (ou há quase nenhuma) presença de feminilidade. Ao questionar essa tal realidade misteriosa e ameaçada, a autora observa um determinado modelo de padrão que foi imposto na sociedade. Mesmo que nunca tenha sido reconhecido na natureza e nem registrado ou definido pelas ciências biológicas e sociais, esse suposto comportamento seria o único responsável por transformar as fêmeas humanas, que o vestem, em mulheres. Ou seja, não bastam apenas as claras diferenças biológicas para definir uma mulher de um homem, como bastam no reino animal para diferenciar o macho e a fêmea de qualquer outra espécie. É preciso se apropriar de uma série de características que juntas indicam feminilidade e aí

sim, a fêmea se tornará mulher. Tais características e comportamentos em sua maioria reforçam a ideia do sexo feminino ser um sexo frágil, coadjuvante, subestimado e objetificado com as únicas funções de servir, servir e servir, seja para o prazer, para saciar as necessidades ou para carregar o herdeiro daquele responsável por colocar a mulher sempre em uma posição secundária, o homem.

Simone continua relatando que, por vezes, as mulheres são menosprezadas e atacadas sob a justificativa de pensarem de determinada maneira porque são mulheres e sua subjetividade, segundo os homens, se daria por conta de possuírem ovários e um útero, portanto agiriam de acordo com influências dessas glândulas. Em sequência, a autora chama a atenção para a realidade de que nenhum pensamento, contraponto, comportamento, intervenção ou ação masculina é reduzida ao fato do homem possuir hormônios ou justificada pela presença de testículos. Como bem observou e comparou Chimamanda Ngozi, na Chatham House London Conference 2018, o comportamento e as emoções são as mesmas para homens e mulheres. O que diferencia é o sexismo, o hábito de subjugar e menosprezar a atuação da mulher: **“No nosso mundo o homem é confiante, mas a mulher é arrogante. O homem é intransigente, mas a mulher é mandona. O homem é assertivo, a mulher é agressiva. O homem é estratégico, a mulher manipuladora. O homem é um líder, a mulher é controladora. O homem é autoritário, a mulher é chata. A característica e o comportamento são os mesmos, a diferença é o sexo. E baseado no sexo o mundo faz suposições e o mundo nos trata diferente. Toda vez que falo sobre feminismo invariavelmente alguém aparece e me rotula como**

brava. Como se a mulher não pudesse ficar brava sem ser reduzida a apenas raiva. Raiva é uma emoção humana e existem muitas coisas que me fazem sentir raiva, uma delas é a terrível injustiça que compõe o sexismo.”

Tanto a fala de Chimamanda, em 2018, quanto a obra de Simone de Beauvoir, escrita em 1949, expõem os desdobramentos e as consequências de um comportamento masculino que oprime e aprisiona mulheres em estereótipos de comportamentos e de deveres que caracterizam a personagem mulher. Personagem, porque toda essência em torno da condição mulher é objetificada e codificada em padrões, normas, rótulos, obrigações e requisitos inflexíveis impostos durante séculos. A humanidade é por natureza convenientemente masculina. Em geral a tendência das ações é relativa ao homem e o homem define a mulher em relação a ele. A mulher por muito tempo e ainda hoje não é considerada um ser autônomo. As comparações são inúmeras “*isso é comportamento masculino, essa profissão é de homem, esse ambiente não é para mulher*”, para citar algumas. As mulheres existem na mesma época e no mesmo habitat que os homens, mas de certa forma nada diz respeito a ela, a não ser o lugar limitado que lhe foi imposto pelo sistema machista e patriarcal. O mundo se apoderou da ideia de que o homem seria o principal e a mulher se associaria com o secundário, perdendo assim a sua identidade social e pessoal.

Quando Simone de Beauvoir (1949) afirma que “*não se nasce mulher, torna-se mulher*”, ela denuncia o cenário em que as mulheres foram colocadas: mulher não é um acontecimento natural e biológico, mas sim um processo de assimi-

lações e internalizações sociais e culturais, desde o molde esposa subserviente até a mocinha que desde criança é ensinada que suas atitudes devem estar de acordo com determinados padrões. Por mais que esse quadro possa parecer conservador em pleno 2018, ele ainda é muito frequente e comum. Assim como e a objetificação feminina, que faz a mulher agir como objeto de desejo para os outros, na maior parte do tempo trazendo à tona paranóias de padrão de beleza, e a coloca numa posição onde a sua própria sexualidade é subordinada, como por exemplo é o que acontece na associação do corpo e da sensualidade feminina à venda de produtos. Os valores de um conservadorismo hipócrita estão tão arraigados na sociedade, que ao mesmo tempo que a mulher deve controlar e reprimir ímpetos inerentes à natureza humana, em outros momentos ela deve se mostrar à disposição de agradecer e suprir os interesses dos que tem total controle e respaldo de privilégios.

A cultura de privilégios contempla a cultura do estupro. É responsável por validar atitudes opressoras, apenas porque quem as teve foi um tipo de indivíduo que tem permissão para fazê-las desde que nasceu. E assim se constituiu o sistema machista do patriarcado: onde a mulher vítima de um estupro ou qualquer outro tipo de violência é responsabilizada pelo comportamento do agressor; onde a profissional mulher é subestimada e desvalorizada no ambiente de trabalho apenas porque não é um homem; onde a ausência de subordinação e obediência da esposa dá ao marido a liberdade de pensar que pode agredi-la; onde a falta de determinada quantidade de feminilidade, estabelecida por séculos de códigos e condutas comportamentais, é motivo de intolerância, preconceito e marginalização; onde a presença feminina não é bem vista ou quista e/ou corre perigo em certos ambientes e horários; onde a autoridade e a autonomia de uma mulher é desprezada,

invalidada e desconsiderada; onde os desejos e vontades da mulher são anulados porque ela é mulher; onde existe um padrão de beleza feminino; onde existe um culto a esse padrão e a mulher que não se enquadra nele é hostilizada e até mesmo rejeitada; onde o homem acha que tem poder sobre a mulher.

Interromper esses costumes e romper com essa estrutura viciosa é o que se pretende com a ajuda do feminismo. O que pode parecer ir contra essa falsa noção de conforto, estabilidade e segurança dos conservadores, significa a busca por direitos iguais para muitos indivíduos que foram excluídos, preteridos e esquecidos pela sociedade.

As contribuições geradas pela obra de Beauvoir foram e ainda são de suma importância para a conquista de espaço do feminismo e para a desterritorialização do código de educação e conduta do ser mulher. Todavia, Judith Butler confronta Beauvoir no que tange a posição biologicista de binaridade de gênero. Enquanto os avanços do discurso de Beauvoir observam o homem e o papel da mulher, a fala de Judith Butler abraça os estudos de gênero e toda a sua ampla diversidade. Dessa maneira, Butler contribuiu para um feminismo mais inclusivo e abrangente, pois as configurações de gênero estão para além daquela convencional fundamentada na biologia, apesar de ainda serem afetadas pelo campo de disputa precursor — homem e mulher.

Os estudos culturais que envolvem subjetividade e identidade são estudos

que se encontram em constante transformação, pois o que é característico e particular ao sujeito é passível de desconstrução e influências diversas a todo momento. Uma vez se tratando da complexidade da natureza humana, reconhecer a existência de outros corpos, outras formações e outras identidades em disputa na questão socio cultural é uma forma de contemplar a inclusão da diversidade humana. As perspectivas para além da dualidade de gênero inspiraram estudos e análises específicas mais detalhadas sobre suas classes e categorias. No entanto o recorte que se pretende com este projeto ainda compreende o embate entre a relação de poder e autonomia, homem e mulher, apesar de apontar os desdobramentos de identidade que o movimento feminista também defende. Mesmo construindo uma importante e legítima militância em favor de outras possibilidades de gênero e estabelecendo que a identidade do movimento não deve ser pensada no singular, Butler (1990) reconhece que a classe mulher é uma categoria grande demais dentro do feminismo. Portanto, pautada na ideia de igualdade entre todos, a configuração de cena será desenhada a partir de um pioneiro grande grupo — a mulher e o poder que ela tem de ser.

“Por séculos, o mundo dividiu os seres humanos em dois grupos e então excluíram e oprimiram um grupo. É justo que a solução para o problema leve isso em consideração.”

[Chimamanda Ngozi Adichie, 2013]

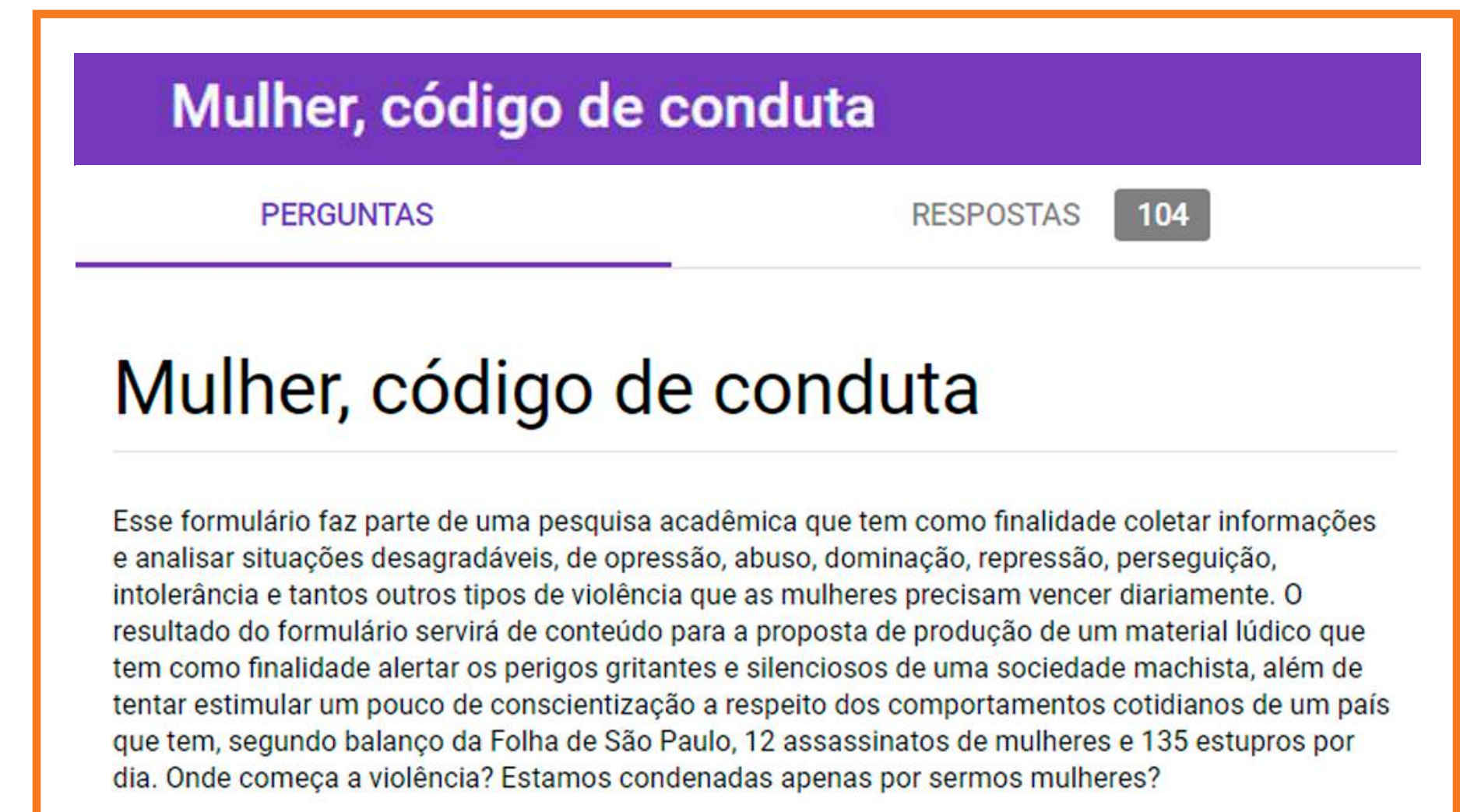
Para Chimamanda Ngozi Adichie a cultura não é responsável por transformar as pessoas, mas sim o contrário — as pessoas têm o poder de moldar a cultura. Logo, se a parcela inteira de mulheres não está compreendida nessa cultura, então é essa cultura que deveria ser modificada. A sociedade perde tempo demais ensinando as meninas a se comportarem e a se preocuparem com o modo que os meninos as enxergam, enquanto o oposto nunca, ou raramente, acontece. O grande problema da questão de gênero é que ela se estrutura pela imposição de como a mulher deveria ser, ao invés de reconhecer as várias maneiras de como ela é de fato. Esse tipo de organização social já está implementada há tanto tempo, que a sociedade se acostumou e continua perpetuando as mesmas disparidades.

Adichie reconhece como feminista quem identifica e admite a existência do problema de gênero e entende que precisa melhorar e se engajar na garantia de direitos iguais para todos. Há muita hostilidade em volta da ideia do feminismo. Essa antipatia é manifestada inclusive por mulheres que desconhecem a dimensão do movimento. As mulheres do feminismo, somos rotuladas como avessas aos homens, às vaidades, às maquiagens e questões relacionadas à beleza e à estética. Enquanto na verdade o feminismo luta em prol da convivência harmônica e pela liberdade de escolha. Escolher ser, estar e agir sem que seja imposto ou criticado. A luta é pelo direito de não querer usar e não ser estigmatizada por isso. Lutar pelos direitos das mulheres não significa diminuir ou restringir os direitos dos homens, mas que é preciso falar especialmente das mulheres e para mulheres, porque por muito tempo fomos e somos nós que sofremos com a opressão, a violência e privilégio masculino.

O feminismo é para todos e que precisa ser pensado por todos. Significa a igualdade econômica, social e política sem restrições.

1.3 A PESQUISA

Durante a concepção da primeira ideia do que viria a se tratar o projeto, foram realizadas conversas com mulheres que me cercavam nos ambientes por onde eu transitava (internet, trabalho, casa, faculdade e nas intermediações). A observação de alguns assuntos que se repetiam me levaram a elaborar um questionário que me ajudaria a dar continuidade à pesquisa. Para tal, um link com a acesso foi veiculado nas redes sociais (*Twitter, Instagram e Facebook*) com o intuito de atingir, inclusive a participação da opinião masculina e outros patamares que não apenas a minha própria bolha social.



Mulher, código de conduta

PERGUNTAS RESPOSTAS **104**

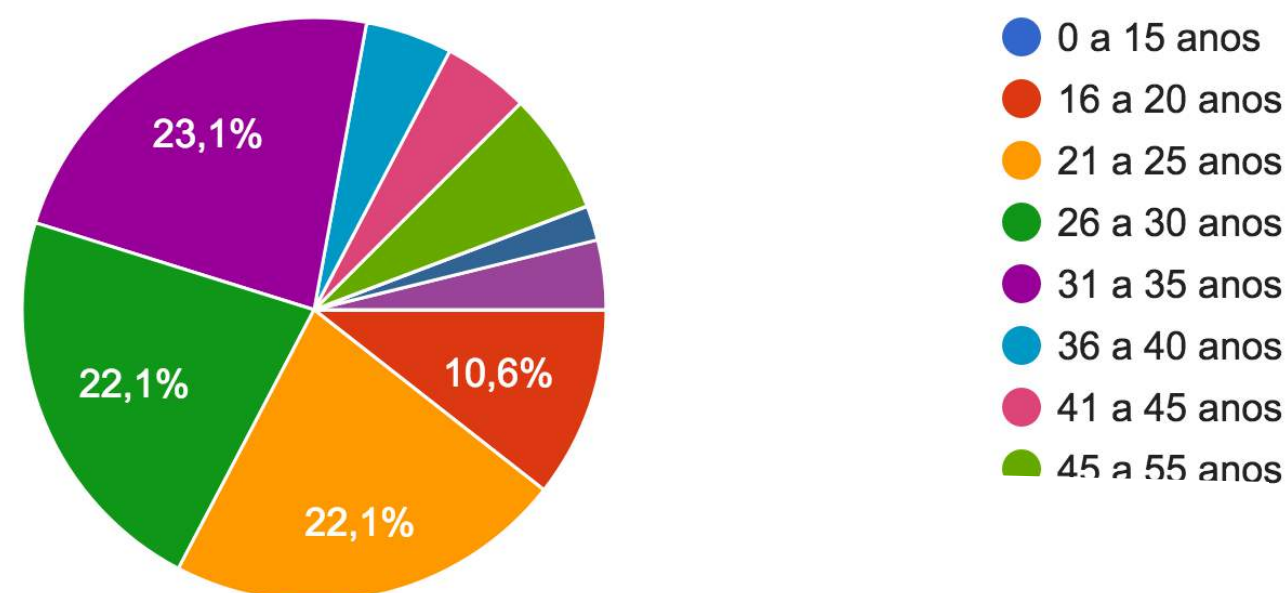
Mulher, código de conduta

Esse formulário faz parte de uma pesquisa acadêmica que tem como finalidade coletar informações e analisar situações desagradáveis, de opressão, abuso, dominação, repressão, perseguição, intolerância e tantos outros tipos de violência que as mulheres precisam vencer diariamente. O resultado do formulário servirá de conteúdo para a proposta de produção de um material lúdico que tem como finalidade alertar os perigos gritantes e silenciosos de uma sociedade machista, além de tentar estimular um pouco de conscientização a respeito dos comportamentos cotidianos de um país que tem, segundo balanço da Folha de São Paulo, 12 assassinatos de mulheres e 135 estupros por dia. Onde começa a violência? Estamos condenadas apenas por sermos mulheres?

A diferença de idade dos participantes imprimiu às respostas influências culturais e sociais relacionadas a época de pelo menos 3 gerações.

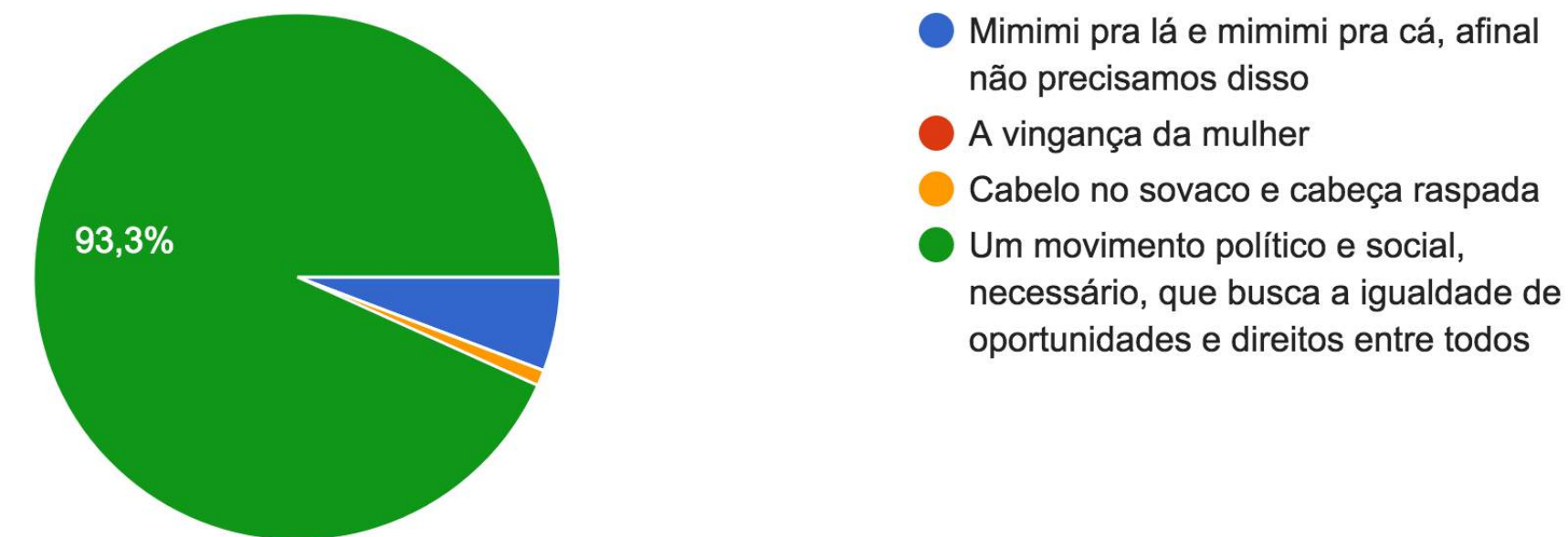
1 - Idade

104 respostas



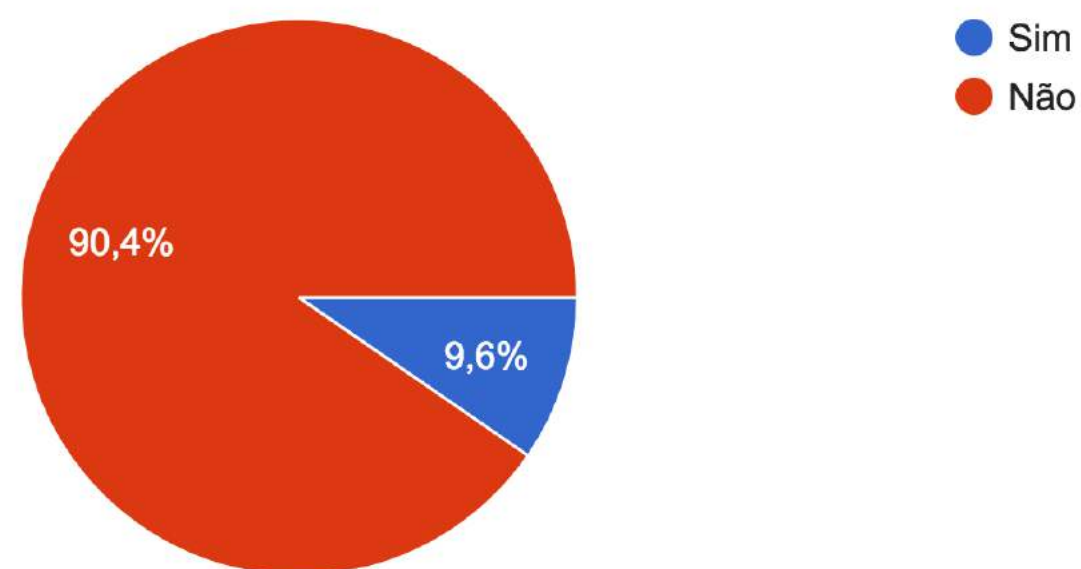
5 - Na sua opinião, o feminismo é:

104 respostas



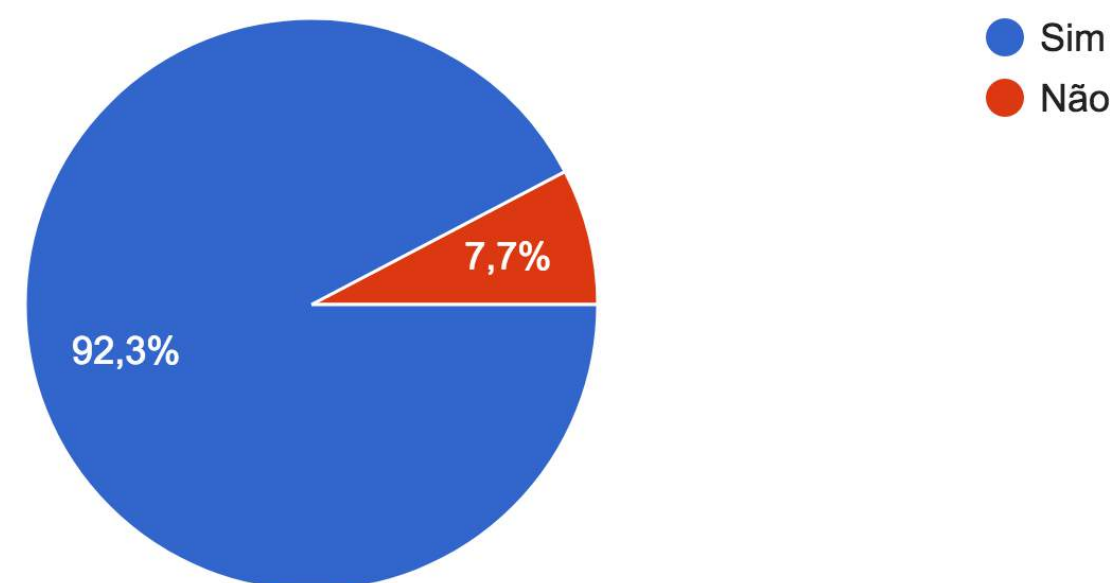
3 - Na sua opinião, a mulher é o sexo frágil?

104 respostas



6 - Você acredita que vivemos em uma sociedade machista e patriarcal?(*SOCIEDADE MACHISTA - So...re as mulheres e as crianças.

104 respostas

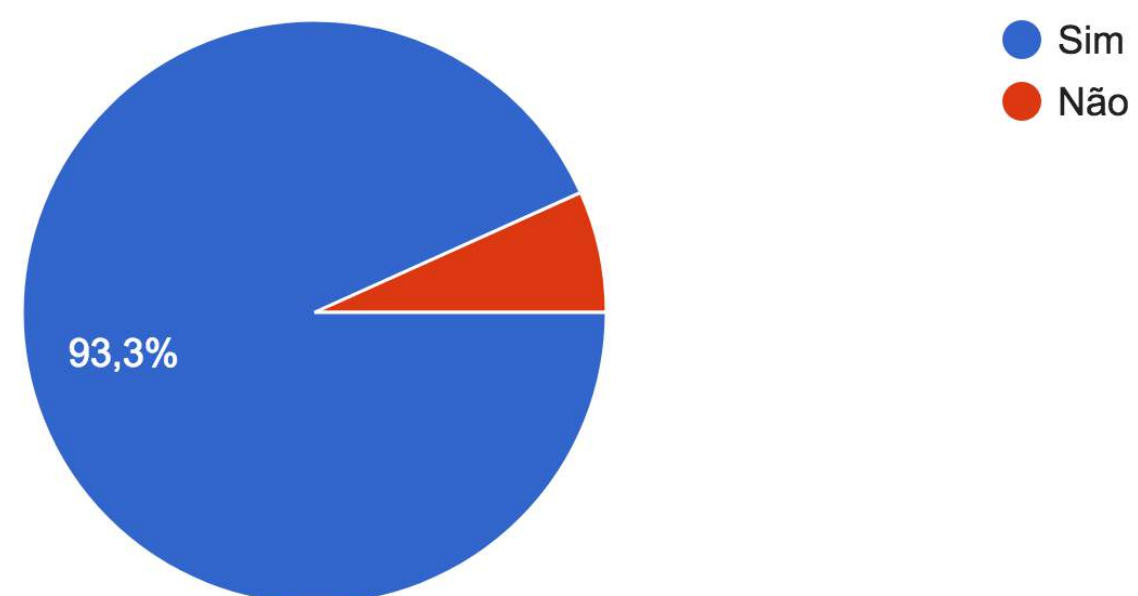


*SOCIEDADE MACHISTA - Sociedade onde o comportamento, expresso por opiniões e atitudes de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorece e enaltece o sexo masculino sobre o feminino.

*SOCIEDADE PATRIARCAL - É um sistema social em que os homens detêm o poder e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle. No ambiente familiar, o pai (ou figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.

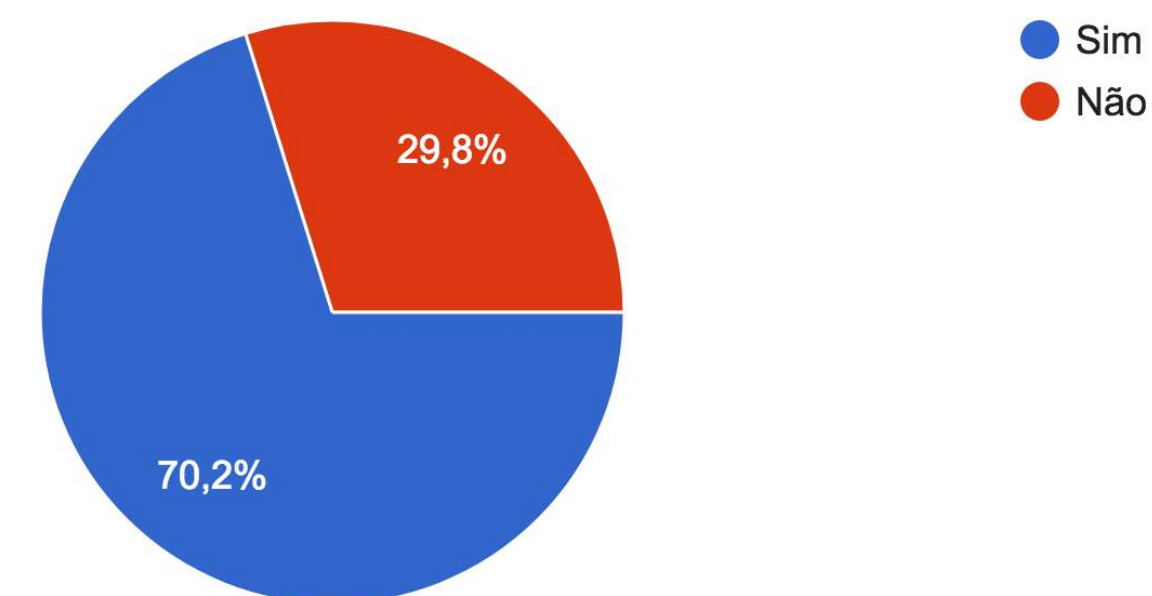
Você já sofreu ou conhece alguma mulher que tenha sofrido algum tipo de crítica, censura, condenação, rejeição e/ou preconceito por possuir um corpo fora dos parâmetros de idealização midiático?
9 -

104 respostas



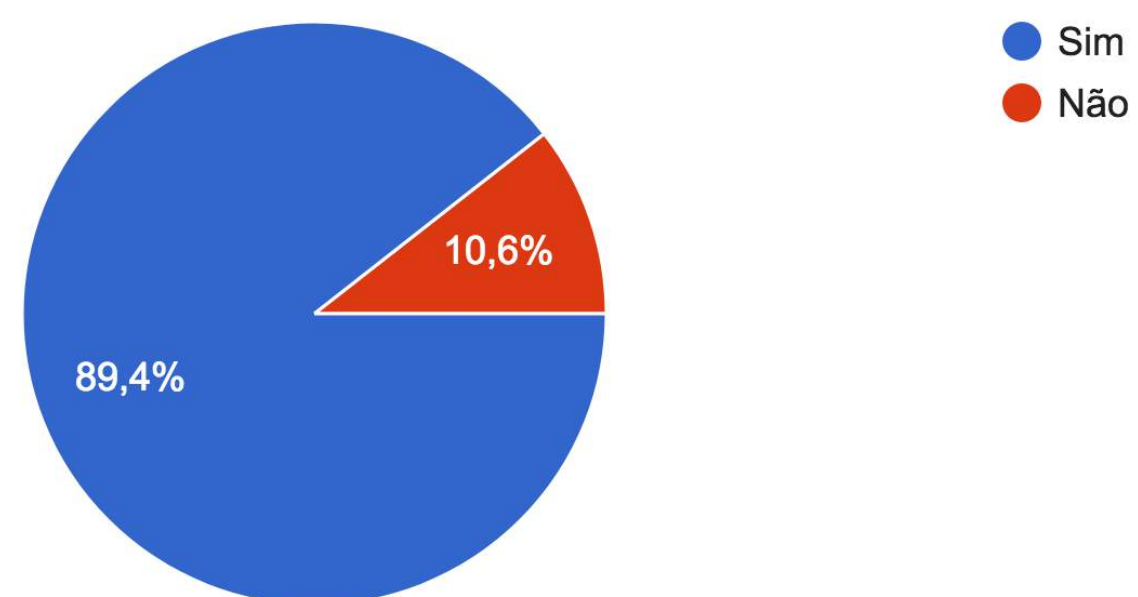
Você já foi ou conhece alguma mulher que tenha sido subestimada, menosprezada, esnobada e/ou desrespeitada de alguma forma por exercer um cargo profissional que culturalmente costuma ser exercido por homens?
14 -

104 respostas



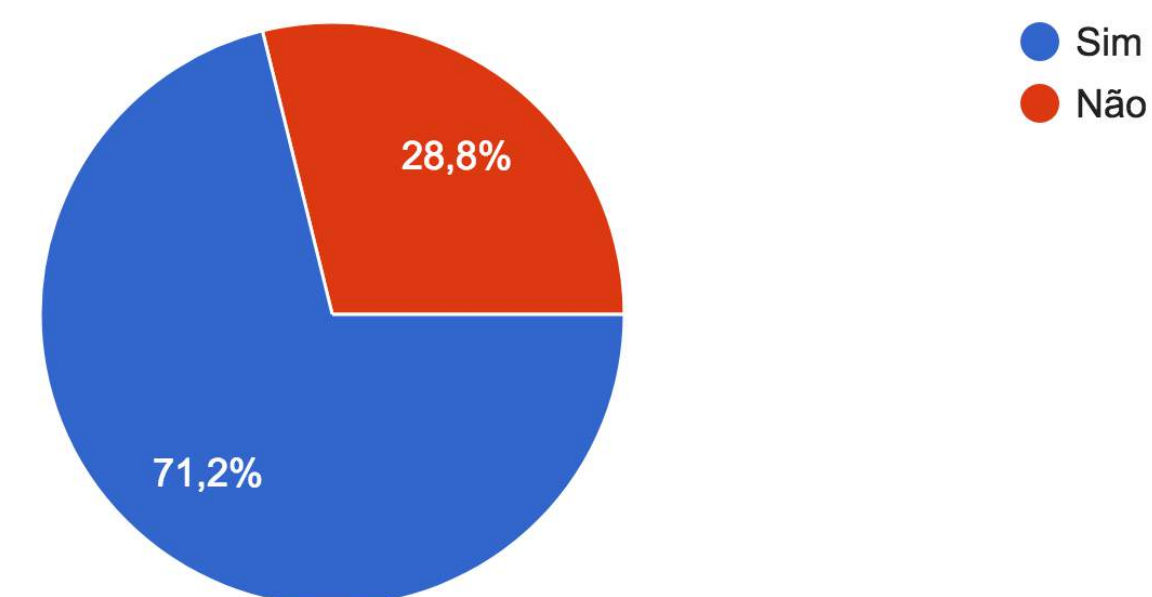
Você já sofreu ou conhece alguma mulher que tenha sofrido algum tipo de crítica ou censura por ter um determinado comportamento que é visto pela sociedade como um “comportamento do universo masculino”?
11 -

104 respostas



Você já sofreu ou conhece alguma mulher que tenha sofrido algum tipo de crítica, censura, condenação, rejeição e/ou preconceito porque namorou/namora ou sentiu/sente atração por uma determinada pessoa?
15 -

104 respostas



Aqui eu registro apenas algumas perguntas que traçam o panorama geral do questionário. Para saber mais sobre o questionário completo, acesse:

https://docs.google.com/forms/d/1WKEvCb_N2kaUqw-tUnmXxfanpfTKR_K6euTtsTqbTzbE/viewanalytics

As respostas do questionário me conduziram a dois caminhos de reflexão:

- 1 - A sociedade ainda se mostra sim bastante machista e opressora.
- 2 - Apesar disso continuamos resistindo e relutando a aceitar qualquer força de dominação, imposição, repressão, discriminação e intolerância. Essas inquietações me levaram a produzir um livro-objeto, com 9 cards, que ilustram e sinalizam as muitas batalhas que travamos diariamente, além de também reafirmarem, para os mais desavisados, que o lugar da mulher na sociedade é onde ela quiser, sendo do jeito que for.

1.4 O DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

O livro-objeto *MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA* foi projetado com o intuito de alertar e denunciar o modo como nos relacionamos com a imagem que se criou em torno da figura feminina na sociedade. O produto conta com 9 *cards* ilustrados, que ora criticam comportamentos opressores, violentos e machistas, ora destacam a força e a legitimidade da desterritorialização cultural da mulher objetificada. Mulher é do jeito que ela quiser ser, sem códigos ou condutas predefinidos que lhe foram impostos durante séculos por aqueles que, consciente e inconscientemente, apresentavam a necessidade de afirmar um lugar de superioridade sobre o gênero feminino.

A proposta convida os leitores a fazerem um exercício interativo de conscientização social, que transborda os padrões convencionais dos livros corriqueiros: guardar na caixinha tudo que não representa a harmonia de direitos iguais e exteriorizar a gentileza do respeito ao próximo, diante da beleza

que existe na diversidade. Os *cards* podem ser usados individualmente como presentes, ou artigos de decoração, no entanto a sua leitura completa só se faz em conjunto, muito embora a essência da substância reverbere as dimensões do impresso.

A escolha do formato dos *cards* foi baseada no tamanho de livros mais comumente usados pelas editoras brasileiras. A intenção é a desconstrução de um arquétipo, ao pegar essa memória do padrão já internalizado pela sociedade e modificar, ressignificar. Os *cards* possuem formato de 23x16 mm e foram impressos em paraná 1,4 mm com adesivo de vinil fosco. Esse acabamento traz mais personalidade ao material impresso e viabiliza o trânsito individual dos *cards*, sem comprometer as informações da matéria.

O conteúdo das ilustrações, além de percorrerem questões relacionadas aos acontecimentos do universo que se formou ao redor do gênero feminino, tomam como referência práticas de linguagem do campo artístico e das mídias sociais digitais. O processo de criação é uma mistura de influências intuitivas e intencionais. Para a contemporaneidade tudo se faz referência. O desejo de criação vai buscar em uma relação híbrida, a tentativa de releitura e apropriação da desfragmentação de um conceito imagético já estruturado, para então remontá-lo em forma de expressão ou protesto. A bagagem cultural que eu trouxe, dos caminhos que percorri até os dias atuais, me levaram ao encontro da manifestação dos contornos dessa de ironia disfarçada de livre interpretação.

A escolha do traçado foi um momento de meditação interior e resgate de

antigos valores. Nos primeiros contatos foi cogitada a experimentação de técnicas estéticas mais associadas com um estilo livre de traçado, um *sketch* que quase beirava a linha do traçado mais *cartoon*. No entanto, ignorar as inclinações pessoais me pareceu não ir conforme o objetivo de autenticidade do projeto. Então recorri às mais antigas tendências de manifestação imagética de que tenho memória: a reprodução da realidade. E essa reprodução se daria pela tentativa incansável de aproximação com a ilustração da figura humana. Desta forma as predisposições particulares me conduziram ao caminho de um traço mais anatômico, quase acadêmico. A presença da tecnologia proporciona um ganho de tempo significativo no cotidiano corrido, por isso as ilustrações foram originadas no campo digital. Tomar partido dessa vantagem possibilitou a manipulação de cores e experimentações gráficas que dialogam com o conjunto imagético.

Os textos que se encontram no verso dos *cards* foram extraídos da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Os cards 1, 3, 5, 7 e 9 citam o artigo 1º. E os cards 2, 4, 6 e 8 citam o artigo 3º. Os versos das ilustrações possuem duas letras. Quando arrumados de maneira correta, revelam duas palavras de 9 letras. As letras em branco formam uma palavra e as coloridas, outra. Essas palavras têm, no contexto do projeto, caráter complementar, pois uma abraça os princípios da outra. Por isso as letras em branco estão configuradas dentro de um retângulo que está apoiado nas letras coloridas. Os artigos retirados da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS também trabalham para uma leitura complementar de compreensão dos significados e do que se almeja com o projeto.

1.5 OS CARDS

Card 1 - **MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA**

Esse *card* tem como referência um dos maiores *sex symbols* de que se tem registro — Marilyn Monroe — em uma das poses mais famosas de objetificação feminina do cinema.

A escolha de trabalhar um ícone de sensualidade e feminilidade era de fundamental importância para acentuar a imagem do padrão midiático de beleza e comportamento impostos na sociedade. Nesta imagem a Marilyn sem rosto definido possui um QR-CODE que simboliza um artifício de gerenciamento de produtos catalogados e de controle de estoque em indústrias. Esse tipo de código também indica a presença de outros dados no “produto de desejo” que vão muito além da roupagem, mas que a princípio não têm tanta importância para o “consumidor”.

A *Marilyn-CODE*, a quem vou me referir como *mulher padrão*, se encontra sobre um código de barras, marca que costuma revelar o preço de produtos. Essa sequência numérica é a contabilidade do total de procedimentos cirúrgicos (aumento de mamas) mais feitos por mulheres no ano de 2017, segundo dados retirados do site www.lucianapepino.com.br

A *mulher padrão* está inserida em um fundo que forma um trapézio, cuja a base menor está virada para baixo. Tal disposição foi usada para remeter a cena icônica do filme *O PECADO MORA AO LADO*, de 1955, onde o

vento suspende o vestido branco da personagem de Marilyn Monroe, enquanto Richard Sherman (um homem casado, interpretado pelo ator Tom Ewell) aprecia embasbacado, sem pudores e com olhar invasivo de cobiça o que o vestido de Marylin tende a revelar.

Esse trapézio se afunila em direção a outro número: um número de curtidas que veste uma aparência associada à interface de uma rede social. O número de curtidas representa a estimativa de agressões sofridas por mulheres, no dia 10/ 11/ 2018, até as 14h29 (momento da concepção do card), segundo o site relógios da violência — do Instituto Maria da Penha.

Assumindo a representação da imagem postada em rede social, canal onde recentemente a veiculação de *fake news* serviu de poderosa artimanha para a manipulação em massa, o perfil que compartilha a cena recebe a nomenclatura *PATRIARCADO ACIMA DE TUDO, MACHISMO ACIMA DE TODOS*, indicativo de pertencimento ao sistema de opressão responsável por reduzir a mulher a uma condição de “utensílio” descartável de sensualidade, desejo e prazer.

O espaço que seria destinado ao reconhecimento dos integrantes desse perfil, e dos demais que curtiram a imagem, está preenchido de preto. A cor preta significa a ausência de luz, que nesse caso específico simboliza a falta esclarecimento e respeito pelo próximo. O amarelo dourado representa o luxo - aquilo que é supérfluo, que agrada aos sentidos sem ser necessário.

Anterior à estrutura final aprovada para o card uma alternativa sem tanta representatividade e significantes foi testada. Seguem apresentadas respecti-

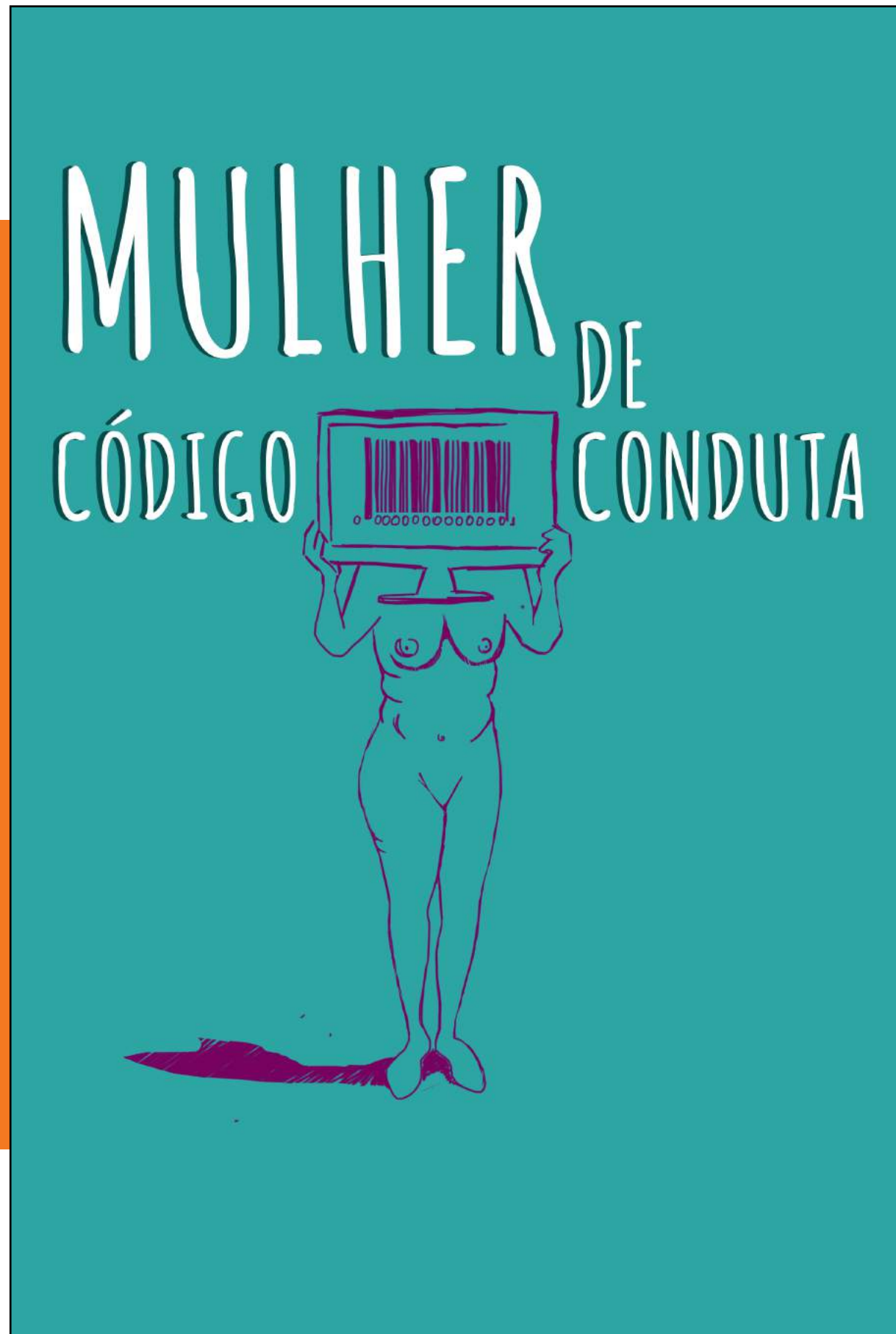
vamente o teste da primeira ideia, a referência da ilustração, e o resultado final.

Pensando (pretenciosamente) no alcance da reprodutibilidade e compartilhamento, nos diversos caminhos que o objeto possa fazer longe do conjunto, recursos de identificação da autoria foram incorporados ao *card*. Na parte das ilustrações o nome Andressa Liebermann foi adicionado nas laterais do card, na orientação vertical. Também foi integrado como elemento gráfico a assinatura artística, aparecendo como um pequeno detalhe muitas vezes escondido para não interferir na compreensão e no complexo do desenho.



assinatura escondida nos cards

Esboço descartado



Marilyn Monroe em cena do filme
O PECADO MORA AO LADO — 1955

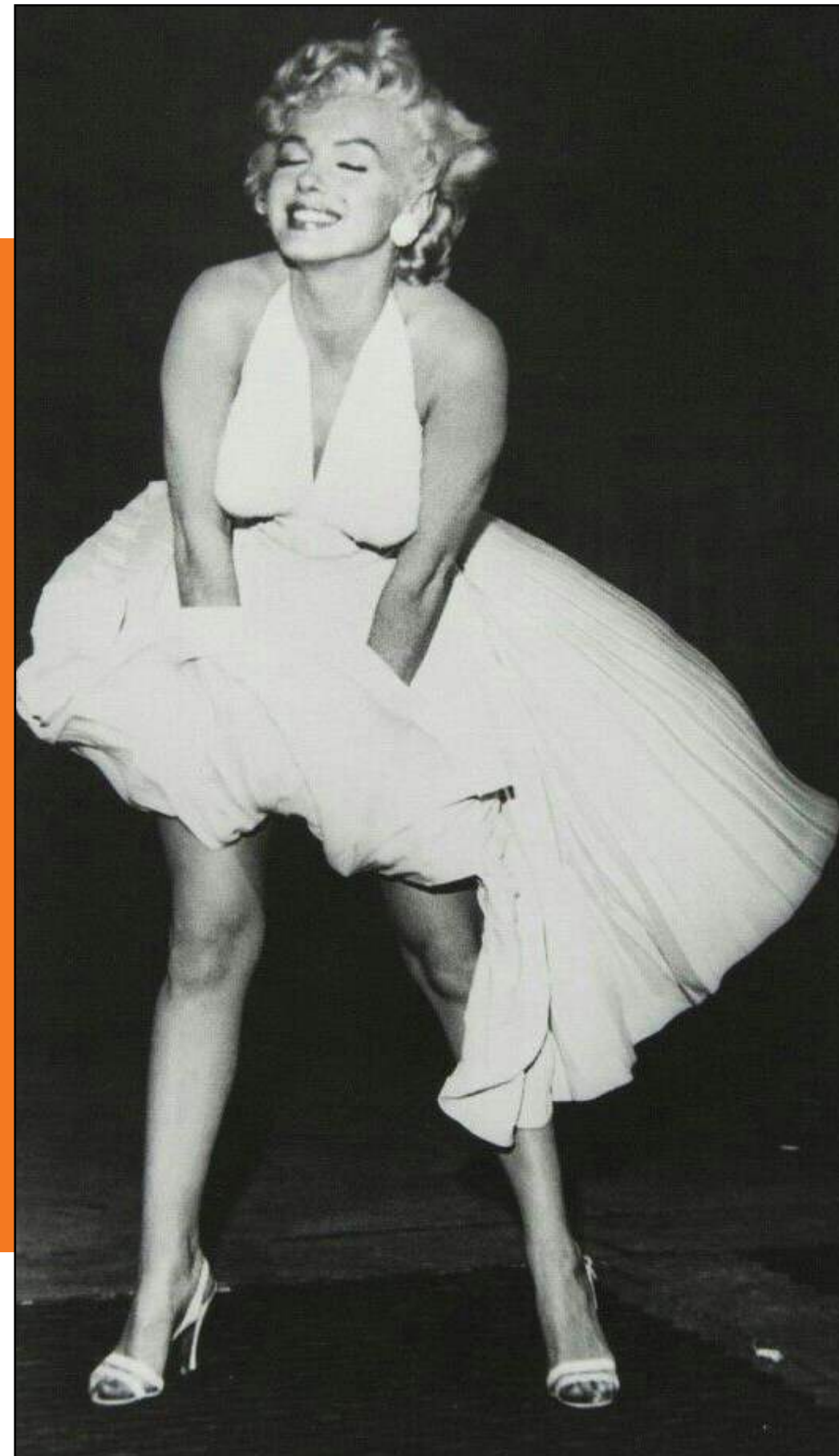


Ilustração aprovada



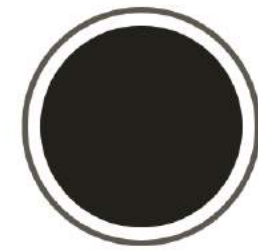
No verso dos cards segue uma linha branca que remete à linha de raciocínio e se propaga por todos os outros cards. Ela começa na abertura de aspas do verso desse primeiro card e se propaga até fechar as aspas no último card. A abertura de aspas seguida da linha branca e o fechamento de aspas apontam a ordem do primeiro e do último card. Todos os outros versos que seguem citando os trechos da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS têm apenas abertura de aspas para indicar que existe a continuidade da narrativa. Todos os versos dos cards tem elementos que dialogam com a ilustração.

Os versos também apresentam a identificação do produto. O título do livro acompanha a trajetória dessa linha de raciocínio. Dessa maneira ao ser retirado do conjunto, o card não perde a identificação da composição de que faz parte. Uma ideia anterior também foi testada, mas a plasticidade parecia meio endurecida, então um acabamento mais despojado foi atribuído ao complexo.

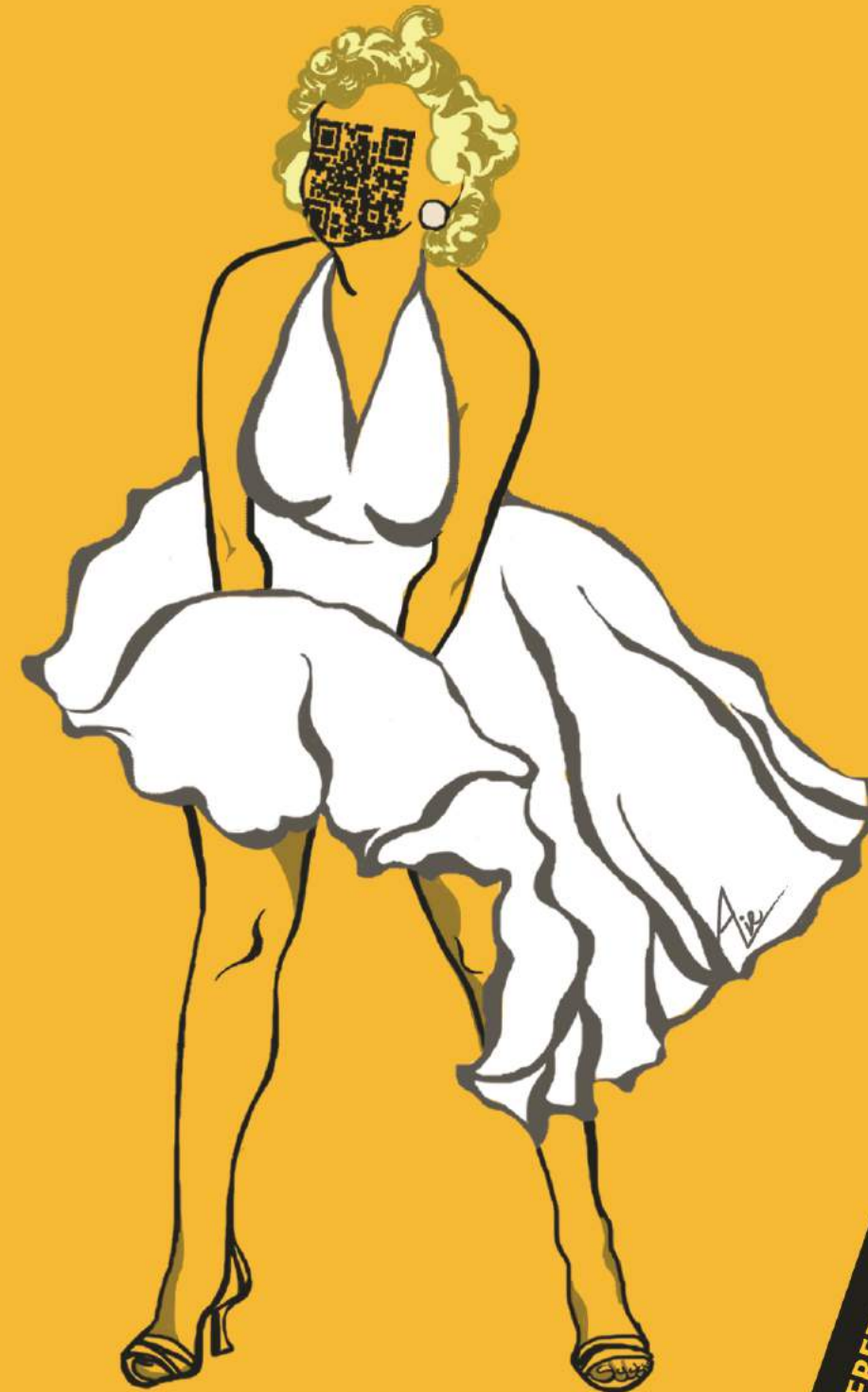
Verso do card



Esboço descartado



patriarcado acima de tudo,
machismo acima de todos



ANDRESSA LIEBERMANN



curtido por objetificação, não preciso do femi-
nismo e outras 26.454 opressões

MULHER, CÓDIGO DE CONDUCTA

“

TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.



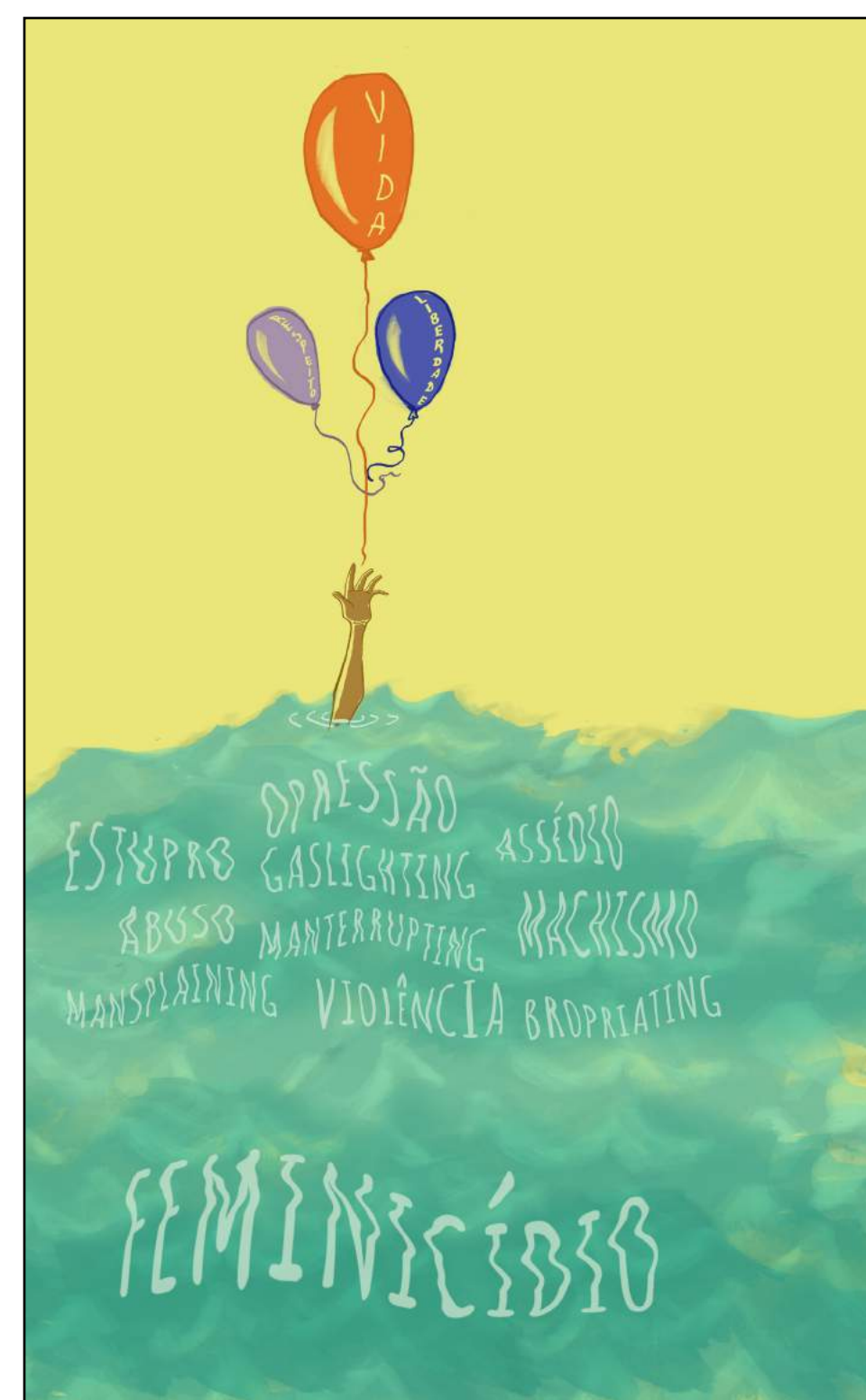
MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

Card 2 - MULHER, VÍTIMA

O segundo *card* tem como referência *O RAPTO DAS SABINAS*, de 1582, de Giambologna. A palavra rapto possui um significado diferente de sequestro. Rapto é para fins libidinosos. A história por trás dessa escultura remonta um evento em que soldados de Roma raptam as mulheres sabinas para tê-las como esposas. Da mesma forma que a sabina capturada, na escultura de Giambologna, ergue o braço numa tentativa frustrada de reação à violência, a vítima da ilustração tenta um último suspiro. Enquanto a mulher se afoga no mar de abusos a representação simbólica de respeito, liberdade e vida escapam de sua mão. A cor azul e suas variações indicam um ambiente de solidão, morte e tristeza. O vermelho e suas adjacências representam o sangue das vítimas que são abusadas todos os dias. No mar de sangue, abusos são listados na fonte *Amatic*, que sofreu uma intervenção gráfica para parecer sugestionada ao comportamento aquático. Na lista se encontram os seguintes termos em inglês: **Bropropriating** — É quando um homem se apropria de uma ideia já mencionada anteriormente por uma mulher e leva os créditos por ela; **Gaslighting** — É um abuso psicológico que faz com que a mulher acredite que está louca, ou equivocada, enquanto na verdade ela está originalmente correta; **Mansplaining** — São momentos onde o homem tenta explicar, presunçosa e didaticamente, para uma mulher, algum assunto óbvio ou que ela já saiba; **Manterrupting** — Acontece quando um homem interrompe constantemente a fala de uma mulher, de maneira desnecessária, impedindo que ela conclua sua linha de raciocínio.

Os esboços anteriores não traduziram com peso dramática o apelo visual que a imagem final obteve.

Esboço descartado



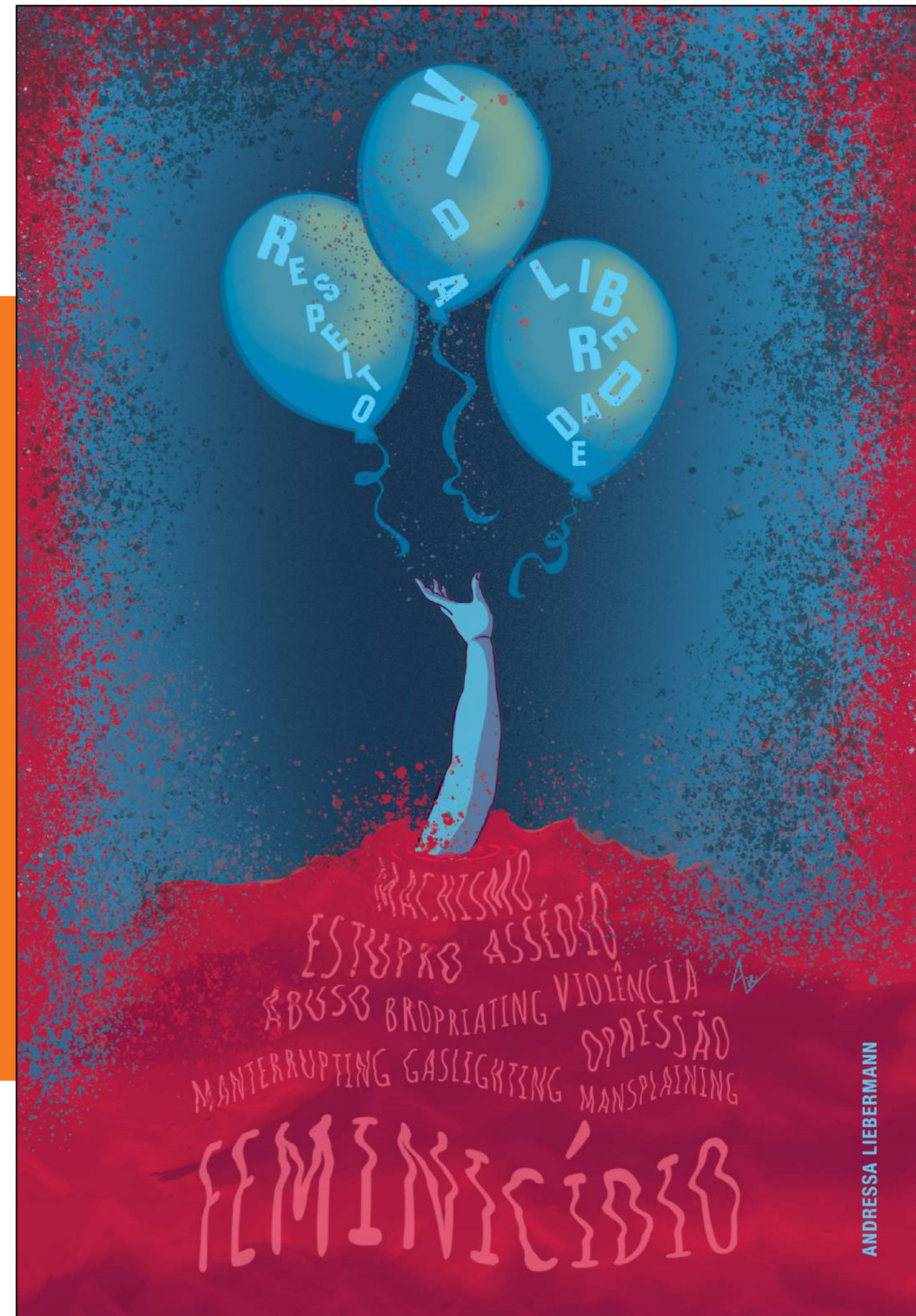
Esboço descartado



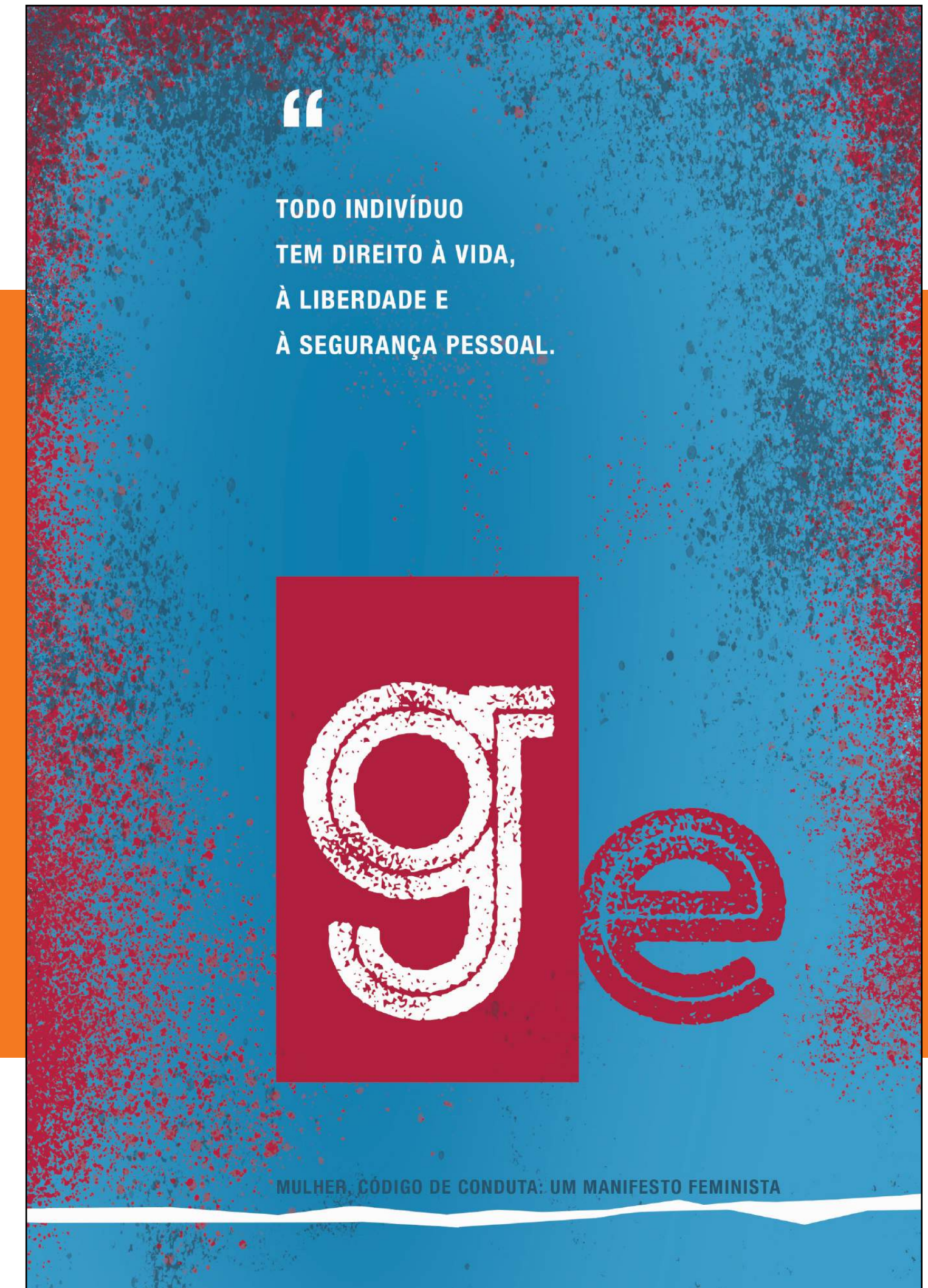
O RAPTO DAS SABINAS, 1582 —
Giambologna



Ilustração aprovada



Verso do card





ANDRESSA LIEBERMANN

“

TODO INDIVÍDUO
TEM DIREITO À VIDA,
À LIBERDADE E
À SEGURANÇA PESSOAL.

g e

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

Card 3 - **AÇOUGUE DO ASSÉDIO**

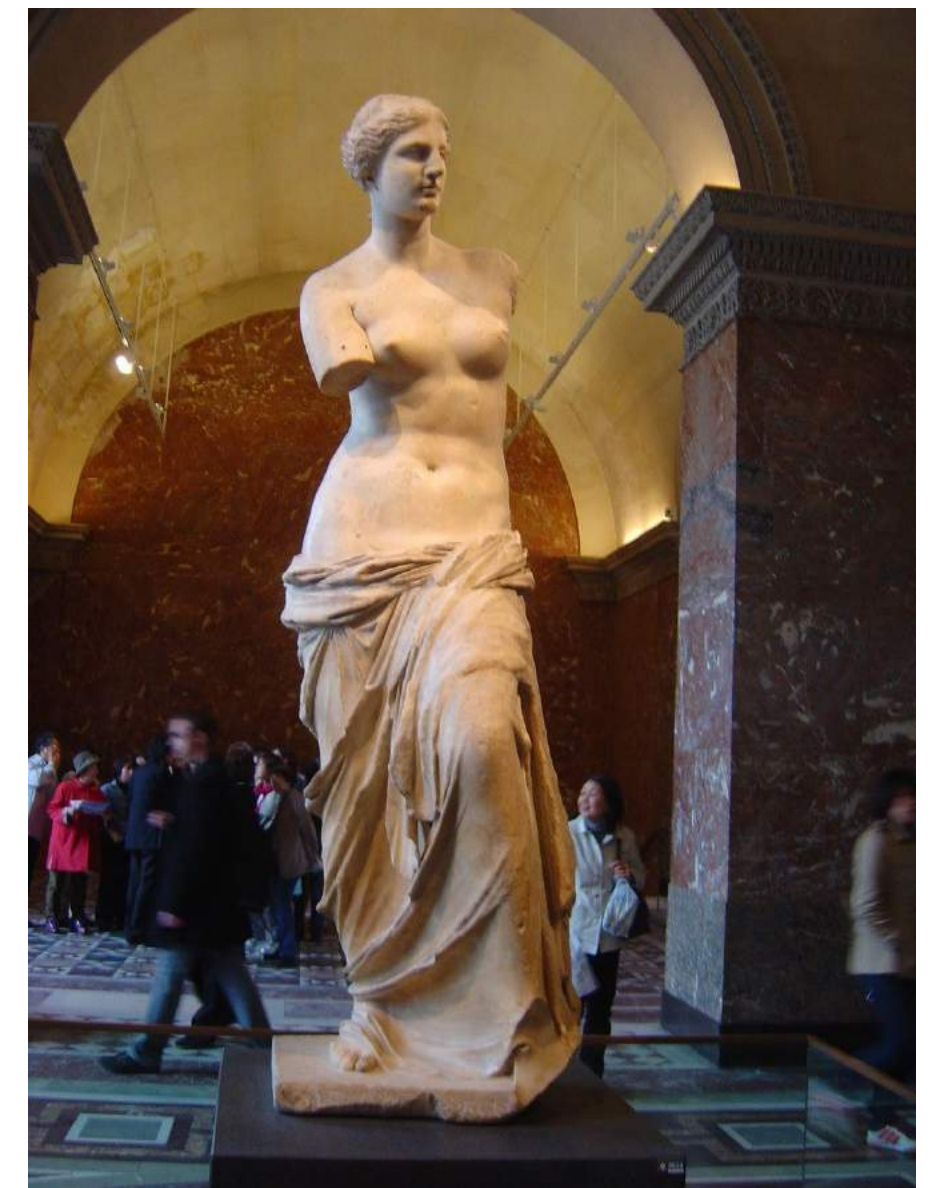
Essa representação de açougue e a disposição da mulher pendurada em ganchos, subdividida em partes que remetem aos cortes de carne, reforça a ideia de violação e violência do assédio: o assédio que retalha a mulher toda vez que ela sofre um tipo de invasão. A comparação com pedaço de carne é a desvalorização da pessoa reduzida à matéria corpórea, como se não houvesse outra serventia senão alimentar os desejos dos que pensam que “fiu-fiu” é elogio. Nos primeiros esboços, a mulher pendurada assumia um tom avermelhado que estampava a impressão de sangue e assumia uma representação simbólica da do sangue que corre por baixo de cada tipo de pele. Mas para critério de representatividade, como já dizia a música de Elza Soares - “a carne mais barata do mercado, é a carne negra”. A caracterização dessa mulher não poderia ser de outra forma, porque continua-se matando demais e a mulheres negras são as que mais sofrem com o feminicídio.

A cabeça de porco faz uma analogia com a expressão “porco chauvinista” que é um machista convecido da sua superioridade diante de outros grupos. As letras X e Y na cabeça do porco são a representação biológica do cromossomo sexual masculino, reforçando a ideia de que aquele é um porco macho. Na placa do açougueiro, o contorno de um pênis se conecta com a palavra chauvinista, que reafirma mais uma vez a soberba machista de superioridade do homem pautada no sexo.

O fundo da ilustração é simbolizado com a representação de costelas envol-

tas em respingos de sangue. Essa montagem traça um paralelo com versão católica de que a primeira mulher teria sido criada a partir da costela de um homem. A cor laranja imprime um ar decomposto de passado. A fonte da placa do açougueiro remete aos antigos letreiros de açougue; A fonte do açougue do assédio já traduz um ar despedaçado de violação e fragmentos; A fonte dos abusos espelhados pelo corpo da mulher simula a escrita manual com giz, muito comum em letreiros de casa de corte de carne. A fonte que diz que mulher não é pedaço de carne é uma fonte que passa a ideia de sangue que escorre.

A referência artística desse card é a *VÊNUS DE MILO*. Escultura da Grécia antiga, descoberta em 1820. A representação da imagem dessa escultura encontra-se também pendurada por ganchos, bem no meio da ilustração. Os cortes no quadril e nos braços remontam contribuem para remontar a ideia de corte de carne. Apesar do caráter fragmentado, a história da estátua traz a resistência e a sobrevivência às interferências temporais.



*VÊNUS DE MILO,
Grécia Antiga*

Esboço descartado

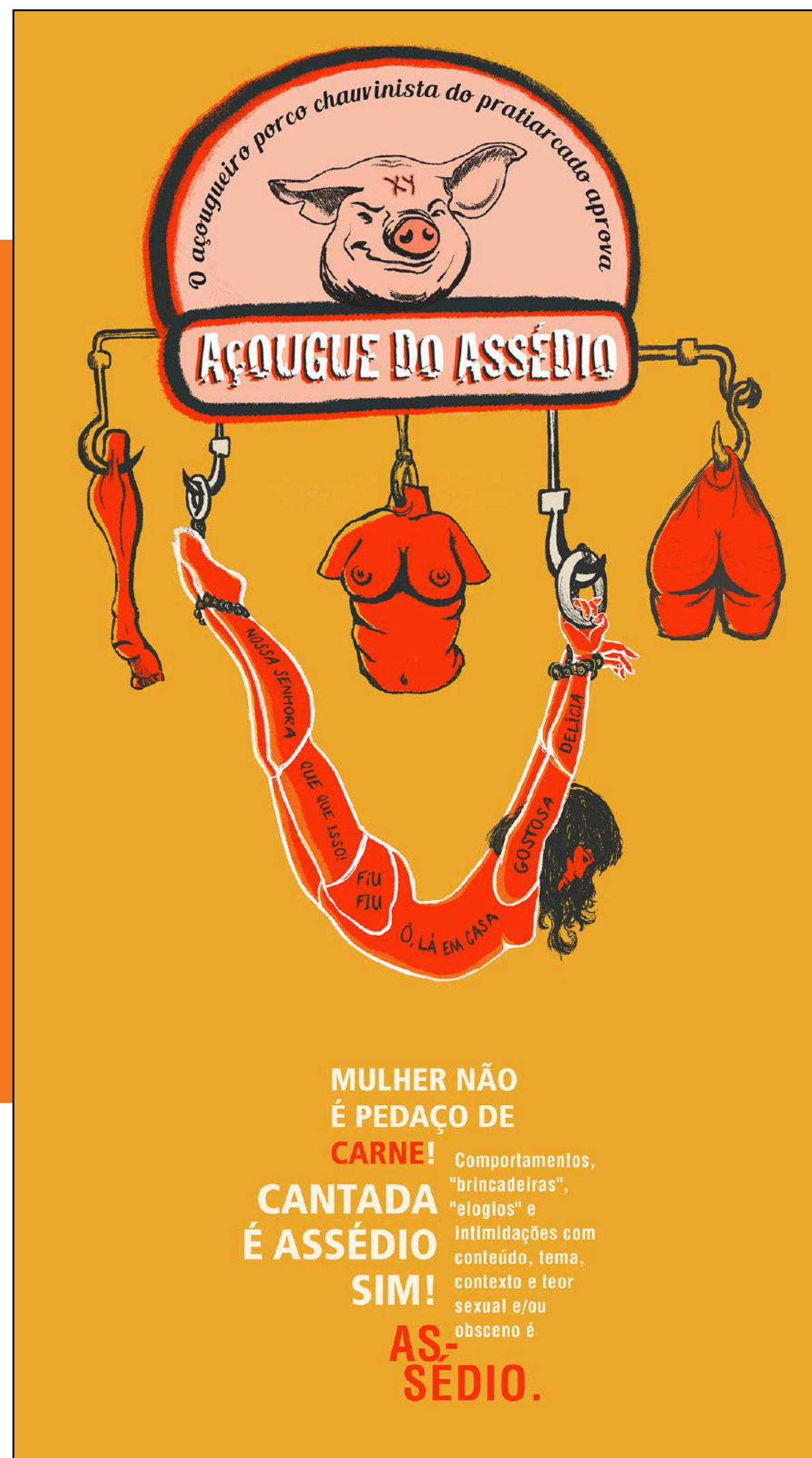
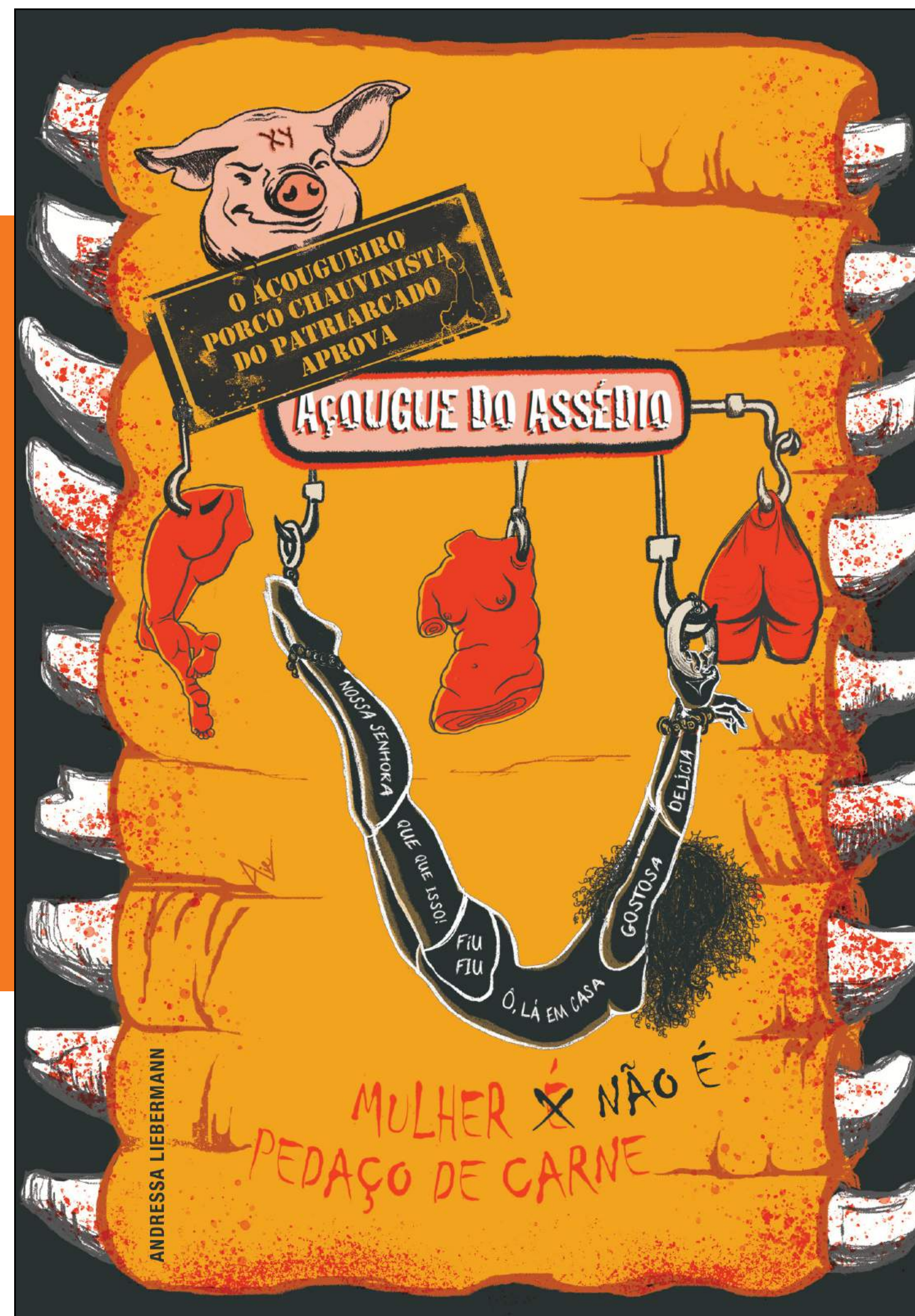
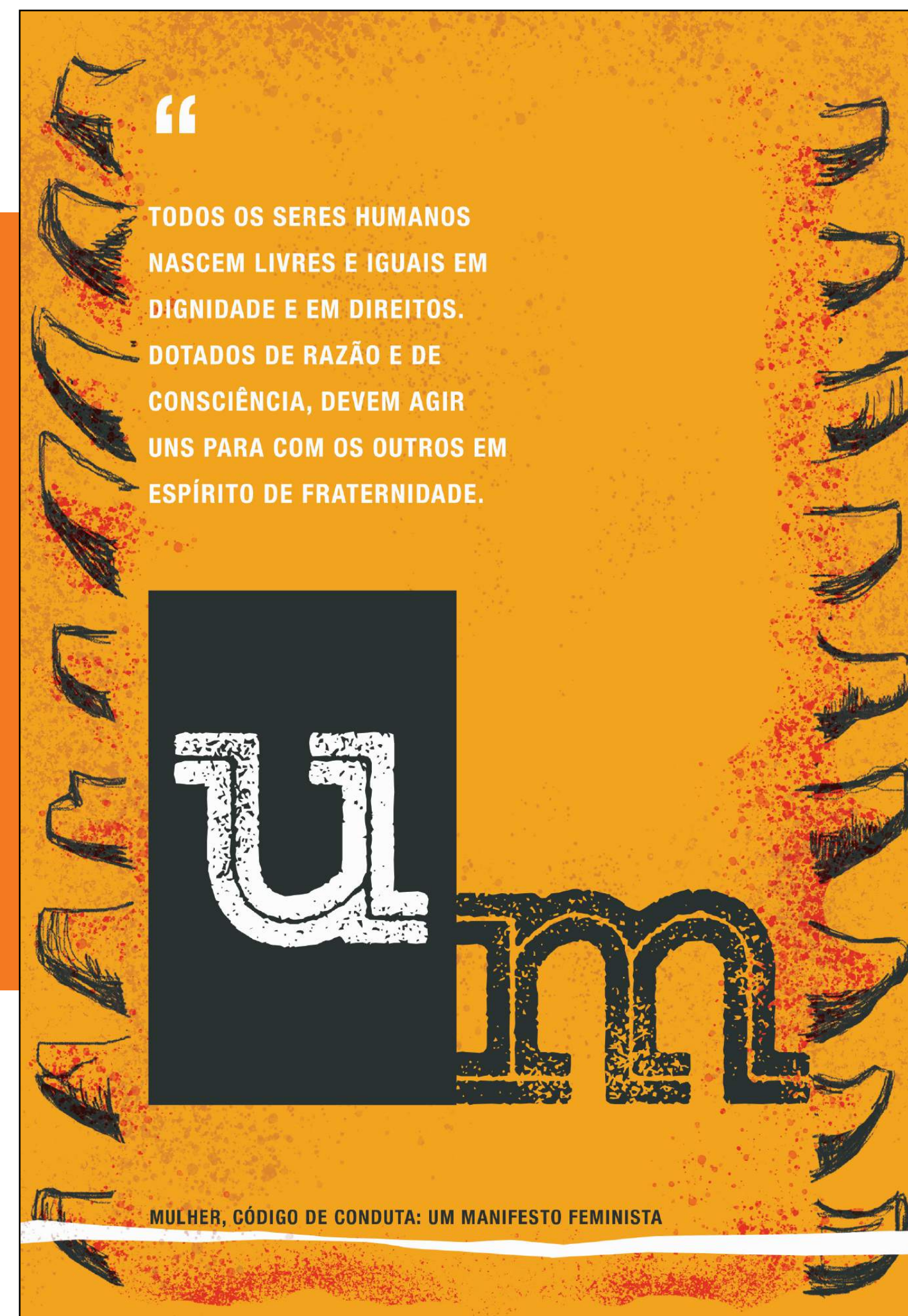
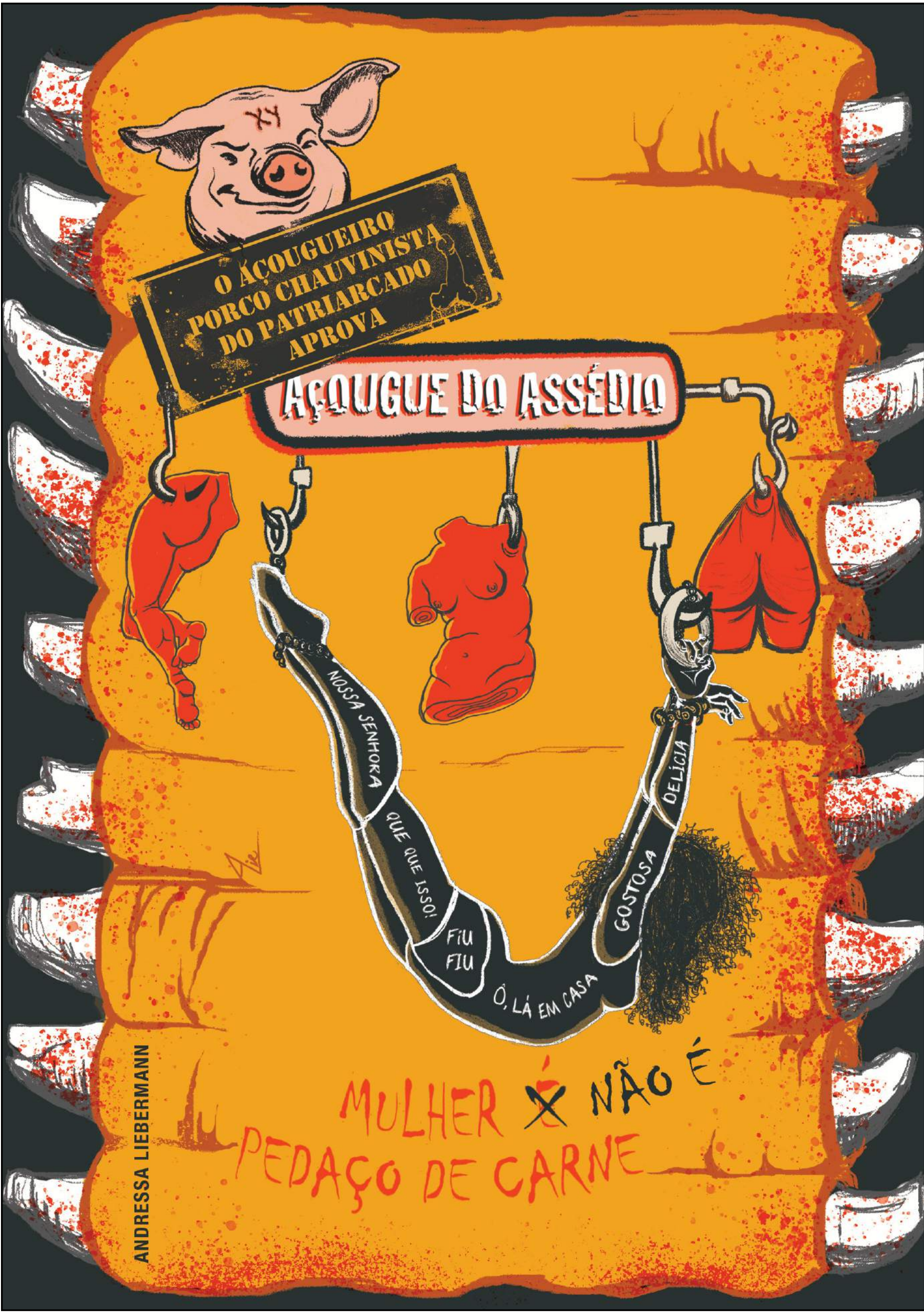


Ilustração aprovada



Verso do card





O AÇOUGUEIRO
PORCO CHAUVINISTA
DO PATRIARCADO
APROVA

AÇOUGUE DO ASSÉDIO

NOSSA SENHORA
QUE QUE ISSO!
FIU
FIU
O, LÁ EM CASA
GOSTOSA
DELÍCIA

MULHER X NÃO É
PEDAÇO DE CARNE

ANDRESSA LIEBERMANN

“

TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS EM
DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS EM
ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.

mulher

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

Card 4 - MONA CRESPA

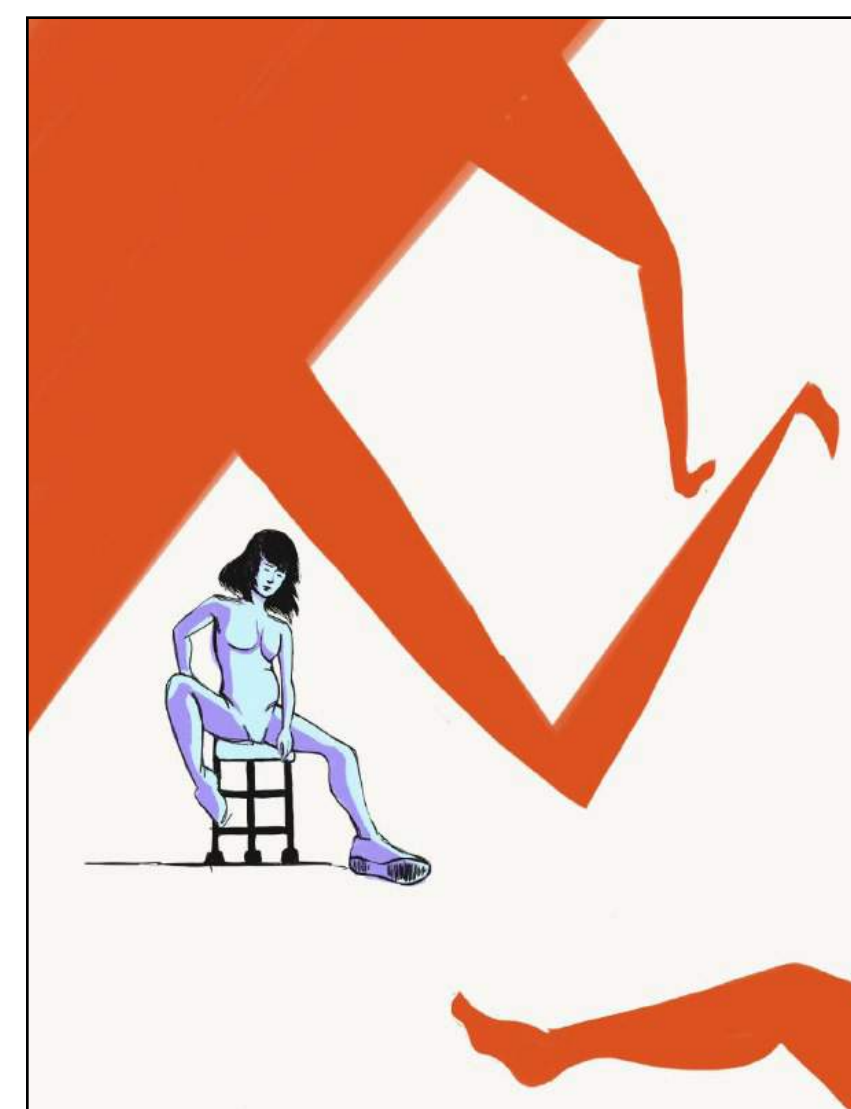
A Mona Crespa foi inspirada na *MONA LISA* (1503) de Leonardo da Vinci. A expressão introspectiva e um pouco tímida dá um ar de mistério para a obra. A perspectiva do sorriso e o jogo com as linhas do horizonte (a da direita encontra-se mais pra cima que a da esquerda) imprimem um caráter de dualidade à pintura. Isso faz o assunto principal do quadro parecer maior, quando visto de um lado e menor quando visto de outro. O que revela o conceito de masculino e feminino aplicados à Mona Lisa. E foi pensando nessa postura misteriosa que a Mona Crespa nasceu. Com uma postura descontraída, a Mona Crespa se permite usar seu cabelo de maneira autêntica e natural, o que vai de encontro às imposições atuais da ditadura da beleza. Sua postura mais informal ironiza as orientações que a maioria das mulheres recebemos na educação de comportamentos. Mona Crespa não se rende aos comentários de que mocinha deve sentar de pernas fechadas. Mona Crespa quer se sentir livre e confortável para se permitir ser o que de fato é. Ela não reconhece como legítima a premissa de que sentar de pernas abertas é comportamento masculino.

As cores roxa e laranja foram escolhidas porque somadas transmitem a sensação de interesse e mistério. O amarelo é usado para sinalizar a afirmação de liberdade.

Mas Mona Crespa nem sempre foi assim. Nos primórdios dos esboços, a ilustração tinha um ar menos irônico e um traço que ainda estava em estudo.



esboços antigos



MONA LISA, 1503–
Leonardo da Vinci

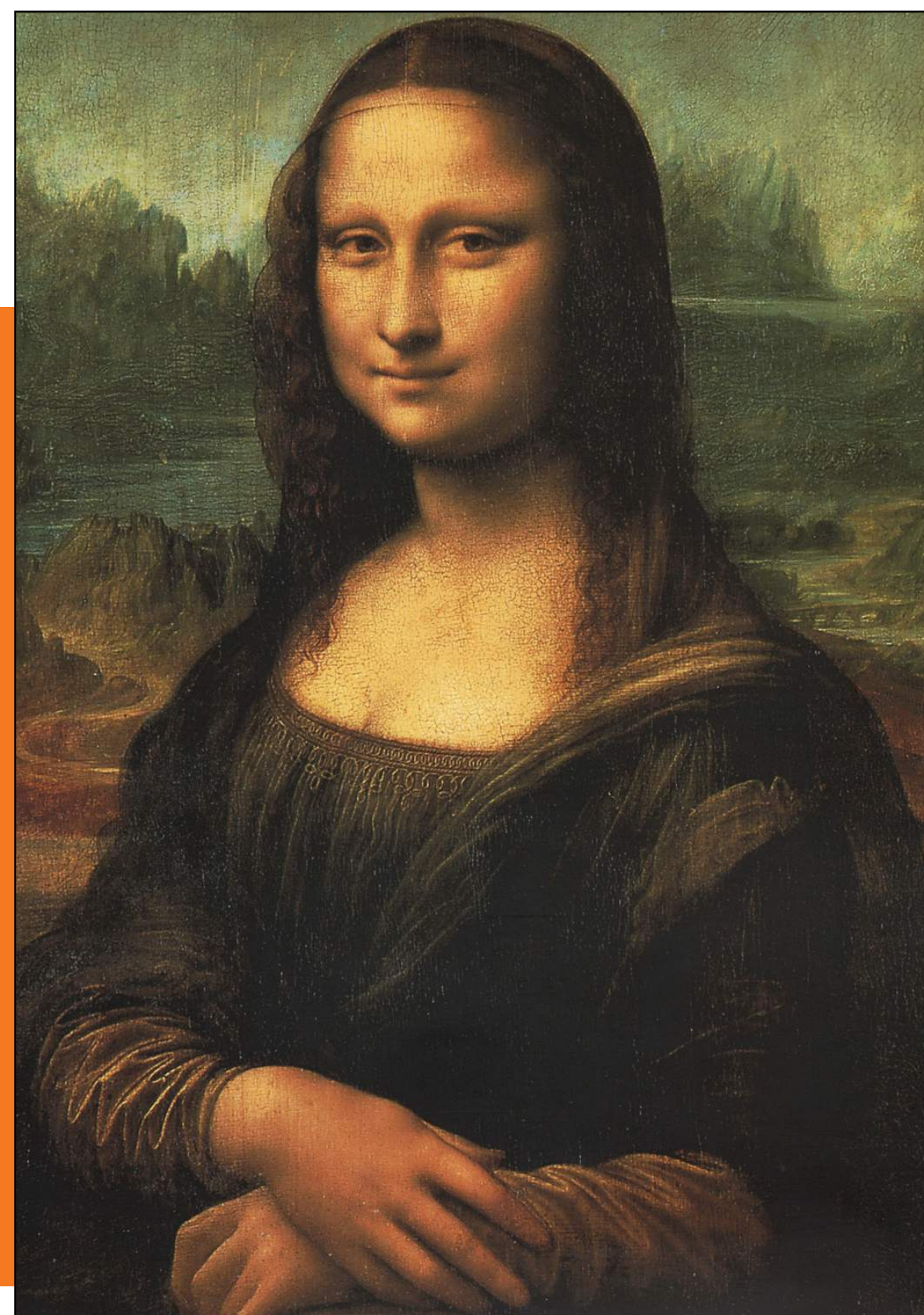
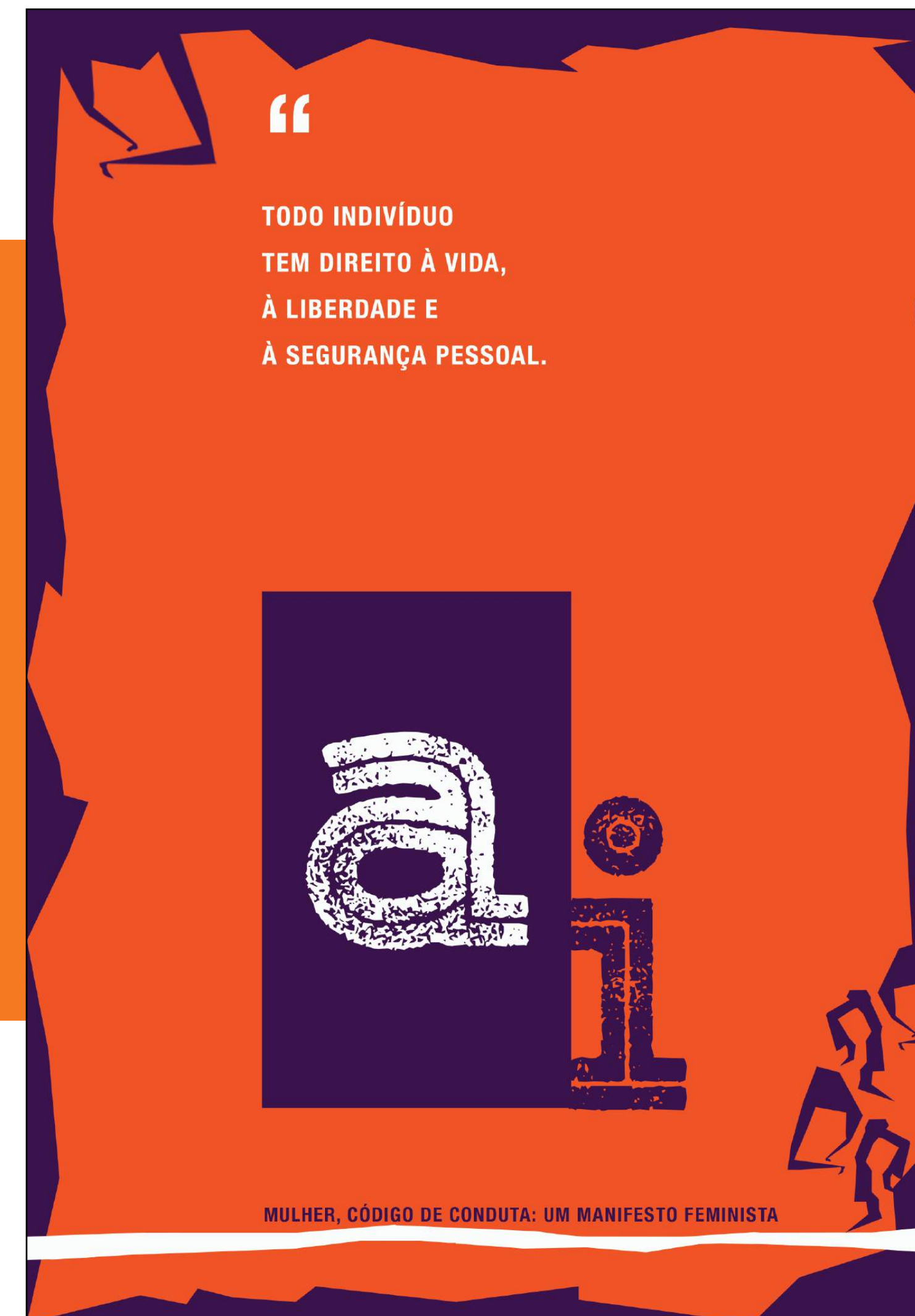


Ilustração aprovada



Verso do card



“

TODO INDIVÍDUO
TEM DIREITO À VIDA,
À LIBERDADE E
À SEGURANÇA PESSOAL.

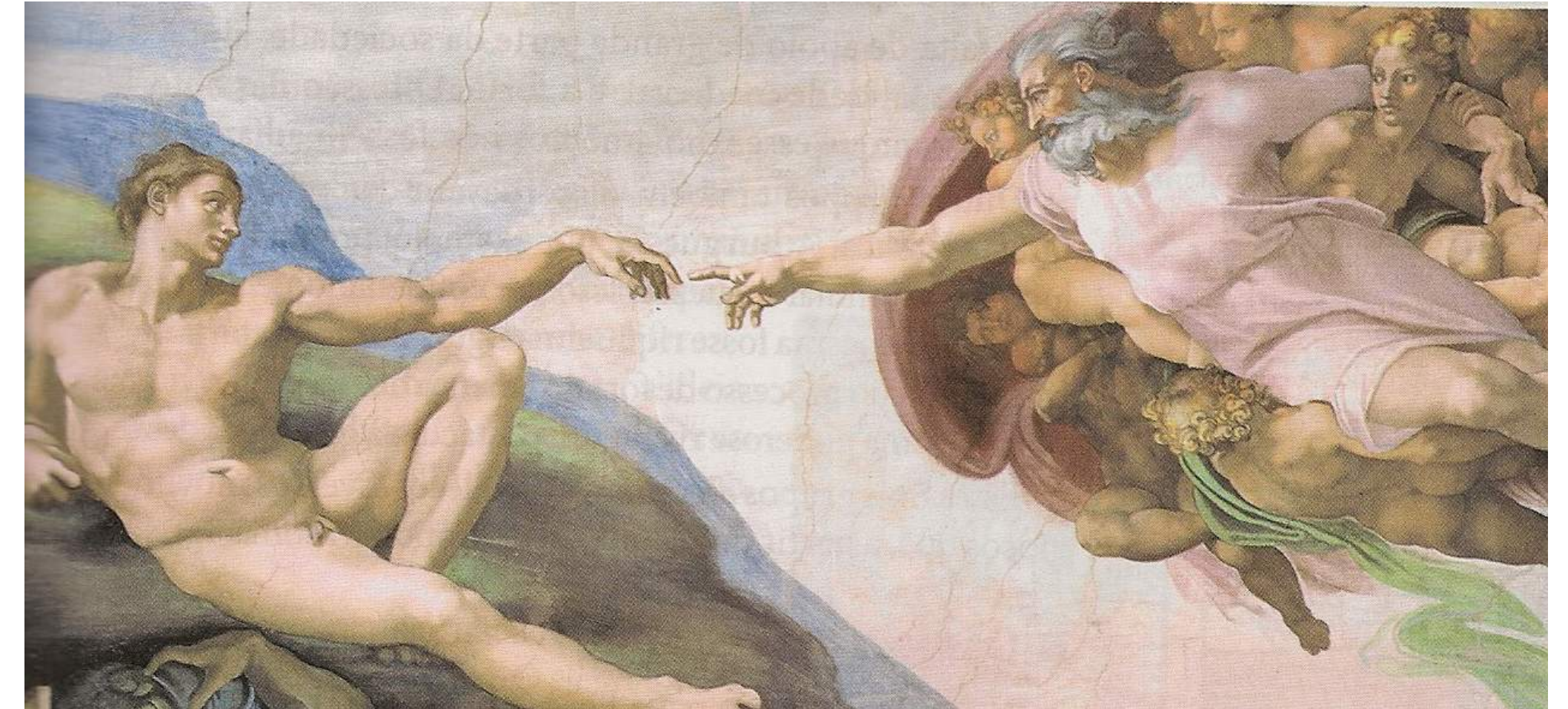


MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

Card 5 - E DA FERMENTAÇÃO FEZ A CERVEJA

O cenário dessa ilustração toma como referência as diagonais de força que são aplicadas ao afresco de Michelangelo, no teto da Capela Sistina, em *A CRIAÇÃO DE ADÃO* (1508 — 1515). Satirizando o momento da criação da vida, onde duas figuras masculinas são pintadas como foco central, o quinto *card* desse projeto retrata quase a mesma inclinação da pintura, só que revelando mulheres e a recreação — o momento de lazer de mulheres que não se importam com olhares de reprovação voltados para as suas escolhas e atitudes. A mulher negra, que detém o domínio sobre os produtos de consumo e a mulher branca que se esforça para ir ao encontro da primeira, simboliza o fim de situações excludentes que marginalizam uma categoria dentro do grupo mulheres.

A fonte fantasia do texto “mulher bebe o que quiser” traz a lembrança de antigos rótulos de cerveja e a diagonal estabelecida pela parte “o que” traça um paralelo com a diagonal da mão que vai ao encontro da cerveja, o que reforça a ideia de quem mulher bebe o que quiser. As cores quentes passam a sensação de calor e são amenizadas por interferências pontuais, por exemplo no frasco da garrafa, de cores frias que passam a ideia de frescor.

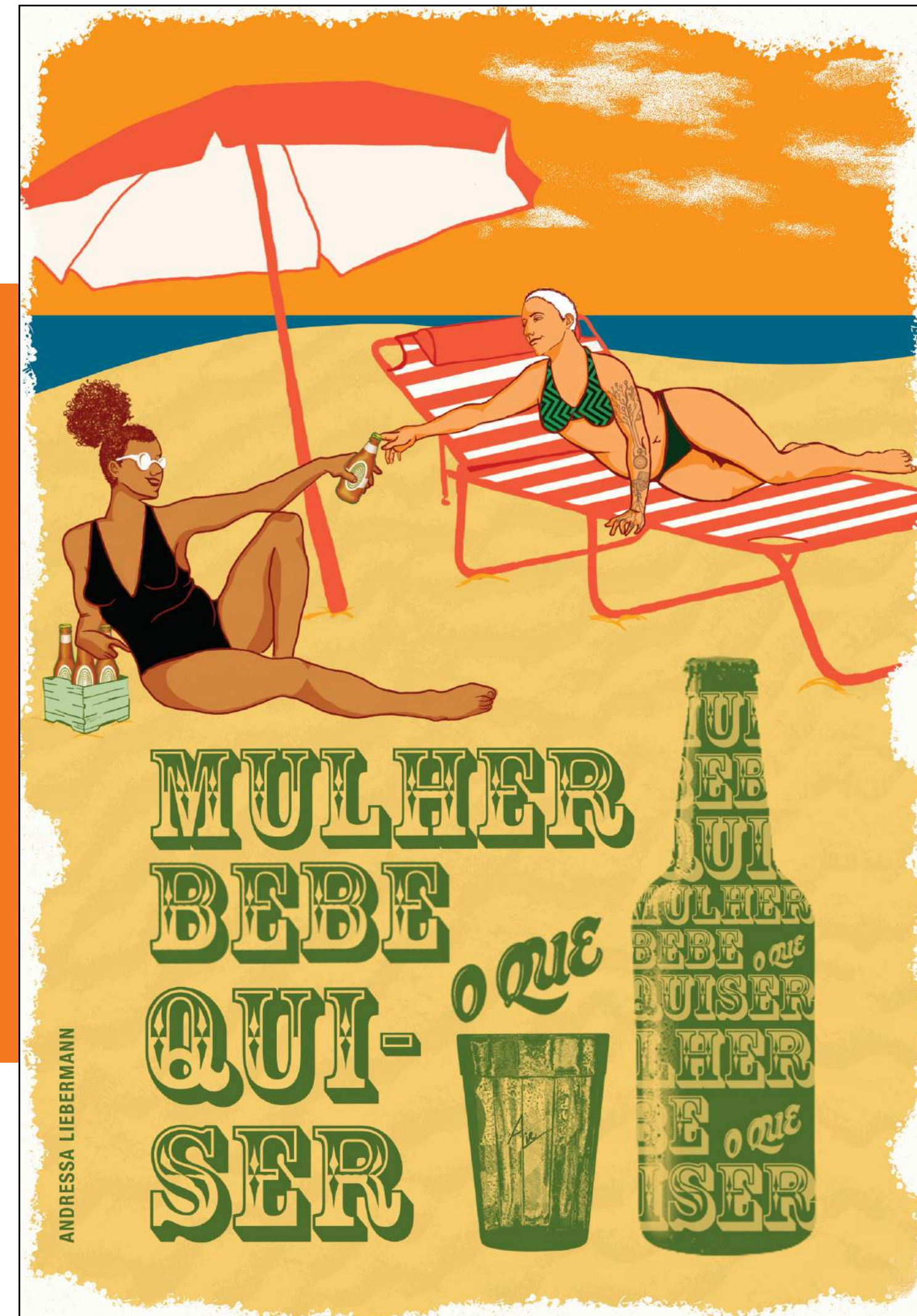


*A CRIAÇÃO DE ADÃO, (1508 – 1515)–
Michelangelo*

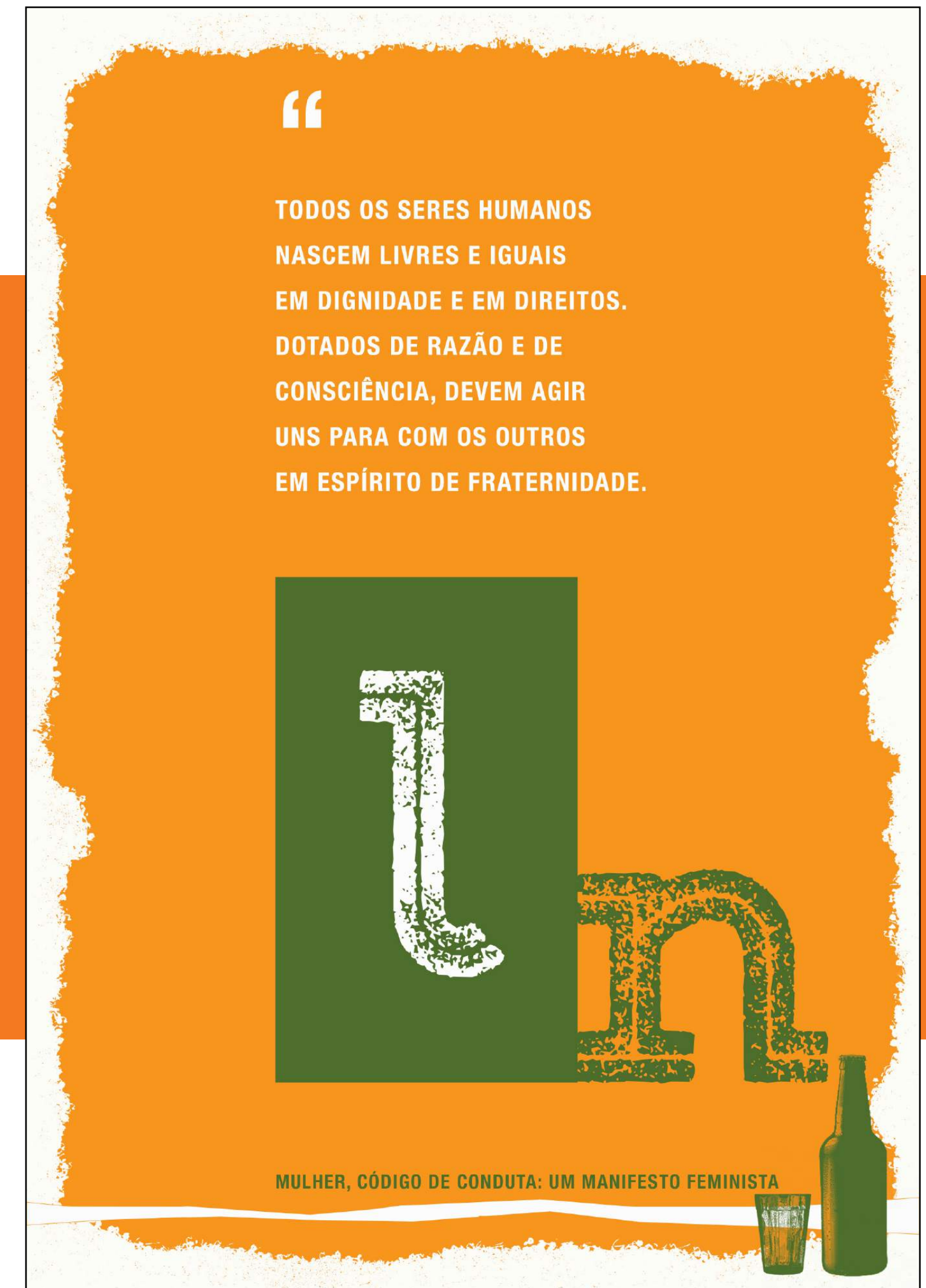
Tentativas descartadas

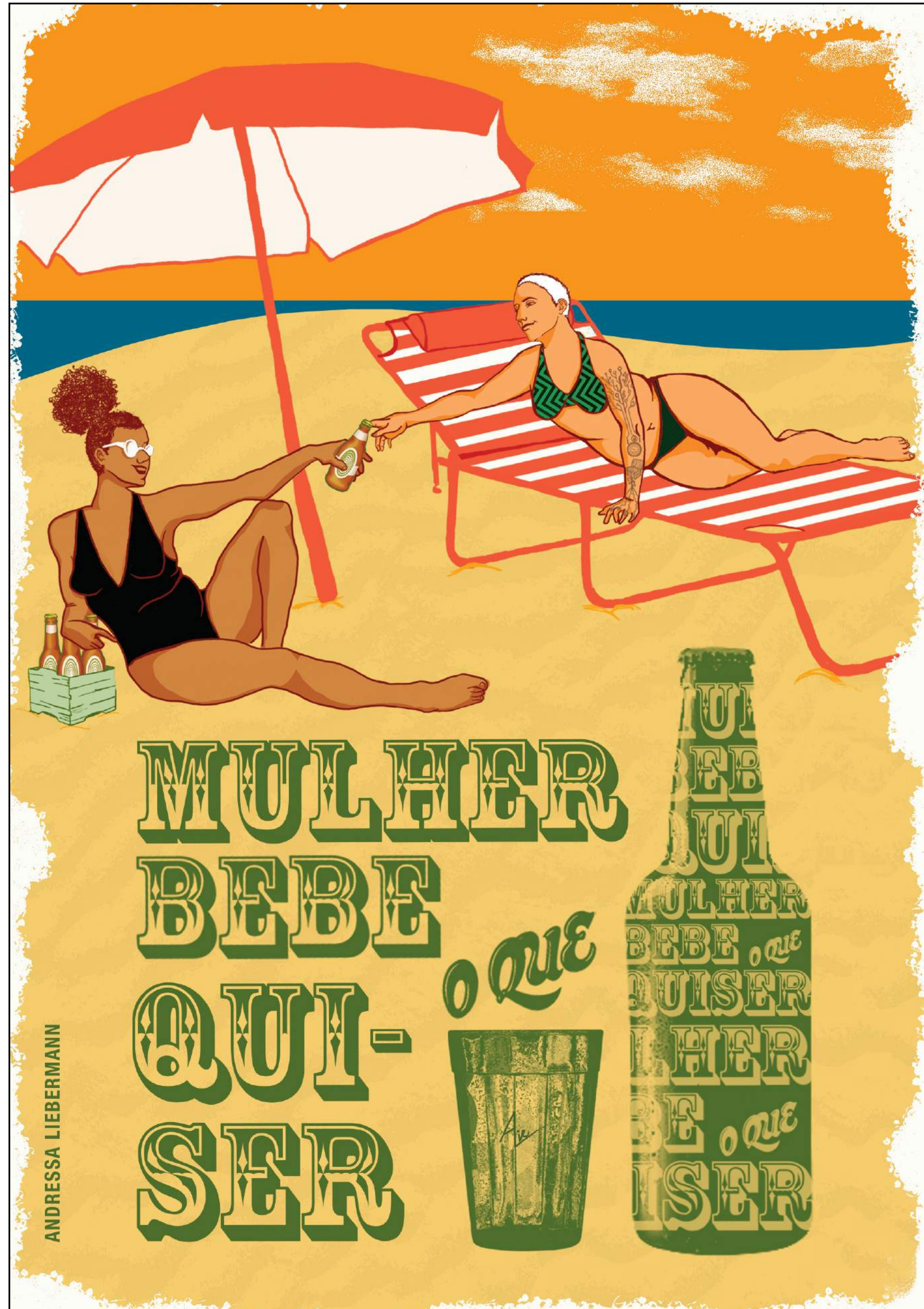


Ilustração aprovada



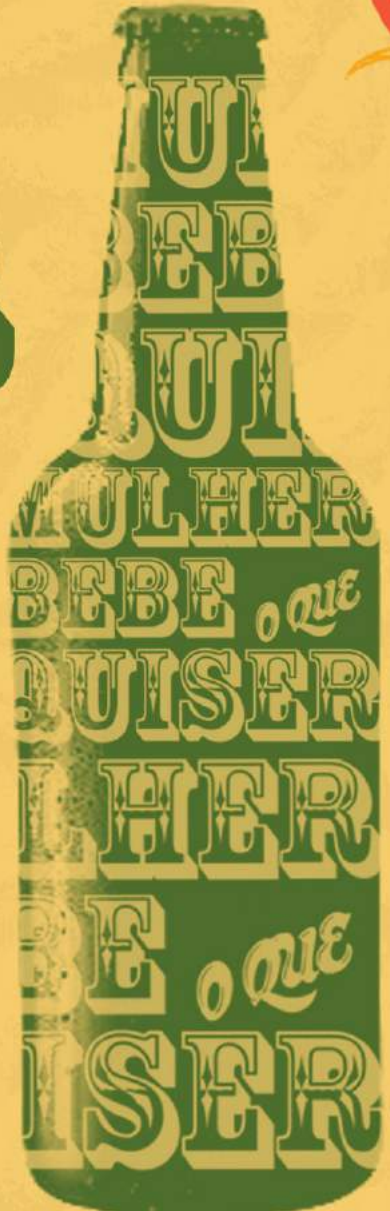
Verso do card





ANDRESSA LIEBERMANN

MULHER
BEBE
QUE
QUISER



“

TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.



MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA



Card 6 - FAIRPLAY

VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA, também conhecida como Nice de Samotrácia (em grego Nikè) datada de 220 A.C. representa a personificação da deusa grega da vitória, da força, do triunfo, da glória e da velocidade. E é essa escultura em Mármore de Paros é que serve de referência para o próximo *card* e que também serviu de inspiração para a criação da marca de artigos esportivos norte-americana Nike. Para acompanhar a ideia de vitória, fui buscar em uma esportista vitoriosa o equilíbrio entre mitologia e realidade.

Recém nomeada pela ONU para desempenhar a função *Embaixadora da Boa Vontade* para mulheres e meninas no esporte, a jogadora da seleção brasileira Marta lutará pela igualdade de gênero no futebol. Marta Vieira da Silva completa o time de referências para o *card* 6.

Em 2018, a seleção brasileira masculina de futebol, participou da sua 21ª Copa do Mundo. No Brasil, é comum que todas as atividades sejam interrompidas durante a transmissão dos jogos da seleção canarinho, cinco vezes campeã do mundo, que tem como seu maior símbolo O Rei Pelé.

No mesmo ano acontecia a oitava edição do Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino, conhecido oficialmente como Copa América Feminina de 2018. Sem nem metade do glamour, notoriedade, patrocínios da seleção masculina e do prestígio por parte da população torcedora ou dos veículos de comunicação, a seleção brasileira feminina se consagrou a maior vence-

dora do torneio com sete títulos, nas oito edições disputadas. Marta Vieira da Silva, considerada a maior jogadora de futebol de todos os tempos, participou do torneio e ajudou o Brasil a levar o seu sétimo troféu. A Rainha Marta ainda conta com título de melhor futebolista do mundo por cinco vezes consecutivas (um recorde entre mulheres e homens), além do prêmio de maior Artilheira da História das Copas do Mundo de Futebol Feminino. *Marta Maravilha* se tornou a Maior Artilheira da História da Seleção Brasileira, contando a masculina e a feminina, ultrapassando inclusive os números de gols de Pelé.

Nesse *card* eu aplico à maior goleadora da seleção brasileira a posição relacionada a *VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA*. Os braços abertos simbolizam as asas e a entrada na pequena área, a posição de poder e decisão. A fonte usada remonta um passado gráfico dos cartazes de futebol, indicando que a Marta é a maior inclusive entre as gerações masculinas passadas.



VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA

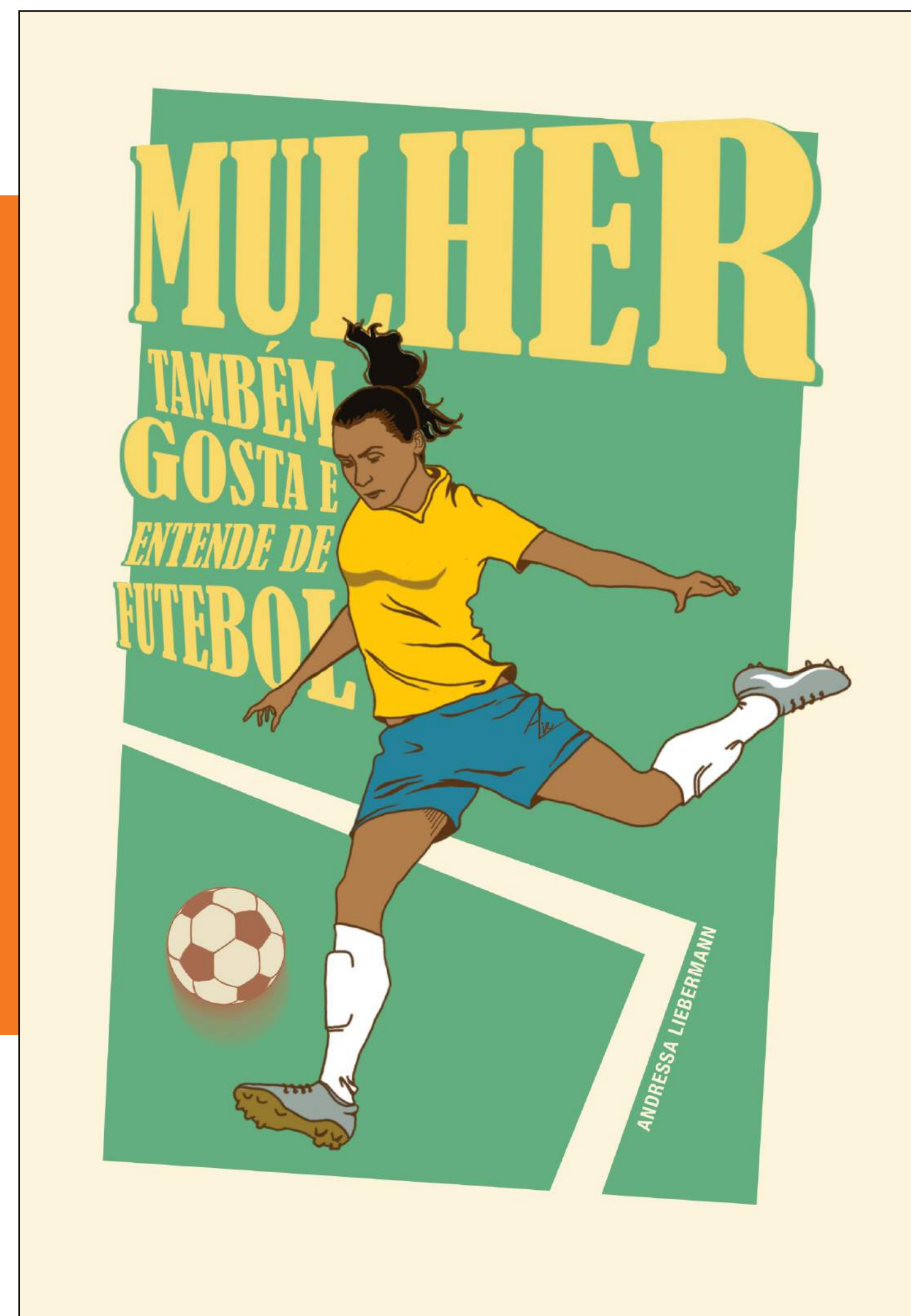


MARTA VIEIRA DA SILVA

Esboço descartado



Ilustração aprovada



Verso do card



MULHER

TAMBÉM
GOSTA E
ENTENDE DE
FUTEBOL



ANDRESSA LIEBERMANN

“

TODO INDIVÍDUO
TEM DIREITO À VIDA,
À LIBERDADE E
À SEGURANÇA PESSOAL.



MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

Card 7 - MULHER, FORÇA DE TRABALHO

A desigualdade nas relações de gênero ainda se faz presente em todas as esferas estruturais da sociedade atual. No mercado de trabalho, apesar da crescente inserção feminina em cargos que antes eram dominados exclusivamente por indivíduos do sexo masculino, a disparidade entre homens e mulheres no que diz respeito aos salários e credibilidade no exercício da função é gritante. A eclosão do número de mulheres nos ambientes de trabalho remunerado se deu no pós guerra, principalmente por conta das consequências deixadas nas condições econômicas e no ambiente familiar onde o homem, na maioria das vezes provedor da economia, acabava não voltando da guerra. Esse crescimento se deu principalmente por mulheres da camada média e alta, uma vez que mulheres das camadas mais baixas sempre precisaram trabalhar para manter a própria sobrevivência e ajudar no sustento do grupo familiar. Ainda assim, tradicionalmente, a força de trabalho feminina era considerada um suplemento da força de trabalho masculina. A mulher só se vinculava ao ambiente de trabalho se fosse necessário para complementar a renda familiar. Caso não houvesse a necessidade, era esperado que ela permanecesse no campo residencial, cuidando dos afazeres domésticos e da educação dos filhos. Romper com essa prática segundo a qual só o homem é bem recebido no mercado de trabalho é moldar um padrão estrutural baseado na igualdade de direitos. As mulheres têm tanta capacidade de destreza e competência quanto o homem. Portanto apresenta-se completamente abusiva e arbitrária conjunturas em que a funcionária mulher ganhe menos que seu correspondente masculino que exerce a mesma função. Mas ainda é fato

esse tipo de ocorrência na realidade cotidiana de grande parte das mulheres. A figura masculina é mais respeitada e recompensada pelo serviço que presta, principalmente se for um cargo de liderança. Enquanto a mulher, algumas vezes até mais apta para a função, precisa provar o seu valor a todo tempo, pois está sempre associada a insinuações imorais, pejorativas e sexistas e ao demérito da desvalorização, desqualificação e inferiorização de gênero. Engana-se quem pensa que todos partilhamos do mesmo direito de seleção, concorrência e coexistência. Engana-se mais ainda quem acha que não podemos.

Para este *card*, a referência artística é o *DAVI* (1501–1504) de Michelangelo, sua natureza heróica e seu semblante sério e cauteloso retratado momentos antes do confronto com Golias. Aquele é o momento de tensão, de escolha e atitude. Momento com o qual as mulheres estão bem familiarizadas, pois precisam provar o seu valor a todo tempo.

Busquei na estética do Construtivismo Russo a base para ambientar o cenário dessa posição de ideologia libertária e movimento de resistência.

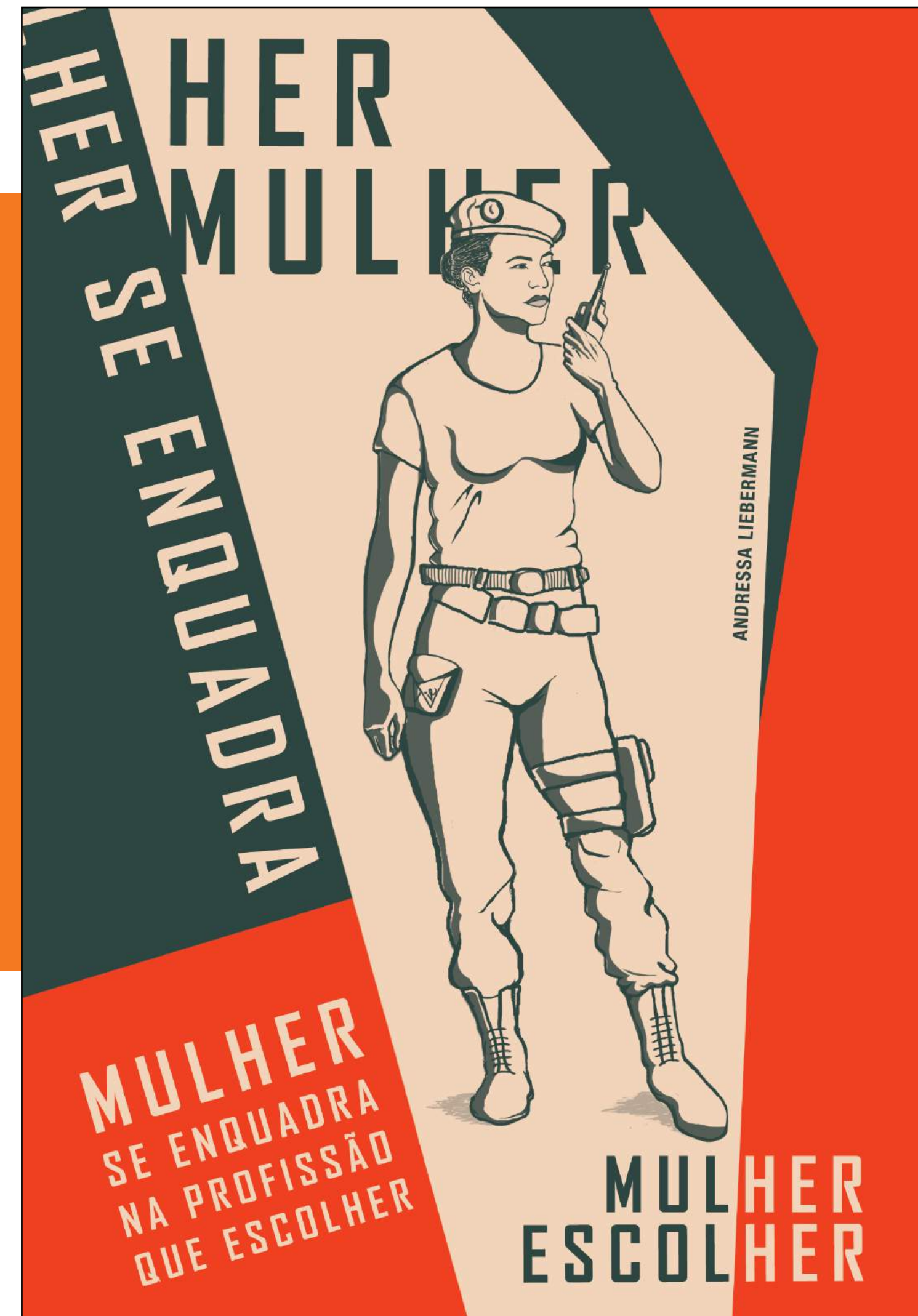


CARTAZ CONSTRUTIVISTA EM QUE LILY BRIK GRITA "LIVROS!", 1925 — Alexander Rodchenko

DAVI (1501–1504) — Michelangelo



Ilustração aprovada



Verso do card



HER
SE ENQUADRA

HER
MULHER



ANDRESSA LIEBERMANN

MULHER
SE ENQUADRA
NA PROFISSÃO
QUE ESCOLHER

MULHER
ESCOLHER

“

TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.

as

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

Card 8 - **NAMORAR E QUERER BEM, SEM RESTRIÇÃO A NINGUÉM**

A sexualidade feminina ainda é um tema cercado de tabus. Enquanto no universo masculino a sexualidade é estimulada desde cedo e encarada de maneira muito natural em termos de necessidade fisiológica e social, a feminina é vista com pudores e reprovação. Seja por questões religiosas ou culturais, essa repressão inibe o desenvolvimento sexual e o autoconhecimento da mulher. A mulher, tanto quanto o homem, possui desejos e vontades que são inerentes à natureza humana e devem ser encarados com a mesma aceitação. A manifestação da libido, na esfera da psicologia, é essencial para a compreensão do comportamento humano, pois é caracterizada como energia direcionada aos instintos vitais. Essa condição que está incorporada à natureza humana e a predisposição que nos acompanha desde o nascimento, é um direito inato do indivíduo e deve ser respeitado bem como a liberdade de orientação sexual e o livre exercício dessa sexualidade. O direito à igualdade abraça também a conduta afetiva. É um direito natural da mulher, assim como de todo indivíduo, se relacionar com quem ela bem desejar e como ela bem quiser. Qualquer discurso e indício de discriminação, reprovação ou repúdio, não importa de que ordem for, vai contra os valores de liberdade e igualdade.

A referência para a concepção desse card vem de um dos beijos mais conhecidos do cinema (entre o público de 20 a 40 anos). No filme *HOMEM-ARANHA* de 2002, a Mary Jane (interpretada pela atriz Kirsten Dunst) beija o homem aranha (Tobey Maguire) sem saber que ele é o seu amigo Peter Parker. Os dois estão em um beco e o homem aranha aparece de cabeça pra baixo, pen-

durado em sua teia. Mary Jane então abaixa a máscara dele até certo ponto, a pedido do próprio homem aranha, e dá o beijo. A máscara ainda protege a identidade do herói, mas Mary Jane não se importa em saber, porque a vontade que move aquele desejo vai além das aparências.

Nesse *card* a cor magenta se aproxima do desejo, por ser uma vibração quente; a cor azul transmite calma e serenidade; e a cor amarela a esperança. A fonte usada é uma fonte orgânica e fluida assim como o sentimento.



HOMEM-ARANHA, filme de 2002

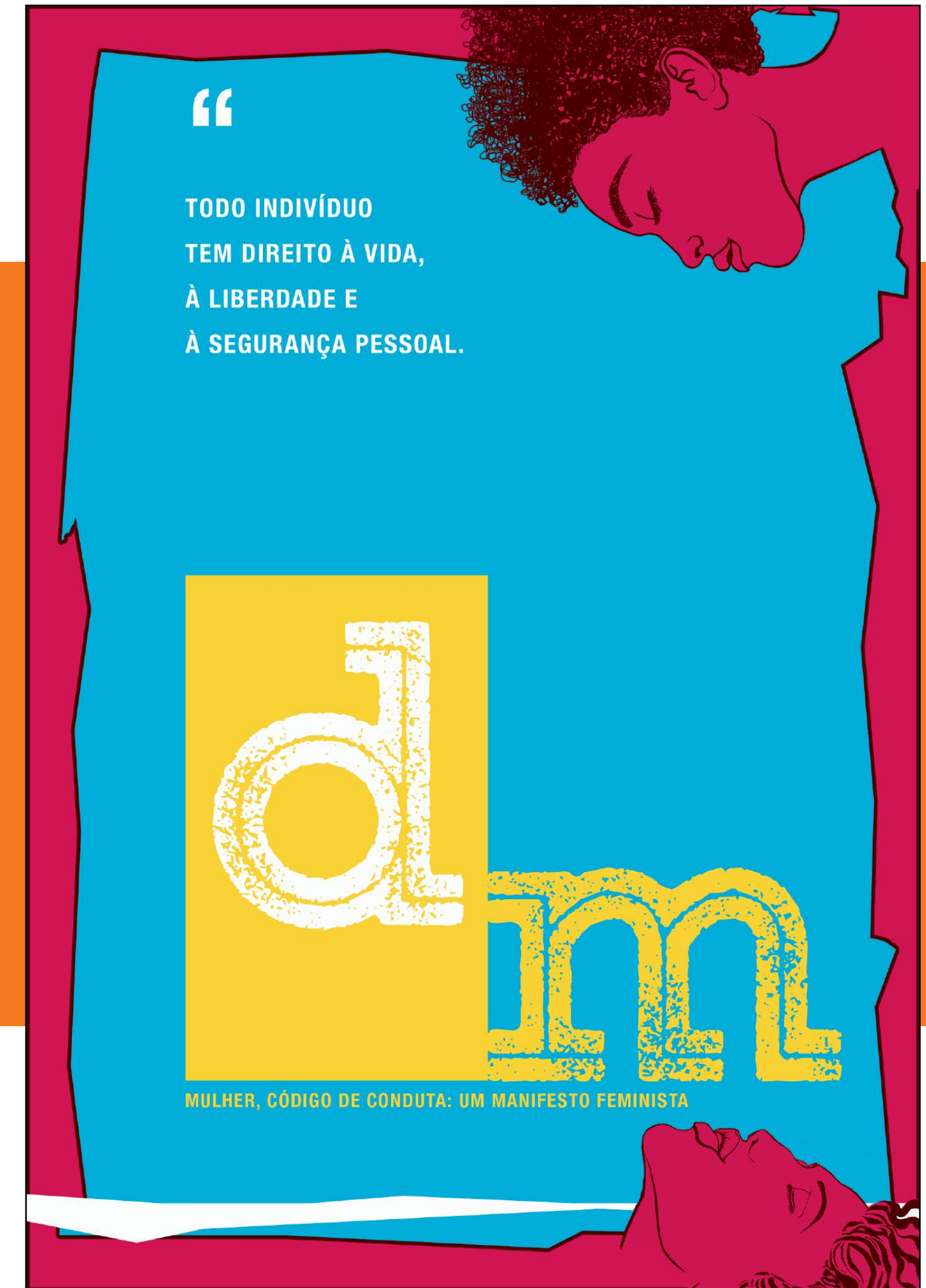
Primeira ideia



Ilustração aprovada



Verso do card





mulher
namora
quem
quiser

namora
mulher
namora
quem
quiser
mulher
namora
quem
quiser

mulher
namora
quem
quiser
namora
mulher
namora
quem
quiser

ANDRESSA LIEBERMANN

“

TUDO INDIVÍDUO
TEM DIREITO À VIDA,
À LIBERDADE E
À SEGURANÇA PESSOAL.

ol
mulher

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA



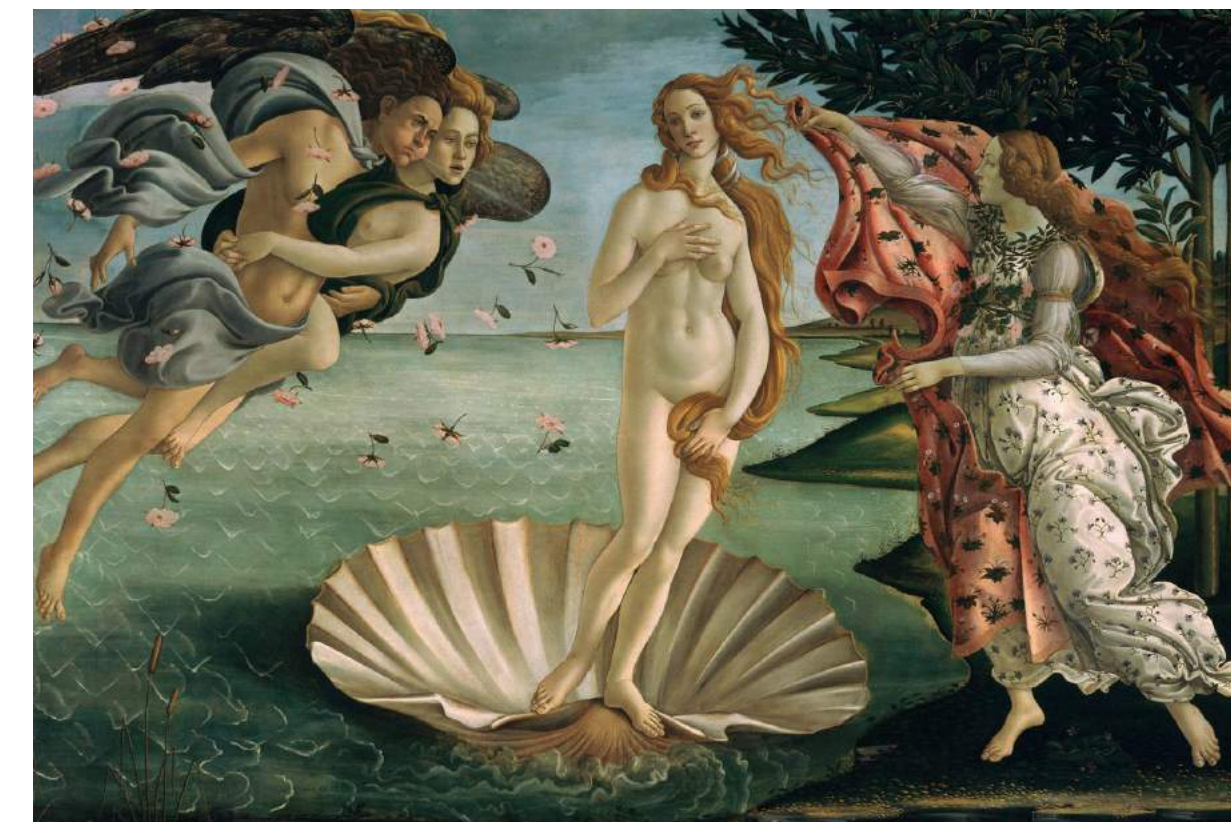
Card 9 - RENASCIMENTO DE VÊNUS

A mídia insiste em idealizar uma beleza moldada dentro de um determinado padrão de requisitos como magreza, altura e corpos malhados. Há algum tempo esses modelos vêm sendo vendidos como rótulo de saúde, sucesso e felicidade. Quebrar essa barreira e desacreditar nessa imposição é um exercício necessário autoaceitação. Séculos antes, corpos curvilíneos eram admirados, esculpidos e pintados. O desfile na passarela e a lucratividade que se tem com arquétipos de manequins menos protuberantes foi evoluindo até excluir quase que por completo qualquer corpo que não fosse o esbelto.

Mas esse retrato é apenas um recorte das tantas possibilidades que um corpo pode ter. Todo corpo tem a sua beleza! E essa beleza é a saúde de poder ser e estar, onde for, com total amplitude e sinceridade. Desfrutar desse maquinário com zelo, gentileza e energia, em favor da vitalidade e da liberdade de ser exatamente quem você é ou quem você quiser ser, lembrando que não existem regras de proporção, é a maior manifestação de carinho, elegância e graciosidade que se configura em charme e beleza no desenho da matéria corporal.

A referência desse card foi o *NASCIMENTO DE VÊNUS* (1484), pintura de Sandro Botticelli. Esse quadro mostra Vênus surgindo do mar sobre uma concha. Alguns pontos anatômicos de Vênus são bem peculiares, talvez licença poética indícios do maneirismo, mas há divergências sobre os motivos que levaram Botticelli a reproduzir um pescoço irrealisticamente longo e ombro

esquerdo anatomicamente improvável. A observação dessa obra e a descoberta desses detalhes me fizeram refletir sobre um reanscimento de Vênus. Uma Vênus dona de um corpo totalmente fora dos padrões de beleza atual e que ainda assim, nas suas particularidades de peso e massa corporal, se aceita e tem as rédeas da própria vida. Confiante e decidida o bastante para se apresentar sobre uma prancha de stand up paddle, em que ela comanda o seu próprio destino e continua plena, resistindo as ondas de tensão e modismo retradada pela representação da *GRANDE ONDA DE KANAGAWA*. As cores do card transmitem a sensação de jovialidade e equilíbrio.



NASCIMENTO DE VÊNUS, 1484,
Sandro Botticelli



A GRANDE ONDA DE KANAGAWA, 1830 – 1833,
Katsushika Hokusai

Primeira ideia

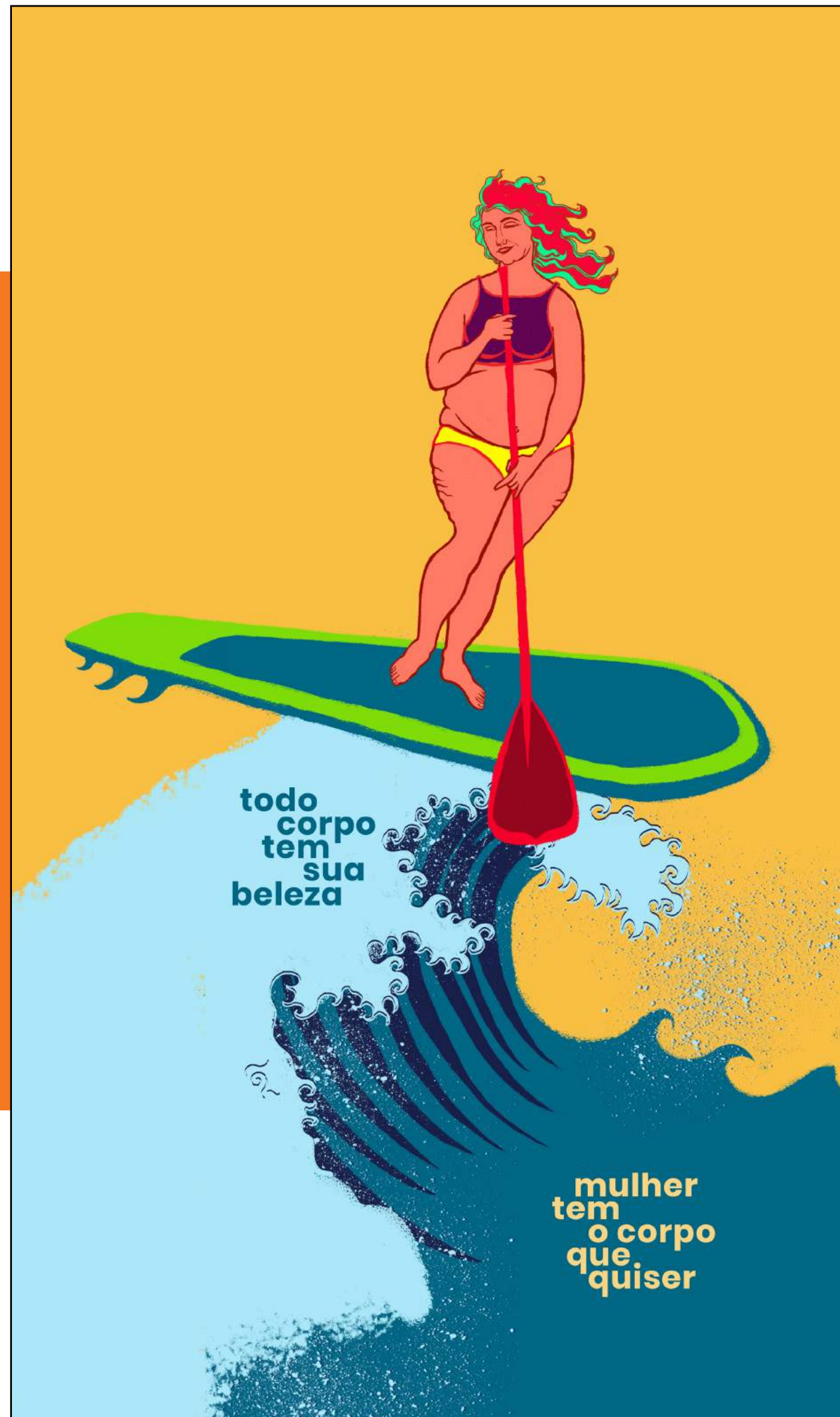
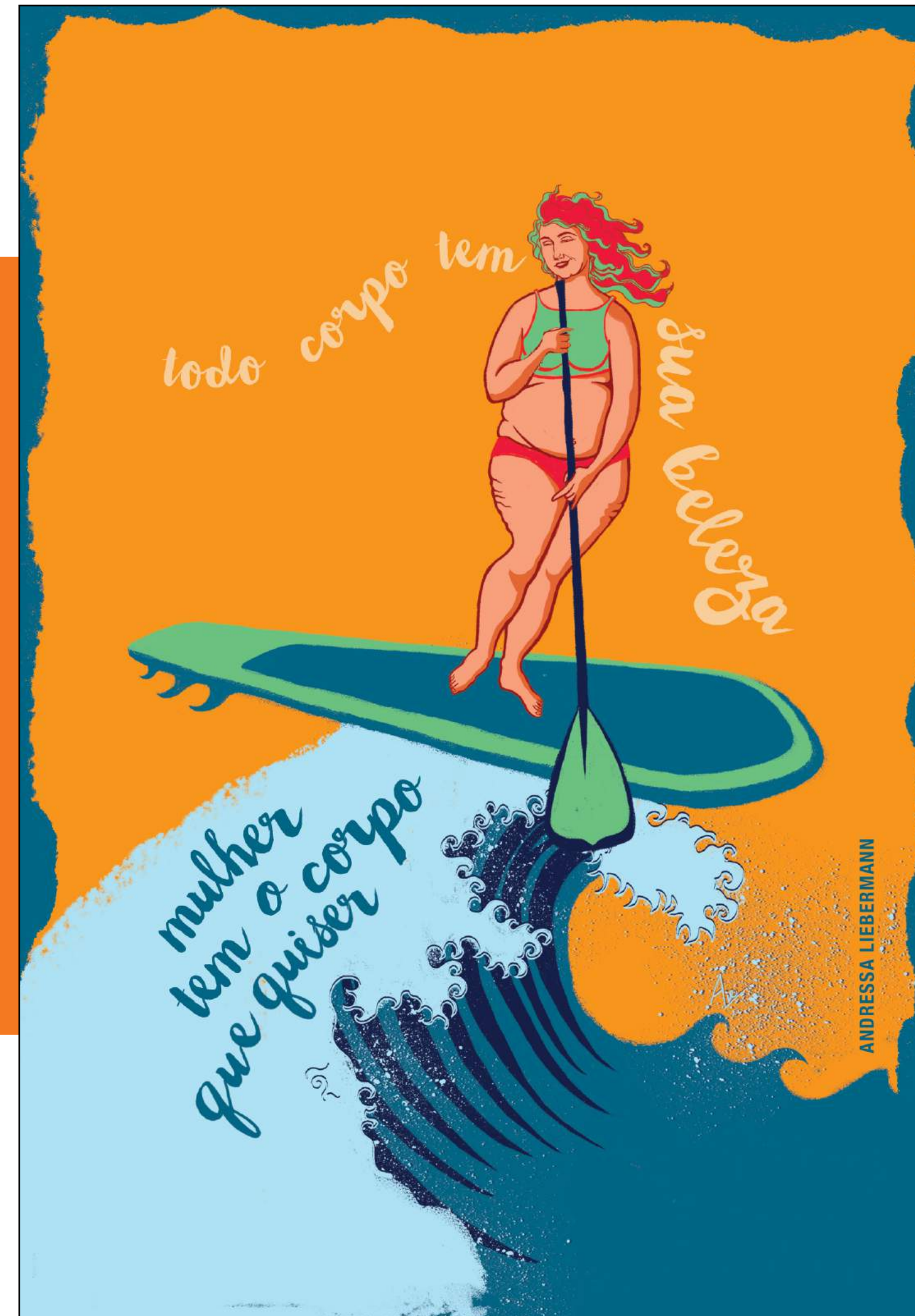


Ilustração aprovada



Verso do card





todo corpo tem

sua beleza

mulher tem o corpo que quiser

ANDRESSA LIEBERMANN

TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.

”

e

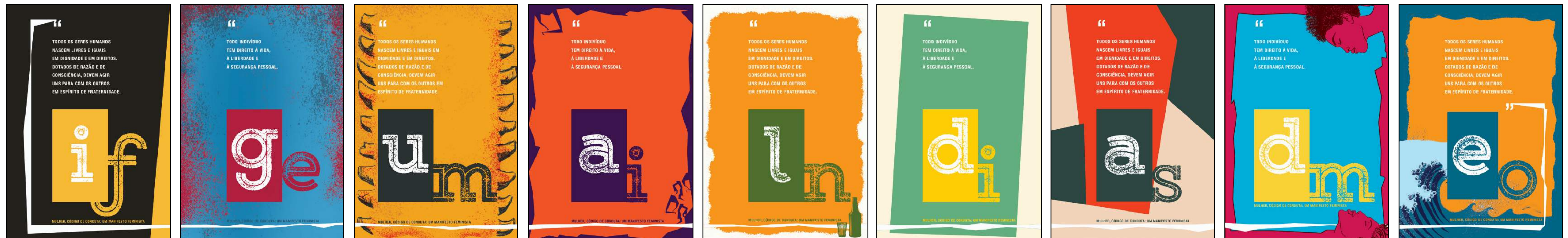
o

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

FRENTE DOS CARDS



VERSO DOS CARDS



Card Cartão Explicativo – **DETA- LHES QUE QUASE NINGUÉM VÊ**

O cartão explicativo acompanha o conjunto com curiosidades e dicas de como desvendar as duas palavrinhas escondidas. As cores seguem a identidade visual da caixinha do projeto.

DETA L HES QUE QUASE NINGUÉM VÊ

Os textos que se encontram no verso dos cards foram extraídos da **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**.

Os cards **1, 3, 5, 7 e 9** citam o artigo 1º.

Os cards **2, 4, 6 e 8** citam o artigo 3º.

➤ **card 1**

A sequência do código de barras indica o número* total de procedimentos cirúrgicos (aumento de mamas) mais feitos por mulheres no ano de 2017.

*segundo dados retirados do site www.lucianaepino.com.br

O número de curtidas representa a estimativa de agressões sofridas por mulheres, no dia 10/ 11/ 2018, até as 14h29 (momento da concepção do card), segundo o site RELÓGIOS DA VIOLÊNCIA - do Instituto Maria da Penha.

➤ **card 2**

Contém os seguintes termos:

BROPRIATING - É quando um homem se apropria de uma ideia já mencionada anteriormente por uma mulher e leva os créditos por ela.

GASLIGHTING - É um abuso psicológico que faz com que a mulher acredite que está louca, ou equivocada, enquanto na verdade ela está originalmente correta.

MANSPLAINING - São momentos onde o homem tenta explicar, presunçosa e didaticamente, para uma mulher, algum assunto óbvio ou que ela já saiba.

MANTERRUPTING - Acontece quando um homem interrompe constantemente a fala de uma mulher, de maneira desnecessária, impedindo que ela conclua sua linha de raciocínio.

➤ **card 3**

Possui a representação do órgão reprodutor e do cromossomo sexual masculino.

➤ **card 5**

Tem como referência imagética um famoso afresco de Michelangelo, reproduzido no teto de uma conhecida capela que se encontra na residência oficial do Papa.

➤ **card 6**

A ilustração foi inspirada na jogadora eleita, por seis vezes, a Melhor Futebolista do Mundo e que se tornou a Maior artilheira da História da Seleção Brasileira, feminina e masculina.

➤ **card 9**

A última ilustração faz um paralelo com uma famosa pintura de Botticelli, onde uma deusa emerge do mar sobre uma concha.

➤ **palavras escondidas**

Os versos das ilustrações possuem duas letras. Quando arrumados de maneira correta, revelam duas palavras de 9 letras. As letras em branco formam uma palavra e as coloridas, outra. Consegue identificá-las?

resposta: Igualdade e Feminismo



LETRAS BRANCAS

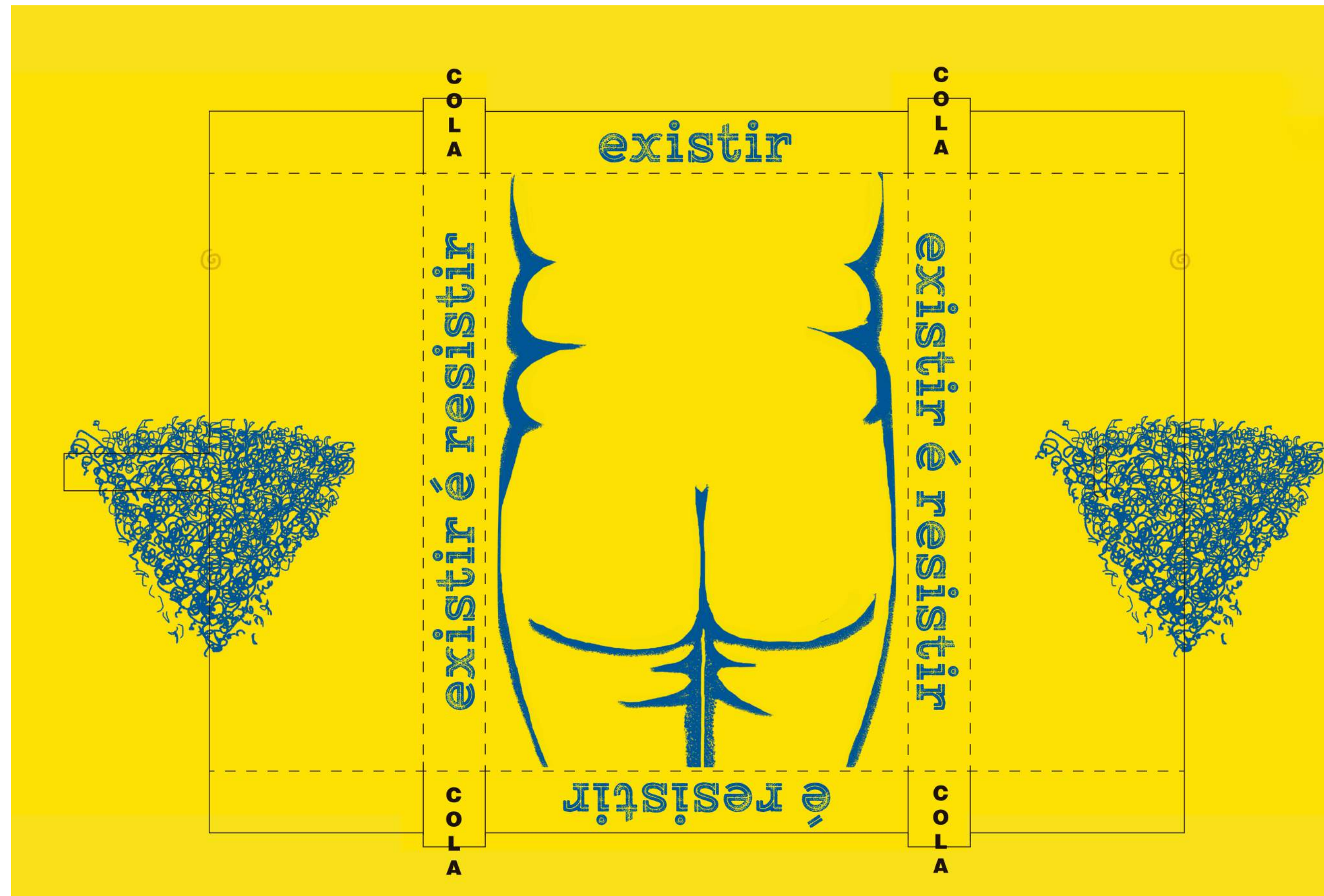


LETRAS COLORIDAS



1.6 A CAIXA

Parte externa



A caixa é a representação do corpo feminino. Um corpo fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade atual. A parte de abertura tem a representação dos pelos pubianos, que quando presentes no corpo feminino são tidos como falta de higiene. O fechamento da caixa se completa com o auxílio do velcro, um paralelo traçado com a expressão pejorativa "colar velcro", usada para designar as relações sexuais entre duas mulheres. A escolha da frase é um desabafo. Um ato político, porque só quem é mulher entende os perigos a que estamos expostas, desde o momento do nascimento. A vulnerabilidade é constante, contudo a resistência também. O azul é a cor preferida por mulheres e homens em todo mundo. e é uma cor relacionada com divindade, eternidade, espaço, verdade e confiança. Já o amarelo sinaliza, ilumina, alerta e está associado com emergência e esperança.

Parte interna

“
Algumas pessoas me perguntam:
“Por que usar a palavra
‘feminista’?
Por que não dizer que você acredita
nos direitos humanos, ou algo parecido?”
PORQUE SERIA DESONESTO.

RESISTÊNCIA
EMPODERAMENTO
FEMINISMO
IGUALDADE
LIBERDADE
FRATERNIDADE
GÊNEROS
DIREITO
ESCOLHA

FORÇA LUTA

O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos.

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE,
escritora nigeriana”

O interior da caixa representa o interior da mulher. A força e a vida.

1.7 A luva

“

Feminismo é coisa séria. Arte também.

Nesse projeto, feminismo e arte se combinam na dose certa! Nossos olhos se perdem entre traços marcantes, cores vivas e referências de obras mestras, que nos levam, numa mistura de leveza e acidez, à necessária reflexão sobre o duro cotidiano feminino.”

Alice Moraes,
PROFESSORA DO CEFET/RJ
E DOUTORANDA EM
ESTUDOS DE LINGUAGEM (UFF)

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: Um manifesto feminista

é um projeto idealizado com o intuito de alertar e denunciar o modo como nos relacionamos com a imagem que se criou em torno da figura feminina na sociedade.

O feminismo tem como dinâmica a igualdade social, política e econômica entre todos os indivíduos, sem qualquer distinção. E feminista é aquele ou aquilo que abraça essa ideia de igualdade sem restrições.

O produto final é um livro-objeto com 9 cards ilustrados que ora criticam comportamentos opressores, violentos e machistas, ora destacam a força e legitimidade da desterritorialização cultural da mulher objetificada. **Mulher é do jeito que ela quiser ser**, sem códigos ou condutas predefinidos que lhe foram impostos durante séculos por aqueles que, consciente e inconscientemente, apresentavam a necessidade de afirmar um lugar de superioridade sobre o gênero feminino.

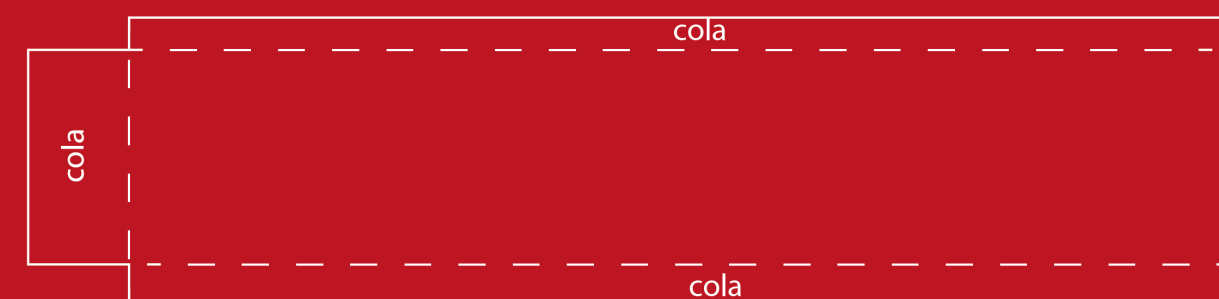
Convidamos você a fazer esses exercícios de consciência social: guardar na caixinha tudo que não representa a harmonia de direitos iguais e exteriorizar a gentileza do respeito ao próximo, diante da beleza que existe na diversidade.



mulher, código de conduta - UM MANIFESTO FEMINISTA



EDITORA



Para simular um efeito texturizado de laminação, um selo com o nome da autora foi desenvolvido. A ideia de destaque é provocar um incômodo, questionando o pudor e o tabu a cerca do corpo feminino.

verso

“

Feminismo é coisa séria. Arte também.

Nesse projeto, feminismo e arte se combinam na dose certa! Nossos olhos se perdem entre traços marcantes, cores vivas e referências de obras mestras, que nos levam, numa mistura de leveza e acidez, à necessária reflexão sobre o duro cotidiano feminino.”

Alice Moraes,
PROFESSORA DO CEFET/RJ
E DOUTORANDA EM
ESTUDOS DE LINGUAGEM (UFF)

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: Um manifesto feminista

é um projeto idealizado com o intuito de alertar e denunciar o modo como nos relacionamos com a imagem que se criou em torno da figura feminina na sociedade.

O feminismo tem como dinâmica a igualdade social, política e econômica entre todos os indivíduos, sem qualquer distinção. E feminista é aquele ou aquilo que abraça essa ideia de igualdade sem restrições.

O produto final é um livro-objeto com 9 cards ilustrados que ora criticam comportamentos opressores, violentos e machistas, ora destacam a força e legitimidade da desterritorialização cultural da mulher objetificada. **Mulher é do jeito que ela quiser ser**, sem códigos ou condutas predefinidos que lhe foram impostos durante séculos por aqueles que, consciente e inconscientemente, apresentavam a necessidade de afirmar um lugar de superioridade sobre o gênero feminino.

Convidamos você a fazer esses exercícios de consciência social: guardar na caixinha tudo que não representa a harmonia de direitos iguais e exteriorizar a gentileza do respeito ao próximo, diante da beleza que existe na diversidade.



frente



M



ulher,
código de
conduta

UM MANIFESTO FEMINISTA



EDITORA

1.8 FOTOS DO PROJETO









“

Feminismo é coisa séria. Arte também.

Nesse projeto, feminismo e arte se combinam na dose certa! Nossos olhos se perdem entre traços marcantes, cores vivas e referências de obras mestras, que nos levam, numa mistura de leveza e acidez, à necessária reflexão sobre o duro cotidiano feminino.”

Alice Moraes,

PROFESSORA DO CEFET/RJ
E DOUTORANDA EM
ESTUDOS DE LINGUAGEM (UFF)

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: Um manifesto feminista

é um projeto idealizado com o intuito de alertar e denunciar o modo como nos relacionamos com a imagem que se criou em torno da figura feminina na sociedade.

O feminismo tem como dinâmica a igualdade social, política e econômica entre todos os indivíduos, sem qualquer distinção. E feminista é aquele ou aquilo que abraça essa ideia de igualdade sem restrições.

O produto final é um livro-objeto com 9 cards ilustrados que ora criticam comportamentos opressores, violentos e machistas, ora destacam a força e legitimidade da desterritorialização cultural da mulher objetificada. **Mulher é do jeito que ela quiser ser**, sem códigos ou condutas predefinidos que lhe foram impostos durante séculos por aqueles que, consciente e inconscientemente, apresentavam a necessidade de afirmar um lugar de superioridade sobre o gênero feminino.

Convidamos você a fazer esses exercícios de consciência social: guardar na caixinha tudo que não representa a harmonia de direitos iguais e exteriorizar a gentileza do respeito ao próximo, diante da beleza que existe na diversidade.



“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
ENTÃO, DE RAÇA E DE
CONDIÇÃO, DEVEM AGIR
UM PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

if

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL

“
TODOS INDIVÍDUOS
TÊM DIREITO À VIDA,
À LIBERDADE E
À SEGURANÇA PESSOAL.”

ge

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
ENTÃO, DE RAÇA E DE
CONDIÇÃO, DEVEM AGIR
UM PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

um

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL

“
TODOS INDIVÍDUOS
TÊM DIREITO À VIDA,
À LIBERDADE E
À SEGURANÇA PESSOAL.”

ai

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
ENTÃO, DE RAÇA E DE
CONDIÇÃO, DEVEM AGIR
UM PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

ln

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL

“
TODOS INDIVÍDUOS
TÊM DIREITO À VIDA,
À LIBERDADE E
À SEGURANÇA PESSOAL.”

di

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
ENTÃO, DE RAÇA E DE
CONDIÇÃO, DEVEM AGIR
UM PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

as

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL

“
TODOS INDIVÍDUOS
TÊM DIREITO À VIDA,
À LIBERDADE E
À SEGURANÇA PESSOAL.”

dm

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
ENTÃO, DE RAÇA E DE
CONDIÇÃO, DEVEM AGIR
UM PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

eo

MARCA, SÍMBOLO DE COMÉRCIO, DE MARCADO COMERCIAL



“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

g

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

u

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

d

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

a

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

s

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

d

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

m

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

e

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

o

“
TODOS OS SERES HUMANOS
NASCEM LIVRES E IGUAIS
EM DIGNIDADE E EM DIREITOS.
DOTADOS DE RAZÃO E DE
CONSCIÊNCIA, DEVEM AGIR
UNS PARA COM OS OUTROS
EM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.”

o

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

MULHER, CÓDIGO DE CONDUTA: UM MANIFESTO FEMINISTA

conclusão

A imersão nesse projeto me proporcionou momentos únicos de autoconhecimento e crescimento, como os desafios de superação da autosabotagem, além da chance de contribuir com o empoderamento de uma parcela tão sofrida, oprimida e subjulgada.

Habitar a pele do designer enquanto autor não é nem de longe o glamour que se imagina. Não é mais fácil ilustrar um projeto completamente autoral, aliás muito pelo contrário. Após o embate folha em branco, a luta passa para “todas as decisões seguintes”. Perder o fio condutor, sem qualquer tipo de orientação externa, torna-se uma realidade iminente. Trabalhos autorais tendem a nunca sair do papel, quando por fim entram no papel, porque ou o nível de exigência atrapalha, ou a falta de disciplina toma o espaço. Um outro olhar pode ser sempre muito bem vindo para enxergar o que os seus próprios olhos já não conseguem ver muito bem.

Entendo que o estudo ainda não é o suficiente para representar uma mudança significativa na nossa sociedade, mas a esperança é que o alcance gere uma pequena faísca nesse motor de conscientização. Entendo também que as análises teóricas aqui dissertadas não alcançam a profundidade que um assunto tão delicado e importante, quanto o tratado neste documento, demanda. Mas a intenção de melhorar e superar as próprias limitações é sempre constante. Sair da inércia e dar o primeiro passo em direção a um

futuro mais digno e igualitário é o que, nesse momento, faz mais sentido. Não importa o tamanho desse passo, mas sim a pegada. É preciso dar exemplos, criar representatividade, dar espaços, olhar em volta, agregar, juntar coexistir, aceitar e respeitar. É preciso fazer mais!

Apontamentos e observações da banca avaliadora como, por exemplo, uma outra solução para o fechamento da caixa, em relação ao posicionamento do velcro que compromete um pouco o encaixe da luva, estão em estudo para correções e ajustes. A solução nesse caso, seria apenas inverter o lado que se encontra a lingueta com o velcro, no sentido da orientação do movimento que veste a luva, para melhor acomodação.

No *card 2 - MULHER, VÍTIMA* - as palavras que estão dentro do mar de sangue e simulam um comportamento aquático, serão reavaliadas pois comprometem a assimilação de termos não muito conhecidos e isso pode dificultar a leitura do conjunto. Uma solução seria deixar os caracteres mais próximos do formato original da fonte.

O *card 3 - AÇOUQUE DO ASSÉDIO* - também está em análise, pois é o único card que apresenta claramente a mulher em uma situação desumana e justamente foi escolhida para representação uma mulher negra. A escolha da pele negra para essa ilustração foi decidida após leituras de pesquisas e dados

que apontam a mulher negra como a maior vítima de agressões. O recorte dessa imagem é alertar esses números alarmantes e apontar que mulher não pode ser tratada como pedaço de carne, que a vida da mulher negra não é descartável e nem tem menos valor que a vida de outras mulheres, ou qualquer outro indivíduo. Para isso, foi criada uma analogia com a música de Elza Soares, em que ela diz *“a carne mais barata do mercado é a carne negra”*. Ao conversar com várias mulheres negras e feministas sobre esse card em particular, um novo estudo de aproximação com o reconhecimento do trecho da música da Elza Soares foi sugerido para melhor leitura do propósito gráfico da composição dentro do conjunto. A conversa com mulheres negras se fez e se faz muito importante dentro desse projeto. Eu, mesmo sendo mulher e vivendo situações que limitam a mulher e menosprezam nossa capacidade, tenho a pele branca e tive privilégios que me pouparam de situações que mulheres negras, infelizmente, ainda vivem todos os dias. E é a voz delas que ecoa nesse lugar de fala. A participação de todas, todos e todes é de suma importância em cada protesto e cada conquista.

Estudos da intenção de viabilização de comercializar o produto está em andamento. A análise de um possível crowdfunding será feita. O mercado editorial passa por uma grande crise e dificilmente haveria abertura para investimentos em um projeto de uma autora sem experiência na área, ou que já não pertencesse ao catálogo da editora. Muito embora o feminismo seja um assunto em alta, as editoras não estão fazendo apostas arriscadas no momento. Vive-se um período de contenção de despesas. A solução mais razoável seria mesmo a parceria com projetos de financiamento que contam com participação do público

interessado na internet. Para tornar o produto mais interessante, a produção de brindes para a pré-venda (como camisas, bottons e posters), seria uma estratégia. Patrocínio de posts divulgando o produto nas redes sociais e a criação de um hotsite falando mais sobre o produto também fariam parte do plano de marketing.

Esse seria o possível primeiro volume de uma série que se propõe a falar do feminismo em diferentes categorias, a começar pela mulher.

bibliografia

- 360, Movimento Mulher. **MM360 explica os termos gaslighting, mansplaining, maninterrupting e bropropriating.** Novembro, 2016. Disponível em: <<http://movimentomulher360.com.br/2016/11/mm360-explica-os-terminos-gaslighting-mansplaining-bropriating-e-maninterrupting/>>. Acesso em 1 de agosto de 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **We should all be feminists.** Dezembro, 2012. TEDxEuston. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists>. Acesso em 20 de julho de 2018.
- ARMSTRONG, Helen. [ORG]. **Teoria do Design Gráfico.** Tradução: Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo : Um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe.** São Paulo: Senac, 2006.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BRAGA, Marcos da Costa.[ORG]. **O papel social do design gráfico: história, conceitos e atuação profissional.** São Paulo: editora Senac, 2011.
- CARDOSO, Rafael. **Design Para um Mundo Complexo.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- FAILLA, Zoara. **Retratos da Lietura no Brasil 4.** Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- JR., Nilton Gamba. **Design de Histórias: O trágico e o projetual no estudo da narrativa.** Rio de Janeiro: Rio Book's, 2013.
- LINDEN, Sophie van der. **Para Ler o Livro Ilustrado.** Tradução: Dorothee de

Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

- LUPTON, Ellen. ***Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes.*** São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- PRADES, Dolores. ***Livro Tem Idade.*** Publishnews, 2012 – Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br>>. Acesso em 2 de junho de 2017.
- POYNOR, Rick. ***Abaixo as Regras: Design Gráfico e Pós Modernismo.*** Tradução: Mariana Bandarra. São Paulo: Bookman, 2010.
- TIBURI, Marcia. ***Feminismo em comum: Para todas, todes e todos.*** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- WOLF, Naomi. ***O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.*** Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.